

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 7 • 1997/1998



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1997/1998

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS
Volume 7 • 1997/1998 ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
PREFÁCIO - Isaltino Morais
MENSAGEM - Conselho Académico da Academia Portuguesa da História
FOTOGRAFIA - Autores assinalados
DESENHO - Bernardo Ferreira, salvo os casos
 devidamente assinalados
PRODUÇÃO - Luís Macedo e Sousa
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho
 de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras
 2780 OEIRAS

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E
REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 938 14 50
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

Estudos Arqueológicos de Oeiras,

7, Oeiras, Câmara Municipal, 1997/1998, pp. 89-153

A OCUPAÇÃO CAMPANIFORME DO POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA (OEIRAS)

João Luís Cardoso⁽¹⁾

1 - INTRODUÇÃO

Desde o início das escavações dirigidas pelo signatário no povoado pré-histórico de Leceia, em Agosto de 1983, que têm vindo a ser recolhidas, de maneira persistente, fragmentos de cerâmicas campaniformes. Com a identificação e escavação integral de duas estruturas habitacionais campaniformes, respectivamente em 1990/1994 e em 1995/1996, o volume de materiais para estudo foi muito aumentado, da mesma forma que o interesse da informação disponível, particularmente valorizada pelo facto de tais construções constituírem ocorrências únicas, até ao presente, no território português. Importava, pois, estudar de forma articulada e comparada o espólio campaniforme recolhido nos diversos *loci* que integram o povoado pré-histórico. Foi dada prioridade ao estudo do material cerâmico decorado, por constituir a componente mais expressiva daquele espólio; desta forma, o estudo do espólio lítico, ósseo e a cerâmica lisa, dita de acompanhamento, será apresentado noutra oportunidade.

2 - ESTRATIGRAFIA E ESTRUTURAS

Em Leceia (Fig. 1), devem considerar-se duas situações distintas no concernente à estratigrafia e modos de ocorrência das cerâmicas campaniformes: a zona intramuros e o espaço extramuros, onde se incluem as duas estruturas habitacionais já referidas.

Na zona intramuros, correspondente a área de cerca de 10.000 m², delimitada pela primeira linha defensiva, as cerâmicas campaniformes concentravam-se no núcleo do antigo povoado fortificado, numa

⁽¹⁾ *Da Academia Portuguesa da História. Professor da Universidade Aberta (Lisboa) e Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras.*

zona entre a segunda e a terceira linha defensiva (Fig. 2) e, sobretudo, no interior desta última, nos sítios não atingidos pela lavra de pedreira que, na segunda metade do século XVIII ali se instalou e foi responsável pela destruição das estruturas habitacionais que aí existiam. Por outras palavras, a distribuição das cerâmicas campaniformes na zona intramuros não se afigurava aleatória; ao contrário, a evidente concentração de tais materiais na área referida, correspondente ao núcleo do antigo povoado fortificado encontra estreito paralelismo na própria ocupação da estação no decurso do Calcolítico Pleno, facto que reforça as estreitas ligações entre aquela presença (horizonte das cerâmicas com decoração em “folha de acácia” e em “crucífera”) e a presença campaniforme.

Com efeito, como já em trabalhos anteriores se referiu (CARDOSO, 1994; CARDOSO, 1994a) os materiais cerâmicos campaniformes ocorrem, na zona intramuros, exclusivamente na parte superior da Camada 2, correspondente à terceira fase cultural identificada na estação, do Calcolítico Pleno da Estremadura. Tal constatação significa que a presença campaniforme, na área intramuros, se verificou numa altura em que todo o dispositivo defensivo se encontrava já francamente degradado e mesmo, nalguns casos, totalmente arrasado. Com efeito, as estruturas habitacionais do Calcolítico Pleno, circunscritas ao núcleo do antigo povoado fortificado do Calcolítico Inicial, aproveitaram troços de muralhas ainda de pé como elementos construtivos de circunstância; as escassas estruturas susceptíveis de se relacionarem com a presença campaniforme resumem-se a alguns alinhamentos de blocos, de planta rectilínea irregular, sem significado preciso, talvez correspondentes a pequenas cabanas, construídas sobre os derrubes da muralha mais interna, então já quase totalmente destruída.

As unidades habitacionais do Calcolítico Pleno escavadas nesta zona do povoado não revelaram a presença de quaisquer elementos campaniformes; o conjunto do espólio cerâmico decorado é dominado pela presença das cerâmicas com decorações em “folha de acácia” e em “crucífera”, as quais apenas se encontravam misturadas, com cerâmicas campaniformes na parte superior da respectiva camada (Camada 2). Este facto indica, inquestionavelmente, uma anterioridade da presença daquelas cerâmicas, relativamente às campaniformes, no núcleo do antigo povoado fortificado; porém, a coexistência entre os dois grupos cerâmicos é provável, como sugere a sua associação estratigráfica, a menos que tal situação se fique a dever a remeximentos ulteriores, hipótese plausível atendendo à posição quase superficial de tais materiais, e à utilização agrícola daqueles terrenos, até época recente.

É evidente a rarefacção das cerâmicas campaniformes no espaço situado entre a segunda e a primeira linha defensiva. Ao longo desta e na sua adjacência imediata, do lado externo, encontraram-se alguns materiais dispersos e fora do contexto original, de mistura com derrubes dos panos da muralha e dos bastiões da a ela exteriormente adossados.

Na zona extramuros, a presença campaniforme encontrava-se particularmente bem representada: ali se identificaram duas estruturas habitacionais cujo espólio cerâmico decorado era representado exclusivamente por elementos campaniformes. Trata-se da *Cabana EN*, orientada de NW para SE distanciada cerca de 10m do lado externo da *Muralha EH*, correspondente à primeira linha

defensiva e menos de 4m do *Bastião EI*. Trata-se de pequena unidade habitacional de planta oval, cujo eixo maior atinge 5m de comprimento, definida por alinhamento de blocos calcários muito irregulares, sem que se evidencie qualquer solução de continuidade que pudesse corresponder a entrada (Fig. 3). Nestas circunstâncias, é provável que aquela fosse definida por uma soleira sobreelevada. Tal alinhamento de blocos, sem dúvida relacionável com a fixação de uma superestrutura de troncos e ramagens que constiuía as paredes e a cobertura da cabana, encontra-se fundado em camada constituída por manto de blocos engrenados entre si, dispersos no terreno, correspondentes a derrubes da muralha calcolítica adjacente. As observações de terreno sugerem que aquela camada pedregosa, na altura aflorante, com uma potência máxima de cerca de 0,50m foi ligeiramente rebaixada na zona correspondente à cabana que se pretendia construir, de onde se poderiam ter extraído os blocos que serviram para a delimitar lateralmente (Fig. 4).

A *Cabana FM*, igualmente situada do lado externo da 1.^a linha defensiva, da qual dista cerca de 5m, com dimensões muito maiores, encontra-se orientada de NE-SW (Fig. 5): como a anterior, trata-se de estrutura de planta oval, cujo eixo maior atinge o comprimento máximo de 12m, porém mais complexa. Com efeito, o recinto era definido por um duplo alinhamento de blocos (Fig. 6) que constituem o embasamento da superestrutura vegetal desaparecida. Tal embasamento destinava-se a melhor suportar o peso da cobertura, por certo muito elevada atendendo ao vão que tinha de vencer, com cerca de 5m de diâmetro mínimo, sem que se tenham identificado fundações de postes para apoio da cobertura, no interior da cabana. O sistema construtivo seria pois idêntico ao identificado na cabana de menores dimensões, embora mais complexo, encontrando-se munido de uma porta com soleira (Fig. 7); tem paralelo em cabanas de época campaniforme de França (BARGE-MAHIEU, 1989), tendo a cabanas de maiores dimensões, com duplo embasamento, o seu melhor termo de comparação em cabana de Idade do Ferro da Alemanha, tanto o recinto externo como o interno desta última possuem entradas, funcionando como portas, embora não se apresentem alinhadas, do lado da extremidade ocidental (Fig. 7). Enfim, toda a estrutura se apresenta fundada na Camada 4, correspondente à ocupação do Neolítico Final identificada anteriormente noutros locais da estação (CARDOSO, 1994). Com efeito, apesar da proximidade da primeira linha defensiva, faltam as camadas correspondentes à ocupação do Calcolítico Inicial (Camada 3), coeva da construção e utilização da fortificação e à do Calcolítico Pleno (Camada 2), indicando que os derrubes das estruturas defensivas pouco espalhamento terão conhecido para este lado. Como é óbvio, o facto da estrutura se fundar directamente em camada do Neolítico Final por si só não significa que seja coeva da construção da fortificação calcolítica, também fundada em tal camada ou mesmo, ainda que parcialmente, no substrato geológico, situação que também se verifica esta estrutura.

Estas duas estruturas habitacionais, forçosamente de “vida curta”, talvez de uma ou duas gerações, forneceram um espólio doméstico puramente campaniforme: nisso reside um dos seus maiores interesses, potenciando, por outro lado, comparações com a sucessão crono-estratigráfica verificada intramuros.

3 – CRONOLOGIA ABSOLUTA

Os resultados cronométricos obtidos em Leceia, no decurso das dezasseis campanhas anuais de escavação já realizadas, entre 1983 e 1998, colocam este povoado pré-histórico entre os sítios mais importantes para a compreensão da génese e desenvolvimento das sociedades calcolíticas peninsulares. Entre os principais resultados científicos, sublinha-se a existência de uma sequência estratigráfica homogénea, observada invariavelmente, a qual, quando se encontra completa, é constituída por três camadas principais – Camada 4, 3 e 2 – directamente relacionadas com outras tantas fases culturais, respectivamente o Neolítico Final, o Calcolítico inicial e o Calcolítico Pleno.

A datação pelo radiocarbono de trinta e seis amostras indicadas no Quadro I, representativas das referidas camadas permitiu datar, com precisão, e pela primeira vez, as três fases culturais referidas e o estabelecimento cronológico da evolução da cultura material desde a segunda metade do IV milénio a.C. até ao final do milénio seguinte, na região da Baixa Estremadura portuguesa (CARDOSO & SOARES, 1996). Pode concluir-se que a edificação de todo o dispositivo defensivo, verificada logo no início do Calcolítico Inicial, se efectuou em torno de 2800 BC, situando-se a transição do Calcolítico Inicial para o Calcolítico Pleno cerca de 2600 BC, prolongando-se esta última fase cultural até cerca de 2200 BC, correspondendo a franca decadência das construções defensivas anteriores, acompanhada por marcada retracção do espaço habitado.

As duas cabanas campaniformes identificadas e escavadas na zona extramuros forneceram igualmente abundantes restos orgânicos que permitiam datação. Submetidos a análise duas amostras de ossos de animais recolhidos em cada uma delas, os resultados obtidos foram os seguintes (CARDOSO & SOARES, 1990/92):

Cabana EN: ICEN – 1241-3950±90 BP (= 2629-2176 BP para um intervalo de 2 *sigma*).

Cabana FM: Sac – 13174220±50 BP (= 2825-2654 BP para um intervalo de 2 *sigma*).

Estes resultados, cronologicamente idênticos aos obtidos para o Calcolítico Pleno, obrigam a repensar a cronologia de emergência do fenómeno campaniforme na região da Baixa Estremadura, bem como às relações entre os seus utilizadores, e as populações sediadas nos povoados fortificados da região. Com efeito, pode concluir-se que a plena afirmação das cerâmicas campaniformes em Leceia, na zona extramuros, se efectuou num período onde elas ainda não eram utilizadas no interior da fortificação, considerando ambas as datas, especialmente a correspondente à *Cabana FM*. Tais resultados conduzem à admissibilidade de as cerâmicas campaniformes, na região em apreço, remontarem a primeira metade do III milénio BC, hipótese que se encontra consubstanciada por outras datações apresentadas no Quadro II (CARDOSO & SOARES, 1990/92). Outra consequência dos resultados cronométricos obtidos é a de conduzirem à revisão do faseamento cultural do Calcolítico da Estremadura. Admitindo o princípio de que diferentes culturas materiais exprimem realidades culturais distintas, como explicar a existência, em Leceia, de contextos habitacionais exclusivamente campaniformes, situados no exterior de fortificação, estatisticamente coevos de outros, existentes na zona intramuros, e nos quais se encontram totalmente ausentes aquelas cerâmicas, visto só ocorrerem na parte superior da respectiva camada estratigráfica? É questão que adiante se discutirá.

QUADRO 1 – Datações absolutas pelo ^{14}C para o Neolítico final (Camada 4), o Calcolítico inicial (Camada 3) e o Calcolítico pleno (Camada 2) do povoado pré-histórico de Leceia (*In* CARDOSO & SOARES, 1996)

Ref. Laboratório	Tipo de amostra	$\delta^{13}\text{C}$ ‰	^{14}C (BP)	Data calibrada (cal BC)	
				1 σ	2 σ
CAMADA 4					
ICEN-827	carvão	-24,08	7930±60	7000-6620	7030-6560
ICEN-738	osso	-19,77	4630±45	3497-3351	3509-3147
ICEN-1160	"	-21,81	4630±60	3500-3350	3620-3110
ICEN-312	carvão	-20,22	4530±100	3370-3040	3610-2910
ICEN-313	"	-22,02	4520±130	3490-2930	3630-2880
ICEN-316	"	-23,39	4520±70	3350-3050	3490-2920
ICEN-1161	osso	-20,00	4440±50	3292-2927	3337-2917
ICEN-1159	"	-21,35	4430±50	3261-2925	3333-2915
ICEN-1158	"	-21,45	4320±60	3020-2880	3090-2710
CAMADA 3					
ICEN-674	carvão	-24,56	4370±60	3080-2910	3290-2880
ICEN-1173	osso	-20,50	4170±50	2878-2621	2888-2581
ICEN-91	"	-20,00	4130±60	2870-2580	2880-2490
ICEN-673	carvão	-24,95	4130±100	2880-2500	2920-2460
ICEN-675	"	-25,42	4100±90	2870-2490	2890-2410
ICEN-1175	osso	-19,85	4090±80	2870-2490	2880-2460
ICEN-1176	"	-20,02	4090±60	2860-2500	2880-2460
ICEN-1177	"	-21,12	4050±50	2615-2485	2860-2461
ICEN-1174	"	-21,20	3980±50	2563-2457	2587-2335
CAMADA 2					
ICEN-89	osso	-19,91	4200±70	2890-2630	2920-2580
ICEN-92	carvão	-24,56	4120±80	2870-2500	2890-2460
ICEN-1212	osso	-21,02	4110±70	2870-2500	2880-2470
Ly-4205	carvão	-	4030±120	2860-2410	2890-2200
ICEN-1220	osso	-20,05	4030±70	2620-2460	2870-2250
ICEN-1217	"	-22,64	4020±80	2620-2460	2870-2310
ICEN-95	Venus sp.	+1,34	3990±70	2580-2410	2850-2290
ICEN-102	Patella sp.	+1,68	3970±70	2570-2360	2840-2210
ICEN-1213	osso	-23,21	3970±70	2570-2360	2840-2210
ICEN-737	"	-19,56	3920±70	2470-2290	2580-2150
ICEN-1218	"	-23,37	3910±60	2470-2280	2570-2150
ICEN-1211	"	-25,05	3900±80	2470-2210	2580-2140
ICEN-1215	"	-20,90	3900±70	2470-2280	2570-2140
ICEN-1216	"	-21,22	3880±80	2460-2200	2570-2050
ICEN-1214	"	-26,21	3840±110	2460-2060	2580-1950
ICEN-314	carvão	-25,74	3770±130	2450-1980	2560-1780
ICEN-315	"	-21,91	3730±170	2450-1890	2580-1680
ICEN-1219	osso	-21,0	3660±50	2130-1940	2180-1890

NOTA: estes resultados encontram-se já corrigidos do efeito de reservatório oceânico. A idade aparente das conchas marinhas da costa portuguesa, durante a maior parte do Calcolítico, apresenta o valor de 380 ± 30 anos ^{14}C (SOARES, 1993).

QUADRO 2 – Datações de radiocarbono relacionadas com contextos campaniformes da Estremadura e do Sudoeste de Portugal

Ref. do Laboratório	Tipo de amostra	Contexto arqueológico	Data convencional de ¹⁴ C (anos BP)	Data calibrada*	
				Métodos da distribuição de probabilidades 1σ (cal BC)	2σ (cal BC)
Penha Verde					
W-656	Carvão	Casa 2	3420±200	1968-1501; 1480-1458	2282-1258; 1234-1224
ICEN-1275	Ossos	Indeterminado	4000±50	2573-2513; 2508-2461	2844-2827; 2620-2394; 2384-2341
Leceia					
Sac-1317	Ossos	Estrutura FM	4220±50	2890-2862; 2812-2740; 2727-2696	2913-2849; 2825-2654; 2645-2621
ICEN-1241	Ossos	Casa EN	3950±90	2570-2516; 2506-2302	2857-2818; 2666-2631; 2629-2176; 2167-2142
Zambujal					
GrN-7009	Carvão	Fase 2a	4200±40	2882-2862; 2812-2740; 2727-2696	2890-2850; 2825-2654; 2645-2621
GrN-6671	Carvão	Fase 2a	4170±55	2875-2854; 2821-2795; 2783-2661; 2637-2626	2884-2609; 2607-2590
GrN-7008	Ossos	Fase 2a-3c	3980±35	2560-2527; 2499-2458	2577-2400; 2373-2361
GrN-7002	Carvão	Fase 3a	4050±40	2612-2552; 2545-2492	2855-2820; 2663-2635; 2627-2464
GrN-7003	Carvão	Fase 3b	4055±40	2615-2552; 2545-2492	2856-2818; 2665-2631; 2629-2466
GrN-7004	Carvão	Fase 3b	3955±35	2561-2526; 2499-2464	2586-2452; 2422-2405
GrN-7005	Carvão	Fase 3c	4055±40	2615-2552; 2545-2492	2856-2818; 2665-2631; 2629-2466
GrN-6670	Carvão	Fase 3c/4a	4150±105	2876-2793; 2786-2610; 2599-2590	2925-2455
GrN-6669	Carvão	Fase 4b	4025±95	2858-2817; 2692-2679; 2667-2451; 2429-2403	2874-2797; 2781-2288
GrN-7007C	Carvão	Fase 4b	3950±65	2559-2529; 2497-2392; 2387-2336	2610-2597; 2590-2273; 2254-2205
GrN-6668	Carvão	Fase 4c	3625±65	2113-2088; 2039-1887	2176-2167; 2142-1860; 1846-1773
Porto Torrão					
ICEN-60	Ossos**	Estrato 1	4200±70	2889-2863; 2810-2746; 2725-2698	2912-2852; 2823-2658; 2640-2624
ICEN-61	Ossos**	(campaniforme)	4230±60		
ICEN-60/61***			4220±45		
Verdelha dos Ruivos					
GrN-10971	Ossos	Sepultura 2	3960±40	2557-2531; 2496-2450; 2442-2401; 2372-2365	2571-2515; 2507-2330
GrN-10972	Ossos	Sepultura 3	4100±60	2862-2812; 2740-2727; 2696-2568; 2518-2504	2873-2798; 2779-2711; 2709-2488
GrN-10973	Ossos	Sepultura 4	4000±35	2562-2525; 2500-2466	2588-2454; 2415-2407
ICEN-1242	Ossos	Indeterminado	3940±45	2481-2394; 2383-2342	2564-2523; 2501-2287
Hipogeu de Palmela					
GrN-10744	Fémur humano	Vaso "marítimo" (?)	4040±70	2850-2825; 2655-2644; 2622-2463	2870-2803; 2773-2717; 2705-2399; 2376-2355
OxA-5508	Alfinete de osso de cabeça postiça	Gruta 3	4050±60	2843-2827; 2652-2647; 2620-2469	2868-2805; 2771-2719; 2703-2455; 2412-2409

*Calibração segundo o programa CALIB Rev. 3.03 de STUIVER & REIMER (1993). Os intervalos sublinhados correspondem a uma maior probabilidade. ** A mesma amostra.

*** Média ponderada.

4 – CARACTERÍSTICAS DAS CERÂMICAS DECORADAS CAMPANIFORMES

Neste capítulo serão considerados todos os fragmentos de cerâmicas decoradas campaniformes recolhidos até ao presente (1999) nos diversos *loci* da estação arqueológica, cuja distribuição tipológica se apresenta no QUADRO III. Os principais resultados obtidos da respectiva análise podem sumarizar-se do seguinte modo:

- no interior da fortificação, recolheram-se 52 fragmentos campaniformes decorados (Figs. 8 a 13), constituindo quantitativo baixo, quando comparado com o correspondente às cerâmicas decoradas não campaniformes oriundas da mesma camada arqueológica. Apenas 6 fragmentos exibem decorações incisas, estando representados vasos campaniformes com decoração “marítima” (1) e linear (1), além de duas taças Palmela. No conjunto pontilhado, predominam largamente os vasos campaniformes com decoração “marítima” (22) seguido pelas caçoilas de ombro (12), encontrando-se ausentes as taças Palmela;
- no exterior da fortificação em zona imediatamente adjacente a primeira linha defensiva e na camada de derrubes a ela correspondente, recolheram-se 33 fragmentos campaniformes decorados (Figs. 14 a 20). A técnica pontilhada é apenas ligeiramente mais frequente que a incisa (18 contra 15 exemplares), continuando a ser os vasos campaniformes a pontilhado com decoração “marítima” o tipo mais frequente (6), seguidos pelas taças Palmela com decoração incisa (4). Esta tendência para o acréscimo das decorações incisas transparece também na zona adjacente à *Casa FM*, incluindo o recinto exterior daquela unidade habitacional: dos 55 fragmentos decorados campaniformes recolhidos, 31 apresentam a técnica incisa (Figs. 21 a 28). No conjunto, predominam as grandes caçoilas incisas (12), seguidas pelos vasos campaniformes com decoração “marítima” a pontilhado (6) e pelas taças Palmela incisas (5). Naturalmente, o conjunto campaniforme em causa, poderá não corresponder a uma única associação funcional, visto provir de zonas de derrube da antiga fortificação e do espaço exterior a esta, o qual poderia ter sido sucessivamente ocupado em épocas distintas. Desta forma, é limitado o uso cronológico e cultural que se possa fazer dos resultados obtidos, apesar da ausência de quaisquer outras cerâmicas decoradas, designadamente do Calcolítico Pleno;
- do recinto interno da *Casa FM*, correspondente ao espaço doméstico efectivamente ocupado, provém o conjunto mais numeroso de cerâmicas decoradas campaniformes: 109 fragmentos (Figs. 29 a 47). Ao contrário do anterior, este conjunto possui significado cronológico-cultural preciso, visto tratar-se de unidade habitacional, forçosamente de “vida curta”. As decorações obtidas pela técnica pontilhada, largamente dominantes (80), têm paralelo no registo correspondente ao interior da fortificação, onde tal preponderância é ainda mais marcada;
- por último, do interior da *Casa EN* provém o conjunto campaniforme menos numeroso, apenas constituído por 21 fragmentos decorados; predomina largamente a técnica incisa (15 exemplares),

aplicada predominantemente a taças Palmela (4), enquanto que, dos seis exemplares decorados a pontilhado, quatro pertencem a grandes caçoilas (Figs).

As diferenças observadas na distribuição tipológica das cerâmicas campaniformes pelos diversos *loci* possuem, naturalmente, significado cronológico-cultural que importa discutir.

QUADRO 3 – Leceia. Distribuição das cerâmicas campaniformes pelos diversos *loci* identificados

	Interior da fortificação		Exterior da fortificação		<i>Cabana FM</i> (interior)		<i>Cabana FM</i> (exterior)		<i>Cabana EN</i>		Totais
	Pontilhado	Inciso	Pontilhado	Inciso	Pontilhado	Inciso	Pontilhado	Inciso	Pontilhado	Inciso	
Vasos campaniformes M	22	1	6		13	3	6	1			52
Vasos campaniformes L	2	1			3		1			7	
Vasos campaniformes G						1		1			2
Caçoilas de perfil suave				1	1						2
Caçoilas carenadas	1		1	1	4	2	1	3	1	2	16
Caçoilas de ombro	12		1		11		2	3			29
Grandes caçoilas	1		4	3	2	3	1	12	4	2	32
Taças Palmela (s.l.)		2	4	4	7	7	1	5		4	35
Esféricos			1		1			1			3
Taças em calote	1		1		23	3	2	1		1	32
Inclassificáveis	7	2		6	15	10	10	4	1	6	59
Totais	46	6	18	15	80	29	24	31	6	15	269

Legenda: M – vasos marítimos com decoração em bandas preenchidas interiormente;
L – vasos marítimos com decoração linear; G – vasos de grandes dimensões.

5 – DISCUSSÃO

Tradicionalmente, considera-se a existência de um faseamento tripartido na génese e afirmação da presença campaniforme na Estremadura portuguesa. A fase mais antiga – o Grupo Internacional –

encontrar-se-ia representada pelo vaso campaniforme com decoração pontilhada “marítima” associada a caçoilas com decoração geométrica, igualmente obtida a pontilhado. Suceder-lhe-ia outra fase, na qual as produções de carácter local se acentuam (HARRISON, 1977, 1984) avultando as taças com lábio mais ou menos espessado, decoradas a pontilhado (taças Palmela): trata-se do Grupo de Palmela (SOARES & SILVA, 1974/77). A última fase seria caracterizada pela predominância das decorações obtidas pela técnica incisa, aplicadas a formas diversificadas, de marcado cunho regional. As taças Palmela afiguram-se agora de grandes dimensões, com lábio muito largo e aplanado, exuberantemente decorado: correspondem ao Grupo Inciso do faseamento daqueles autores.

Outros autores (BÜBNER, 1979), consideram ainda um último período, no qual já não se produziriam cerâmica, com decorações campaniformes, persistindo porém alguns dos elementos da sua cultura material (é o horizonte de Montelavar, no que à área estremente diz respeito): trata-se de momento que poderíamos designar por epicampaniforme (NOGUEIRA & ZBYSZEWSKI, 1943; JORGE, 1990; SCHUBART, 1971; NIETO-GALLO, 1985). Esta proposta de faseamento do fenómeno campaniforme do território português apresenta afinidades com sequências técnico-tipológicas elaboradas por diversos autores para regiões extra-peninsulares, na medida em que aceita, como estas, a crescente afirmação de estilos locais, de marcado regionalismo, a partir do momento inicial, caracterizado por formas paneuropeias, representadas pelos vasos “marítimos”, com decoração pontilhada. Porém, desde cedo se aceitou que estes grupos estilísticos não se sucediam linearmente no tempo sendo, ao contrário, evidente a coexistência de exemplares característicos de cada um deles; esta situação encontra-se plenamente comprovada pelo registo obtido em Leceia, especialmente na *Cabana FM*. Por outras palavras, tais grupos exprimem apenas tendências evolutivas de carácter geral. Aceitando a aplicação deste princípio a Leceia, haverá que coaduná-lo com as datações radiométricas obtidas nesta estação arqueológica, confrontando depois tais resultados com as observações efectuadas noutros arqueossítios da região em apreço. É o que se fará de seguida.

Os materiais campaniformes recolhidos no interior da fortificação, do ponto de vista tipológico, integram-se bem nos cânones do Grupo Internacional. As 18 datações disponíveis para a Camada 2, no topo da qual ocorrem tais materiais, situam-se entre $4200 \pm 70\text{BP}$ e $3660 \pm 50\text{BP}$, valores que correspondem aos intervalos, para 95% da probabilidade, de 2920-2580 e 2180-1890 AC, respectivamente. Estes valores extremos enquadram um valor mais provável localizado entre cerca de 2600 e 2300 anos a.C., fazendo uso do conceito de *floruit* de uma cultura ou fase cultural, correspondente ao intervalo central no decurso do qual teriam sido produzidos 50% de todos os objectos a ele correspondentcs (CARDOSO & SOARES, 1996).

Considerando agora o conjunto de cerâmicas decoradas campaniformes oriundas do interior da *Cabana FM* verifica-se que vasos campaniformes “marítimos” coexistem com taças Palmela, além de caçoilas de diversos tipos e pequenas taças em calote; a diversificação de formas regionais é pois evidente, ao mesmo tempo que as decorações incisivas assumem maior importância. Atendendo a tais características é lícito admitir que este conjunto, de curta diacronia pela própria natureza habitacional da estrutura de onde provém, seja mais moderno que o anterior. A datação correspondente obtida em

ossos de animais, porém, não torna evidente tal conclusão: o respectivo resultado (CARDOSO & SOARES, 1990/92) – Sac – 1317 – 4220±50 BP (= 2825-2654 BC para um intervalo de 95% de probabilidade) é parcialmente sobreponível aos resultados cronométricos da Camada 2 para um intervalo de probabilidade de 95%, correspondente a intervalo entre 2850 e 1950 BC (CARDOSO & SOARES, 1996).

Na *Cabana EN* as cerâmicas decoradas campaniformes evocam cronologia nitidamente mais recente que a da *Casa FM*, sugerida pela total ausência do vaso campaniforme “marítimo”, e pelo predomínio quase absoluto das decorações incisas. Esta realidade está em consonância com a data radiométrica obtida: ICEN-1241 – 3950±90 BP, correspondente ao intervalo de 2629-2176 BP, para uma probabilidade de 95% (CARDOSO & SOARES, 1990/92).

Vejamos agora como os resultados obtidos se podem integrar nos conhecimentos actuais sobre a cronologia absoluta do campaniforme na região estremenha e alentejana do território português, discutida em anterior trabalho (CARDOSO & SOARES, 1990/92).

No povoado fortificado de Vila Nova de São Pedro, Azambuja, considerado o sítio epónimo da cultura calcolítica pré-campaniforme da Estremadura portuguesa, A. do Paço, que ali conduziu escavações durante mais de 25 anos, é definitivo no concernente à presença das cerâmicas campaniformes: estas encontravam-se totalmente ausentes dos níveis arqueológicos correlativos da construção e utilização da fortificação, apresentando-se limitadas aos níveis de derrube superiores (PAÇO & SANGMEISTER, 1956); estas observações foram ulteriormente confirmadas por GONÇALVES (1994). A tipologia dos materiais campaniformes não foi ainda objecto de estudo aprofundado: segundo os elementos disponíveis, parece que a técnica pontilhada, aplicada sobretudo a vasos campaniformes “marítimos” e a çaoilas de padrão geométrico, é dominante. Infelizmente, também não se conhece a cronologia absoluta desta presença.

No povoado pré-histórico do Zambujal, Torres Vedras, as observações realizadas no decurso das escavações ali dirigidas por E. Sangmeister e H. Schubart, entre 1964 e 1973, conduziram a conclusões diferentes das obtidas em Vila Nova de São Pedro. Foram sumarizadas do seguinte modo (KUNST 1996, p. 280), dos momentos construtivos mais antigos para os mais recentes e no concernente às associações de cerâmicas decoradas encontradas:

- 1 – “Copos” cilíndricos exclusivos;
- 2 – “Copos” cilíndricos (frequentes) + “folha de acácia” (raras);
- 3 – “Copos” cilíndricos (frequentes) + “folha de acácia” (frequentes) + campaniformes (raros);
- 4 – “Folha de acácia” (frequentes) + campaniformes (frequentes) + “copos” cilíndricos (raros, sempre em posição secundária);
- 5 – Campaniformes (frequentes) + “folha de acácia” (pouco frequente) + “copos cilíndricos” (ausentes ou muito raros).

Da sucessão descrita, avultam as seguintes conclusões principais:

- 1 – Apenas na fase inicial de construção e ocupação do Zambujal não se encontram representadas cerâmicas campaniformes.
- 2 – As cerâmicas campaniformes coexistem seguramente com as cerâmicas com decoração em “folha de acácia”, características do Calcolítico Pleno estremenho, não sendo todavia claro se também foram usadas simultaneamente com os “copos”, recipientes típicos do Calcolítico Inicial.
- 3 – Verifica-se uma frequência progressiva das cerâmicas campaniformes ao longo da sequência, com o tempo.

Do ponto de vista tipológico, predominam largamente, como em Vila Nova de São Pedro, os vasos campaniformes “marítimos” com decoração a pontilhado (KUNST, 1987). A presença campaniforme estender-se-ia, no Zambujal, desde a Fase construtiva 2A até à Fase 4C. Tal lapso de tempo encontra-se balizado pelos seguintes intervalos (para 95% da probabilidade): 2825-2654 BP e 2142-1860 BP, correspondentes, respectivamente, às datas GrN – 7009 – 4200±40 BP e Grn – 6668 – 3625±65 BP. HARRISON (1988) seleccionou seis datas radiocarbónicas do Zambujal, directamente relacionáveis com a presença de vasos campaniformes “marítimos” na estação, desde a Fase construtiva 3 até à 4b. A média ponderada deste conjunto, 4040±20 BP corresponde a sete intervalos calibrados, todos de curta expressão temporal, o primeiro entre 2850 e 2825 BC, o último entre 2505-2495 BP. Esta dispersão deve-se ao facto de a curva de calibração apresentar numerosas oscilações para a época em apreço, tornando-se quase horizontal (CARDOSO & SOARES, 1990/92, Fig. 10); seja como for, o autor considera a emergência das cerâmicas campaniformes na Estremadura, como em outras zonas da Península Ibérica, em cerca de 2650 BC. Recentemente, tal emergência foi mesmo ligeiramente recuada (HARRISON & MEDEROS MARTIN, 1998), ao mesmo tempo que se admitia a dificuldade de separar cronologicamente os diversos grupos ou estilos campaniformes. A aceitar a validade de tais resultados, as primeiras manifestações campaniformes no Zambujal ter-se-iam produzido em plena primeira metade do III milénio BC, conclusão que condiz com a referente a Leceia e ao povoado de Porto Torrão, Ferreira do Alentejo, cuja ocupação campaniforme foi também situada, para um intervalo de 95%, de confiança entre 2823 e 2658 BC correspondente à data ICEN – 60/61 – 4220±45 BP (CARDOSO & SOARES, 1990/92).

Desta forma, somos levados a admitir para as cerâmicas campaniformes no Ocidente peninsular uma cronologia bastante mais antiga que aquela que, tradicionalmente, lhe vinha sendo atribuída. Esta conclusão tem paralelo noutros sítios campaniformes da Península Ibérica (HARRISON, 1988; HARRISON & MEDEROS MARTIN, 1998).

Na região de Lisboa, importa ainda valorizar as quatro datas radiocarbónicas obtidas sobre ossos humanos da necrópole campaniforme em gruta natural de Verdelha dos Ruivos (CARDOSO & SOARES 1990/92):

GrN-10971-3960±40 BP
GrN-10972-4100±60 BP
GrN-10973-4000±35 BP
ICEN-1242-3940±45 BP

A calibração destas datas para um intervalo de confiança de 95% faz situar as respectivas tumulações no 3.º quartel do III milénio BC, exceptuando-se a data mais antiga, para a qual se obteve o intervalo mais provável de 2709-2488 BP. Tais resultados parecem de acordo com o facto de ali estarem representados apenas materiais campaniformes tardios, predominando as taças Palmela incisas (LEITÃO *et al.*, 1984). Nesta medida, confirmam a data obtida para a *Cabana EN* de Leceia.

As considerações anteriores conduzem a admitir uma cronologia para a afirmação dos primeiros campaniformes na região estremenha em torno de 2700 BC, representados por vasos e caçoilas do estilo “marítimo” e linear decorados a pontilhado encontrando-se as cerâmicas com decorações cordadas completamente ausentes.

A adaptação das novas técnicas e temáticas decorativas a formas de marcado regionalismo como a taça Palmela – que só esporadicamente ultrapassa a região do Tejo e do Sado, onde é muito abundante – e suas variantes deverá ter-se processado muito rapidamente: com efeito, não seria necessário mais do que uma dezena ou vintena de anos para que tais “novidades” pudessem ser totalmente “apropriadas” pelos artífices locais, sem que, contudo tal opção implicasse o completo abandono das temáticas decorativas cerâmicas do Calcolítico Pleno; tal conclusão é ilustrada pela coexistência de ambos os grupos cerâmicos nos níveis superiores do povoado calcolítico da Rotura, Setúbal (SILVA 1971; GONÇALVES, 1971). Pelo que se disse, parece improvável que, na região do Tejo e Sado alguma vez se possa isolar estratigraficamente um conjunto “marítimo” puro: nesta região, os vasos campaniformes associam-se, por via de regra, em maior ou menor grau, a formas locais com decoração pontilhada, configurando um “Grupo de Palmela” (SOARES & SILVA 1974/77), podendo ser também, chamado de Chibanes (BÜBNER, 1979) de forma mais alargada do que a anteriormente considerada. A total ausência, em alguns conjuntos cerâmicos exclusivamente com decoração pontilhada, de vasos campaniformes “marítimos” como o oriundo do povoado de Malhadas, Palmela (SOARES & SILVA, 1974/77), pode explicar-se facilmente pela escassa amostragem ali recolhida (não dispomos de quaisquer elementos quantitativos sobre o material especializado daquele pequeno sítio). Estes considerando têm estreito equivalente nas conclusões de HARRISON & MEDEROS MARTIN (1998), ao atribuírem ao Grupo de Ciempozuelos – equivalente mesetenho do Grupo de Palmela – larga diacronia, indissociável da que anteriormente o primeiro dos autores tinha conferido ao Grupo “Marítimo” (HARRISON, 1988). O conjunto cerâmico campaniforme oriundo da *Cabana FM* de Leceia inscreve-se em tal grupo, visto de forma mais abrangente do que a admitida até ao presente.

Enfim, as cerâmicas campaniformes do Grupo Inciso – o mais recente das periodizações admitidas por diversos autores (SOARES & SILVA, 1974/77; BUBNER 1979) – têm equivalentes nas decorações especializadas, de carácter marcadamente regional, do grupo de Carmona (HARRISON, 1988) também

predominantemente incisas, que aquele autor situou entre 2400 e 2100 BC. As datas obtidas para o conjunto campaniforme inciso exumado na gruta sepulcral da Verdelha dos Ruivos fazem recuar, porém, a cronologia deste grupo cerâmico em Portugal para o terceiro quartel do III milénio a.C., com terminus provável antes de 2250 BC, e, em qualquer caso, antes do fim do milénio como também indica a data obtida para a *Cabana EN* de Leceia. Em apoio desta conclusão pode invocar-se a data radiocarbónica obtida sobre ossos do povoado do Bronze Pleno do Catujal, Loures, situado a escassos km de distância daquela gruta sepulcral e pertencente a fase cultural obviamente posterior à representada naquele com estreitas afinidades com o Bronze do Sudoeste (CARDOSO, 1994b): ICEN – 843 – 3570±45 BP, correspondente ao intervalo para 95% de confiança de 2028-1752 BC.

Uma última observação: a ausência da taça Palmela em contextos campaniformes cada vez mais distantes do foco de tal tipo cerâmico nada diz quanto à eventualidade de poderem ser mais antigos daqueles, onde ocorra, tendo presente a nítida incidência geográfica da sua distribuição, em torno dos estuários do Tejo e do Sado.

6 – CONCLUSÕES: A EVOLUÇÃO ECONÓMICO-SOCIAL DA FORMAÇÃO CAMPANIFORME NA ESTREMADURA

A plena afirmação da presença campaniforme na Estremadura –verificada, segundo os elementos cronométricos disponíveis – por meados do III milénio BC encontra-se tradicionalmente conotada com o declínio da cultura pré-campaniforme de Vila Nova de São Pedro. Na verdade, o início do declínio dos centros populacionais fortificados mais importantes, onde se concentrava a população, verifica-se antes daquela presença, ou pelo menos é dela independente, como se conclui das observações realizadas em Leceia (CARDOSO, 1994), onde tal decadência é evidente desde os primórdios do Calcolítico Pleno, tanto a nível das construções habitacionais como, sobretudo, das defensivas, em contextos de onde as cerâmicas campaniformes se encontram totalmente ausentes. Assim sendo, o declínio aludido explica-se por razões inerentes à própria evolução da sociedade calcolítica pré-campaniforme da área estremenha. Muito mais móveis e por isso melhor adaptadas às limitações impostas pelas condições ambientais envolventes – a começar pela própria dependência dos recursos naturais ali potencialmente disponíveis – as primeiras comunidades campaniformes que ocuparam a região, no decurso do segundo quartel do III milénio a.C. corporizam uma nova ordem económica, já não baseada no modelo demográfico e económico anterior, baseado em grandes povoados fortificados, o qual determinou o seu próprio declínio. Tal foi a resposta à situação prevalecente, caracterizada pela mútua competição inter-povoados, determinando um estado de permanente tensão social, agravada pela ausência de um poder político hierarquizado e centralizado. A fissão desta estrutura social foi, pois, determinada por razões endógenas, próprias da sociedade calcolítica pré-campaniforme, e inerentes à sua evolução interna, à qual as comunidades campaniformes foram completamente estranhas, embora tivessem assumido

plenamente a nova ordem demográfica, imposta pelas circunstâncias, para a qual se encontravam naturalmente preparadas; tal facto encontra-se evidenciado pelo registo arqueológico disponível caracterizado pela multiplicação de pequenos “habitats” abertos situados nas planícies ou encostas suaves, de que se conhecem numerosos exemplos na região imediatamente a Norte de Lisboa, nos concelhos de Oeiras, Cascais, Sintra e Mafra.

Em tais sítios, predominam largamente as cerâmicas campaniformes incisais (CARDOSO, NORTON & CARREIRA, 1996; CARREIRA, CARDOSO & LOPES 1996; CARDOSO & CARREIRA, 1996; CARREIRA & LOPES, 1994), atestando a sua relativa modernidade. Porém, ainda que a expressão numérica de tais testemunhos seja em geral reduzida, a sua dispersão pelos vastos e férteis terrenos da região referida, indicia a ocupação estável e permanente dos territórios assim constituídos, por parte de comunidades de pastores e agricultores, assumindo a prática da ceralicultura extensiva papel naturalmente importante, como é indicado pela presença de elementos de foice sobre lâminas de sílex. Por outro lado, os escassos elementos arqueozoológicos disponíveis, indicam a presença de ovinos/caprinos e de grandes bovídeos domésticos (SOARES & SILVA, 1974/77, p. 106; CARDOSO, NORTON & CARREIRA, 1996), estes últimos incompatíveis com sazonalidade ou ocupações temporárias. Desta forma, o abandono dos grandes sítios fortificados, longe de constituir uma regressão no grau de desenvolvimento tecnológico ou económico atingido no decurso do Calcolítico Inicial, foi simplesmente a resposta encontrada que viabilizou a plena afirmação de todas as capacidades produtivas e de exploração dos recursos naturais potencialmente disponíveis nos respectivos territórios, assegurando desta forma a sobrevivência das próprias comunidades. Efectivamente, já anteriormente se tinha verificado discordância entre a pujança da cultura material da comunidade do Calcolítico Pleno que permaneceu em Leceia e a qualidade construtiva das respectivas habitações, cuja degradação acompanha o declínio da própria fortificação (CARDOSO, 1994). Parece, pois, haver independência no decurso do Calcolítico entre os fenómenos de intensificação económica e o de fortificação, a qual é plenamente afirmada pelas populações campaniformes tão bem corporizadas pelas duas cabanas que edificaram no exterior da fortificação de Leceia, contemporâneas das populações de tradição cultural mais antiga, que ainda ocupavam o espaço intramuros. Com efeito, é bem conhecida a presença, pela primeira vez, de produtos manufacturados de evidente circulação transregional, que demonstram o poder aquisitivo destas comunidades: o chamado “pacote” campaniforme; tais peças acompanham a plena afirmação das actividades metalúrgicas do cobre, produto inexistente na Estremadura, cuja origem alentejana implica a manutenção da rede de trocas estabelecida anteriormente, desde o Neolítico Final.

Por outro lado, a presença, cada vez mais importante de armas, encontra-se evidenciada nos derradeiros momentos do Campaniforme por punhais ou adagas, como o encontrado em uma sepultura cistóide de Montelavar, Sintra (NOGUEIRA & ZBYSZEWSKI, 1943), com paralelos tanto no Norte do País, como a célebre sepultura da Quinta da Água Branca, Vila Nova de Cerveira (FORTES, 1906), na qual se recolheu também uma lâmina de punhal ou adaga, acompanhada de jóias auríferas, como no Sul onde corresponde ao horizonte de Ferradeira (SHUBART, 1971). Tal situação sugere continuidade e

até intensificação do processo de diferenciação social observado no decurso de todo o Calcolítico, exactamente o contrário do que poderia ser sugerido pelo declínio, seguido do abandono dos imponentes sítios fortificados, caso fossem considerados isoladamente. Tratar-se-ia, pois, de uma sociedade cada vez mais complexa, prenunciadora de estrutura social plenamente afirmada na Idade do Bronze, de maior contenção conflitual e não de competição generalizada, que esteve na origem, como se disse, do fracasso do modelo social precedente. Esta transição no sentido de uma nova ordem social foi protagonizada, na Baixa Estremadura, pela sociedade campaniforme.

BIBLIOGRAFIA

- BARGE-MAHIEU, H. (1989) – L'habitat perché et les cabanes campaniformes des Calades (Orgon, Bouches-du-Rhône): In: D'ANNA, A. & GUTHERZ, X. (ed.), *Enceites, habitats ceinturés, sites perchés du Néolithique au Bronze Ancien dans le Sud de la France et les régions voisines* (Aix-en-Provence, 1987). Mém. Soc. Languedocienne de Préhistoire, 2, Montpellier, p. 231-237.
- BUBNER, T. (1979) – Ocupação campaniforme do Outeiro de São Bernardo. *Ethnos*, 8, p. 139-151.
- CARDOSO, J.L. (1994) – *Leceia 1983-1993. Escavações do povoado pré-histórico*. Estudos Arqueológicos de Oeiras, número especial. Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras 164 p.
- CARDOSO, J.L. (1994a) – L'habitat chalcolithique fortifié de Leceia. *Les Dossiers de l'Archéologie*, 198, p. 10-15.
- CARDOSO, J.L. (1994b) – Investigação arqueológica na área de Lisboa; Os últimos dez. anos. *Al-Madan*, série II, 3, p. 59-74.
- CARDOSO, J.L. & CARREIRA, J.R. (1996) – Materiais campaniformes e da Idade do Bronze do concelho de Sintra. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 317-340.
- CARDOSO, J.L. & SOARES, A. Monge (1990/92) – Cronologia absoluta para o campaniforme da Estremadura e do Sudoeste de Portugal. *O Arqueólogo Português*, série IV, 8/10, p. 203-228.
- CARDOSO, J.L. & SOARES, A.M. Monge (1996) – Chronologie absolue pour le Néolithique et le Chalcolithique de l'Estremadura portugaise – la contribution de Leceia. *Revue d'Archéométrie*, supplément, p. 45-50.
- CARDOSO, J.L.; NORTON, J. & CARREIRA, J.R. (1996) – A ocupação calcolítica do Monte do Castelo (Leceia, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 287-299.
- CARREIRA, J.R. & LOPES, F. P. (1994) – A ocupação pré-histórica de Casas Velhas (Mafra). *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1993), 2, p. 137-146.

- CARREIRA, J.R.; CARDOSO, J.L. & LOPES, F.P. (1996) – A estação pré-histórica do Casal de Barronhos (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 301-316.
- FORTES, J. (1906) – La sépulture de Quinta da Água Branca près Porto (Portugal) (Age du Cuivre). *Révue Préhistorique* (Paris), 5, 21p. (separata).
- GONÇALVES, V.S. (1971) – *O castro da Rotura e o vaso campaniforme*. Setúbal, Junta Distrital de Setúbal, 199 p.
- GONÇALVES, V.S. (1994) – O castro de Vila Nova de S. Pedro. Um típico povoado calcolítico fortificado do 3.^o milénio. In: *Lisboa Subterrânea*, A. M. Arruda (ed.), Lisboa, Museu Nacional da Arqueologia, p. 49-51.
- HARRISON, R.J. (1977) – *The Bell Beaker cultures of Spain and Portugal*. Massachusetts, Peabody Museum (Bulletin of the American School of Prehistoric Research, 35), 257 p.
- HARRISON, R.J. (1988) – Bell Beakers in Spain and Portugal: working with radiocarbon dates in the 3rd millenium BC. *Antiquity*, 62, p. 464-472.
- HARRISON, R.J. & MEDEROS MARTIN, A. (1998) – Bell Beakers and differential social complexity in central Spain. *Bell Beakers Today, International Colloquium*, Riva del Garda, Italy (1988), Abstracts, p. 21-23.
- JORGE, S. OLIVEIRA (1990) – Complexificação das sociedades e sua inserção numa vasta rede de intercâmbios. In: *Nova História de Portugal*, J. Serrão & A. H. Oliveiras Marques (dir.), 1, *Portugal, das Origens à Romanização*, p. 213-251.
- KUNST, M. (1987) – *Zambujal. Glockenbecker und kerbblattverzierte keramik aus den grabungen 1964 bis 1973*. Madrider Beiträge 5.2. Mainz, Philipp von Zabern, 367 p.
- KUNST, M. (1996) – As cerâmicas decoradas do Zambujal e o faseamento do Calcolítico da Estremadura portuguesa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 257-287.
- LEITÃO, M.; NORTH, C.T.; NORTON, J.; FERREIRA, O da Veiga & ZBYSZEWSKI, G. (1984) – The prehistoric burial cave at Verdinha dos Ruivos (Vialonga), Portugal. In: *L'Age du Cuivre Européen, civilisations a vases campaniformes*, J. Guilaine (ed.), Toulouse, Centre National de la Recherche Scientifique, p. 221-239.
- NIETO-GALLO, G. (1985) – La Peninsula Ibérica en el II Milénio antes de Cristo. In: *Historia General de España y America*, 1 (1), Madrid, Ediciones RIALP, S.A., p. 351-428.
- NOGUEIRA, A. Mello & ZBYSZEWSKI, G. (1943) – Túmulo da época do Bronze. *Comunic. Serv. Geol. Portugal*, 24, p. 95-97.

- PAÇO, A. do & SANGMEISTER, E. (1956) – Vila Nova de S. Pedro – eine befestigte Siedlung der Kupferzeit in Portugal. *Germania*, 34 (3/4), p. 211-230.
- SCHUBART, H. (1971) – O Horizonte de Ferradeira. *Revista de Guimarães*, 81 (3/4), p. 189-215.
- SILVA, C. Tavares da (1971) – O povoado pré-histórico da Rotura. Notas sobre a cerâmica. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970), 2, p. 175-192.
- SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1974/77) – O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*, série III, 7/9, p. 102-112.

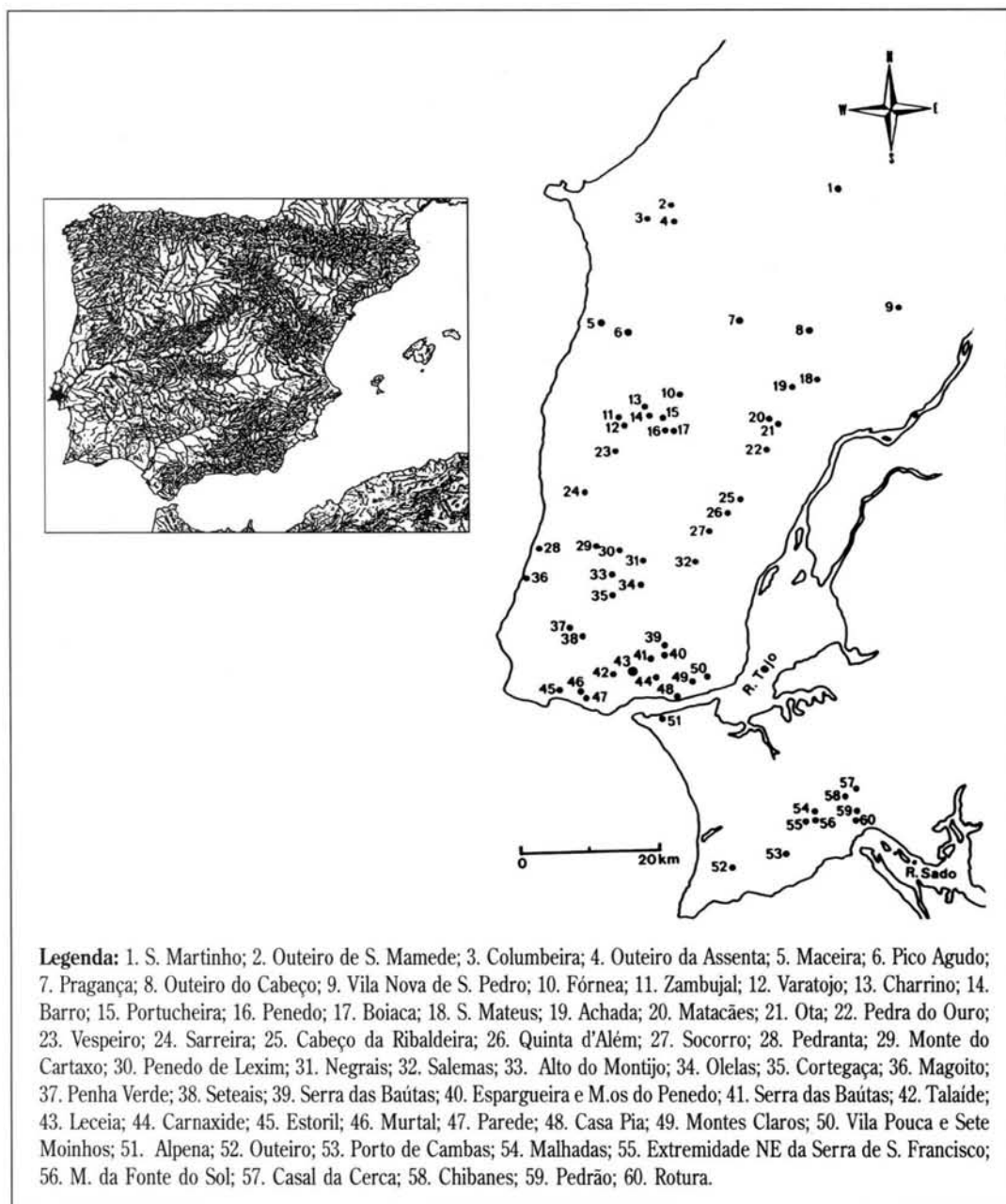


Fig. 1 – Localização do povoado pré-histórico de Leceia na Península Ibérica e no contexto dos principais povoados calcolíticos da Estremadura Portuguesa (seg. CARDOSO, 1997).

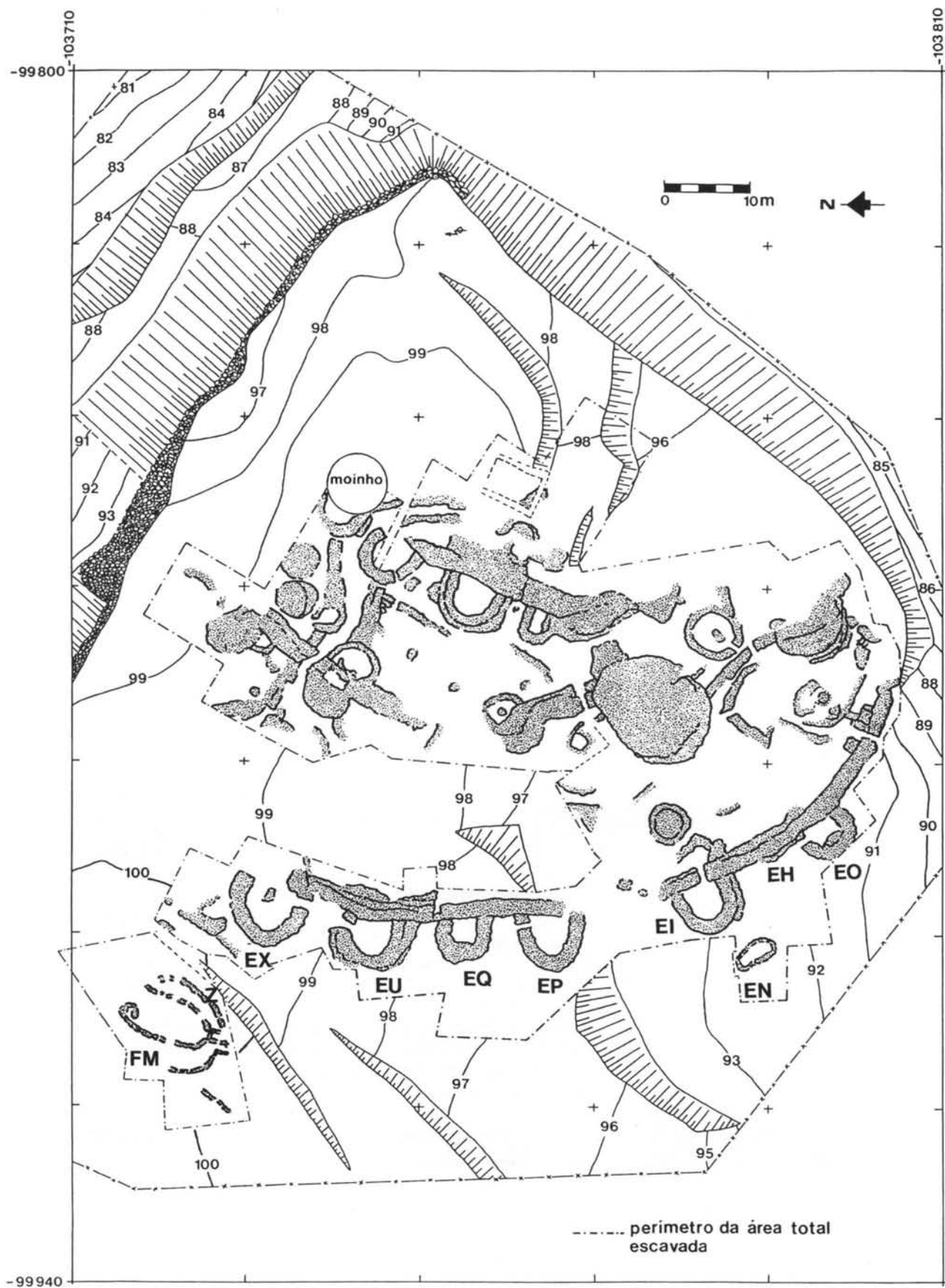


Fig. 2 – Leceia. Planta geral e esquemática da fortificação calcolítica, com menção das estruturas relacionadas com a ocorrência de cerâmicas campaniformes.

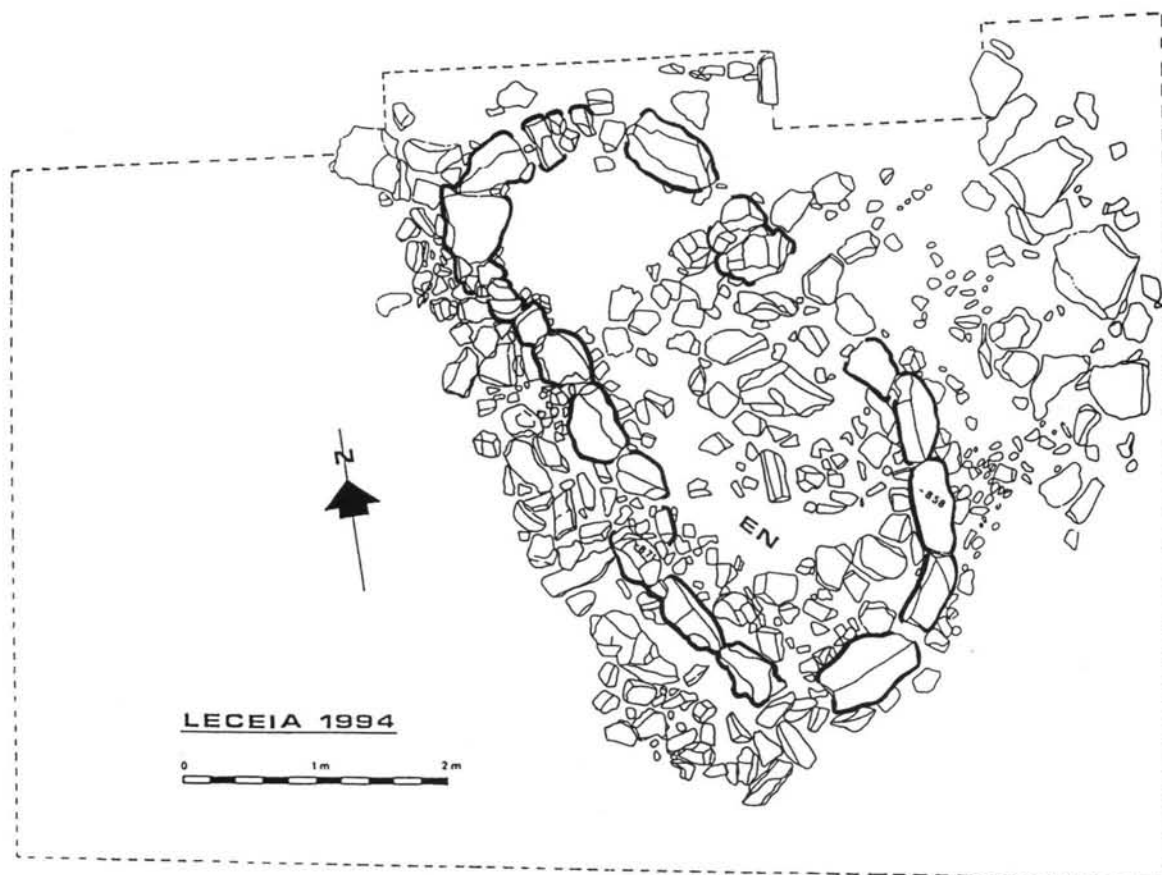


Fig. 3 – Leceia. Planta da *Cabana EN*.



Fig. 4 – Leceia. Vista geral da *Cabana EN*, antes de ter início a escavação do seu interior. Foto de J. L. Cardoso.



Fig. 5 - Leceia. Planta da Cabana FM.



Fig. 6 – Leceia – *Cabana FM*. Vista parcial, observando-se o duplo alinhamento de blocos calcários, que definem o contorno do primitivo embasamento no terreno. Foto de J. L. Cardoso (1996).



Fig. 7 – Leceia – *Cabana FM*. Pormenor da entrada no recinto interno, definida por soleira, constituída por lage disposta transversalmente, ao centro. Foto de J. L. Cardoso (1996).

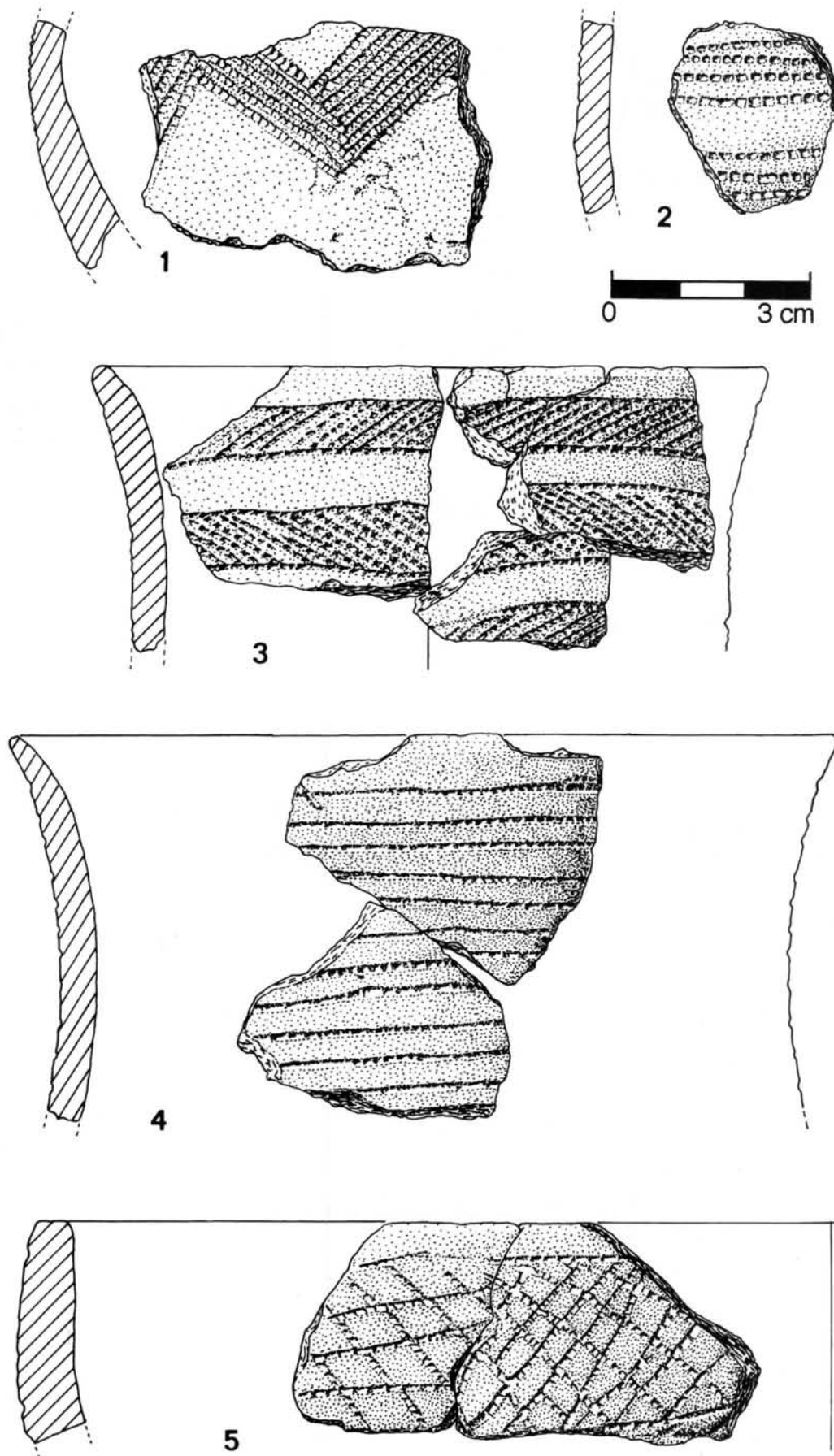


Fig. 8 – Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do interior da fortificação.

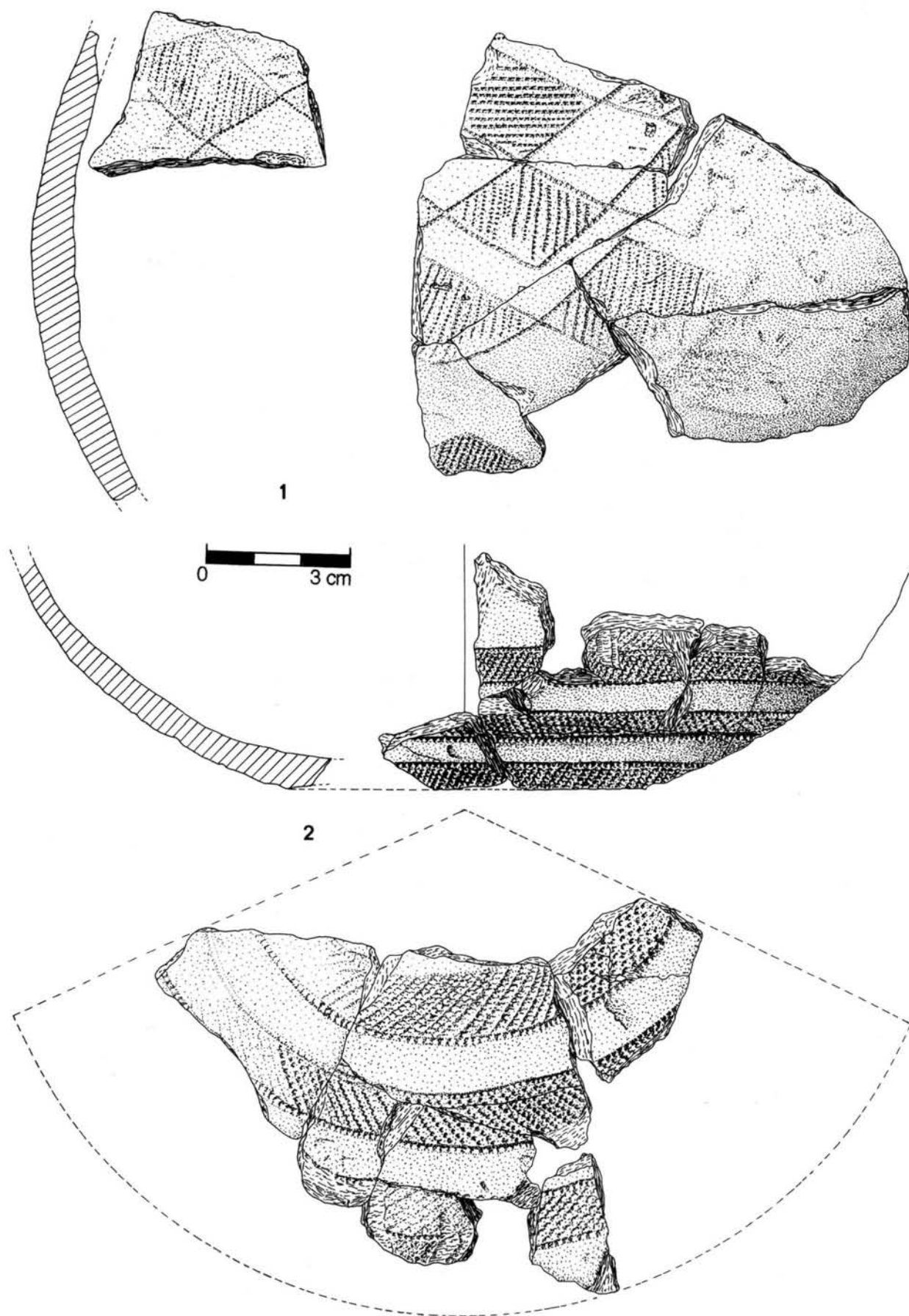


Fig. 9 - Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do interior da fortificação.

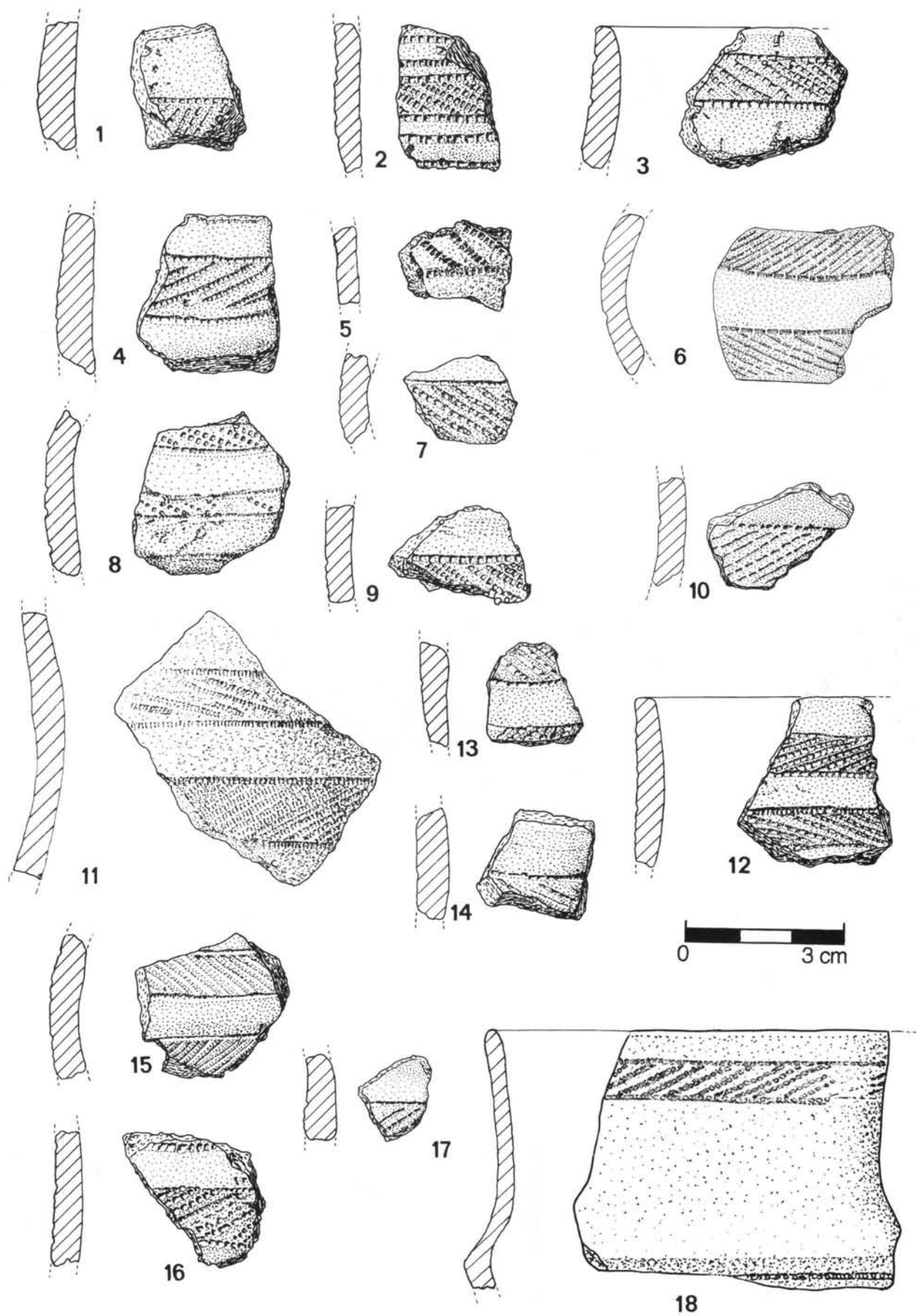


Fig. 10 – Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do interior da fortificação.

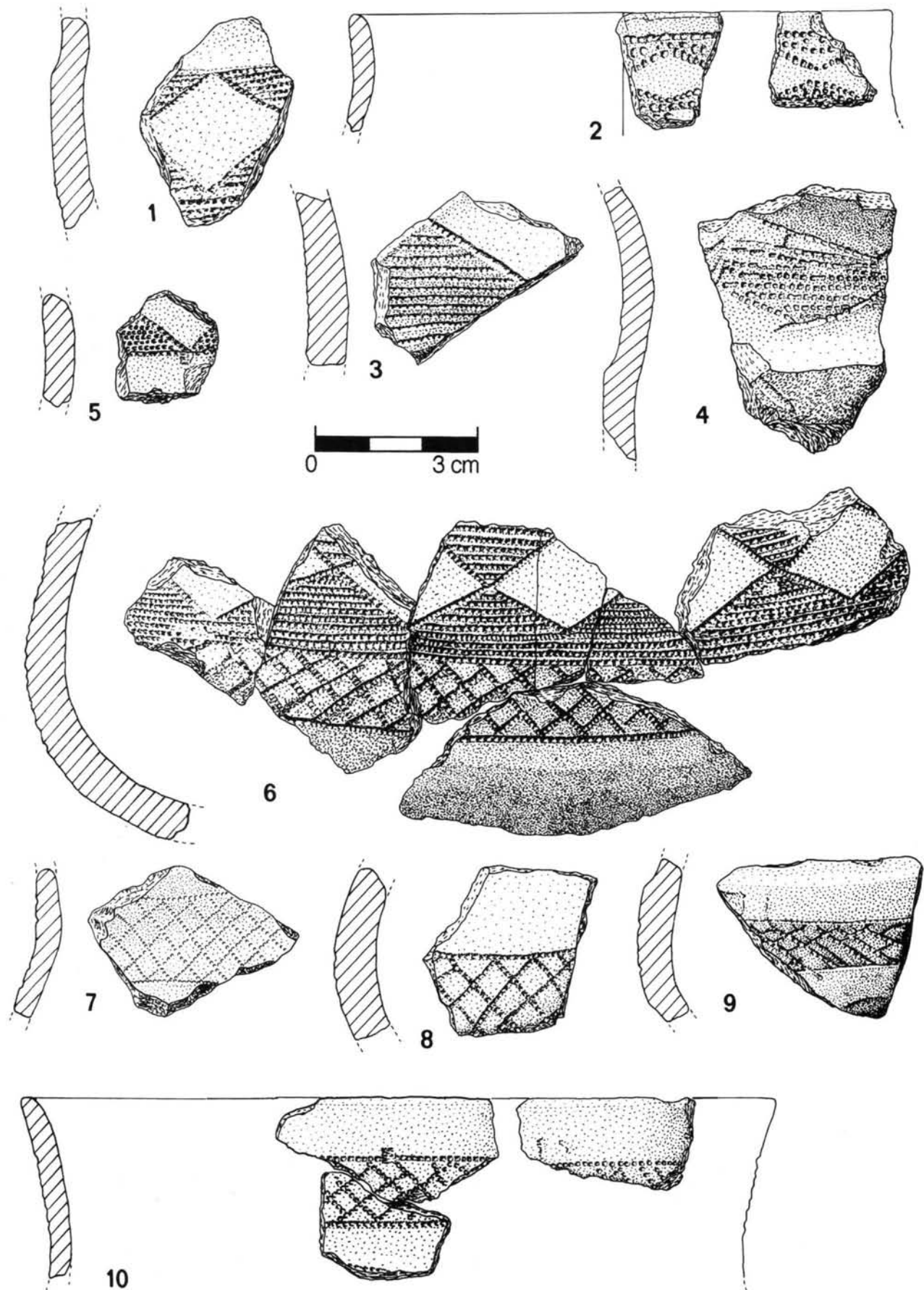


Fig. 11 – Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do interior da fortificação.

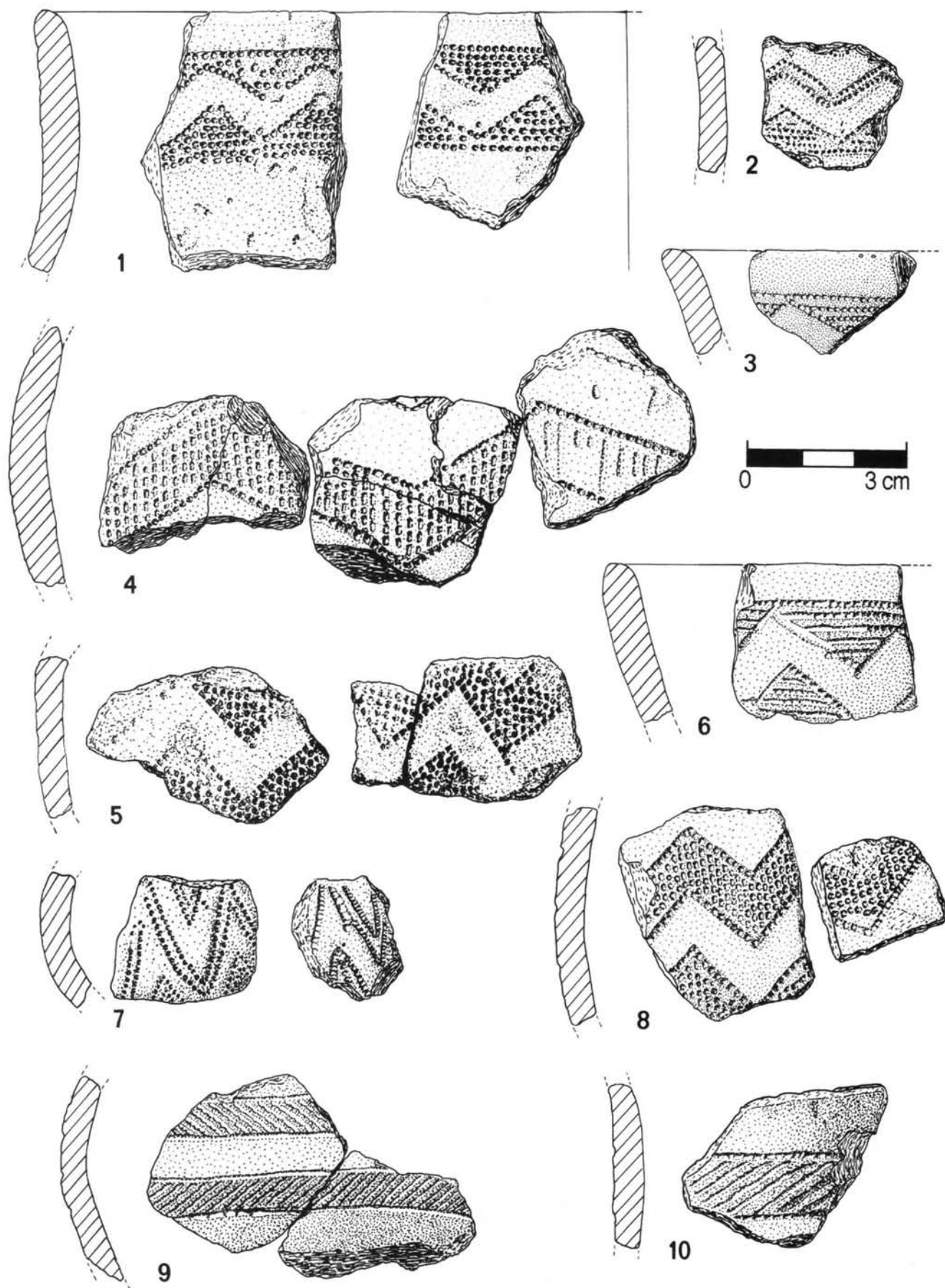


Fig. 12 - Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do interior da fortificação.

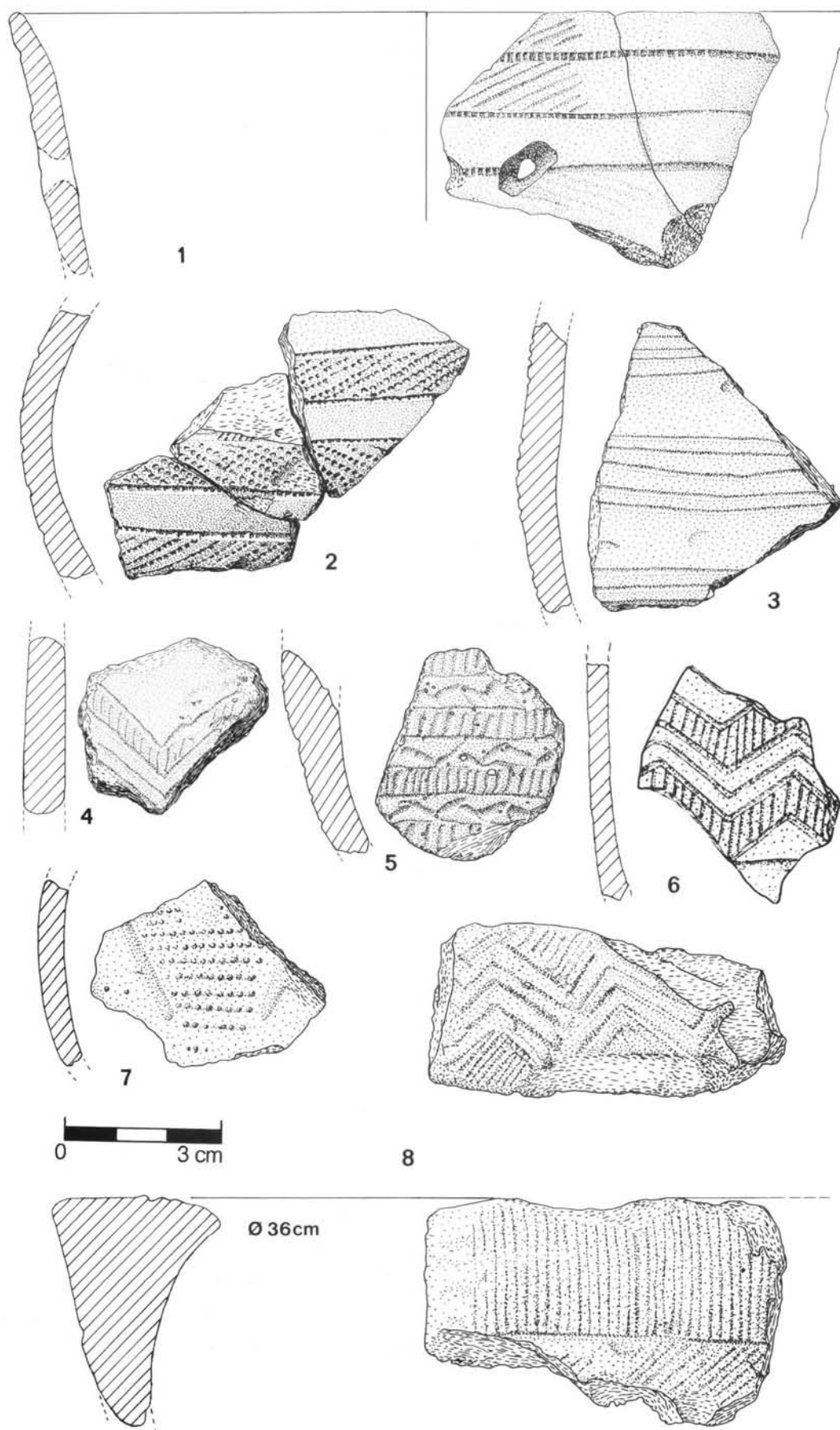


Fig. 13 – Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do interior da fortificação.

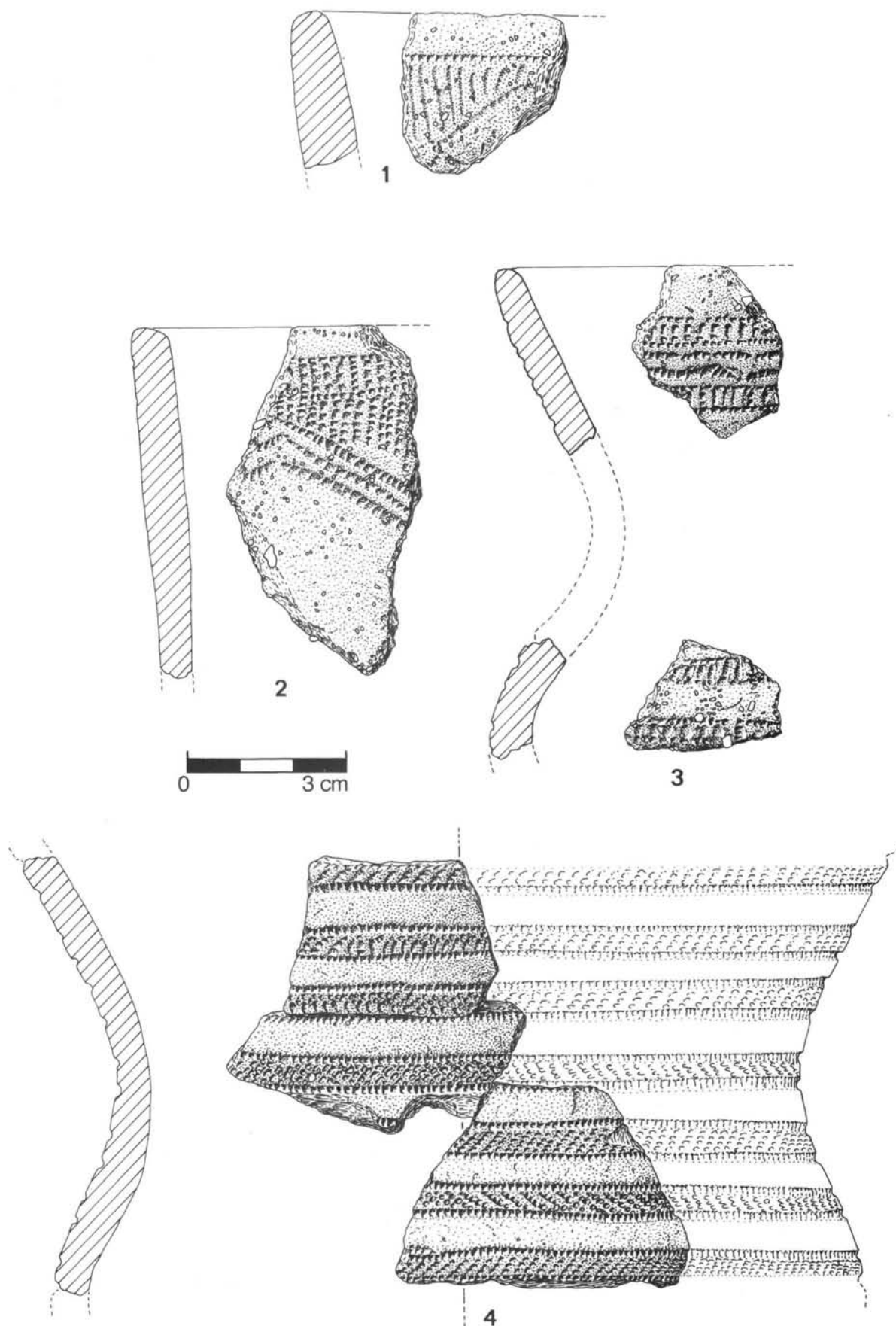


Fig. 14 – Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do interior da fortificação (zona fronteira à *Muralha FN*, a Nordeste do *Bastião EX*).

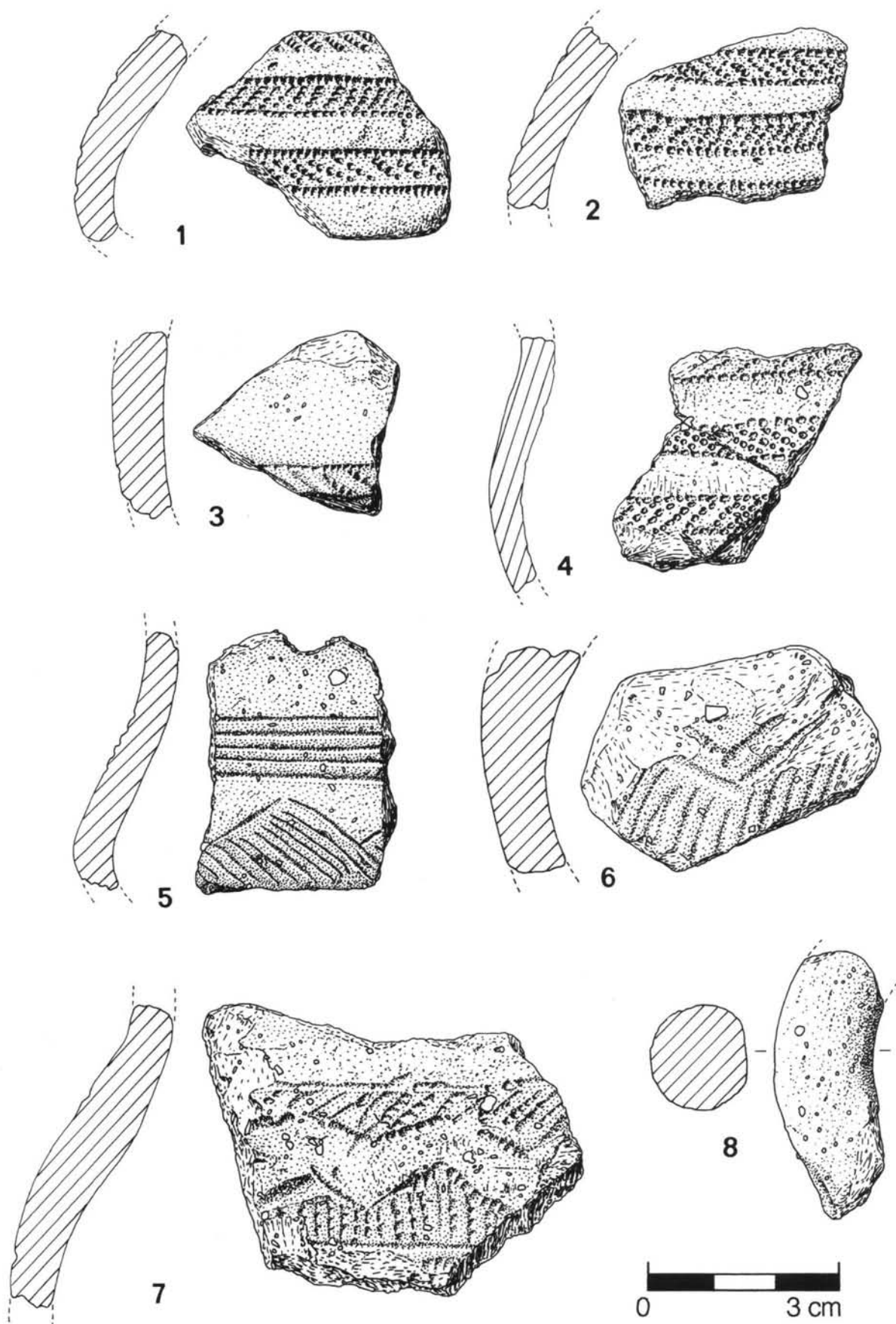


Fig. 15 – Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do interior da fortificação (zona fronteira à *Muralha FN*, a Nordeste do *Bastião EX*).

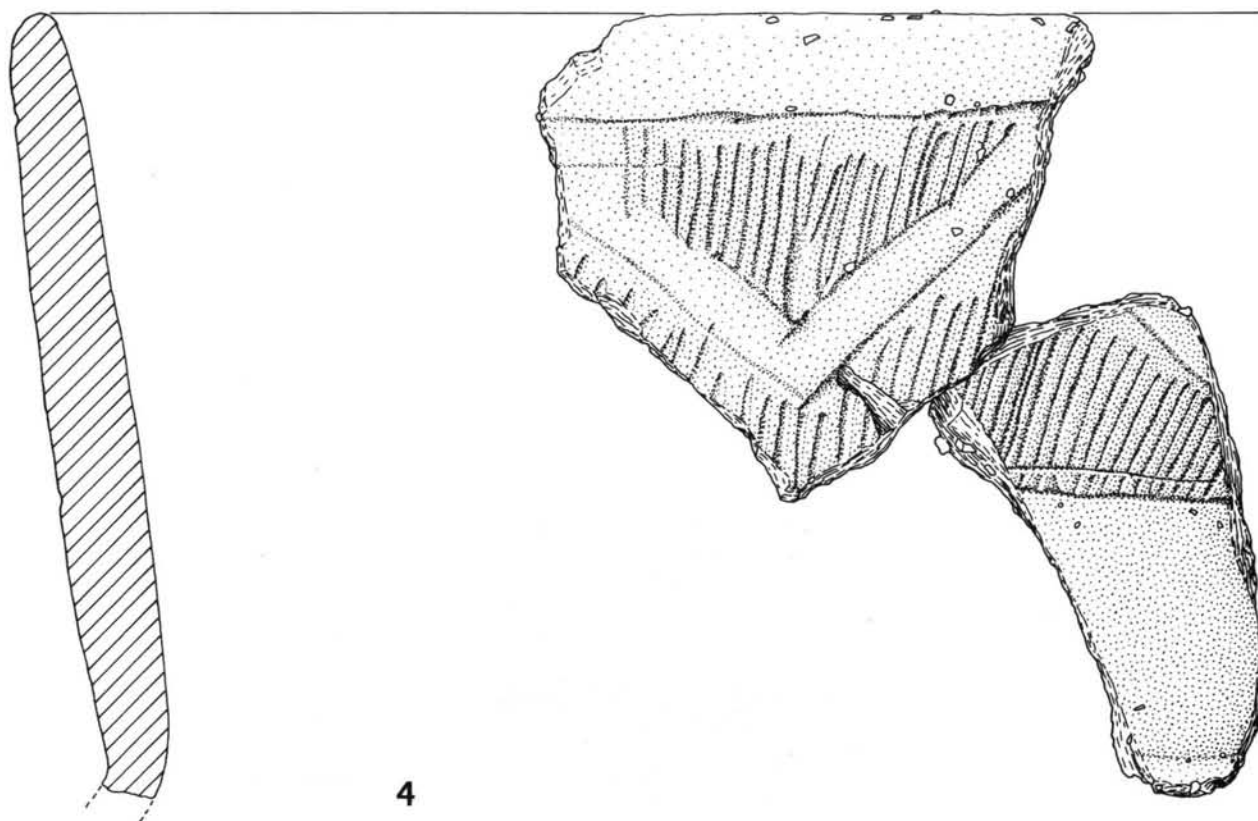
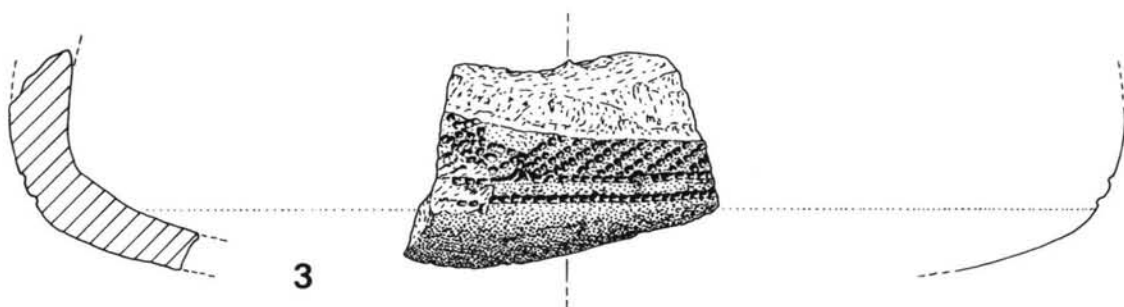
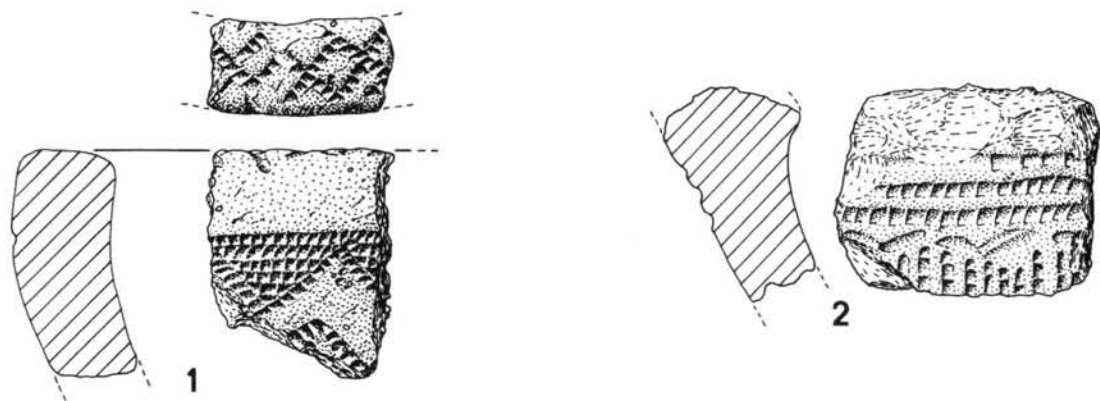


Fig. 16 – Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do interior da fortificação (zona fronteira à *Muralha FN*, a Nordeste do *Bastião EX*).

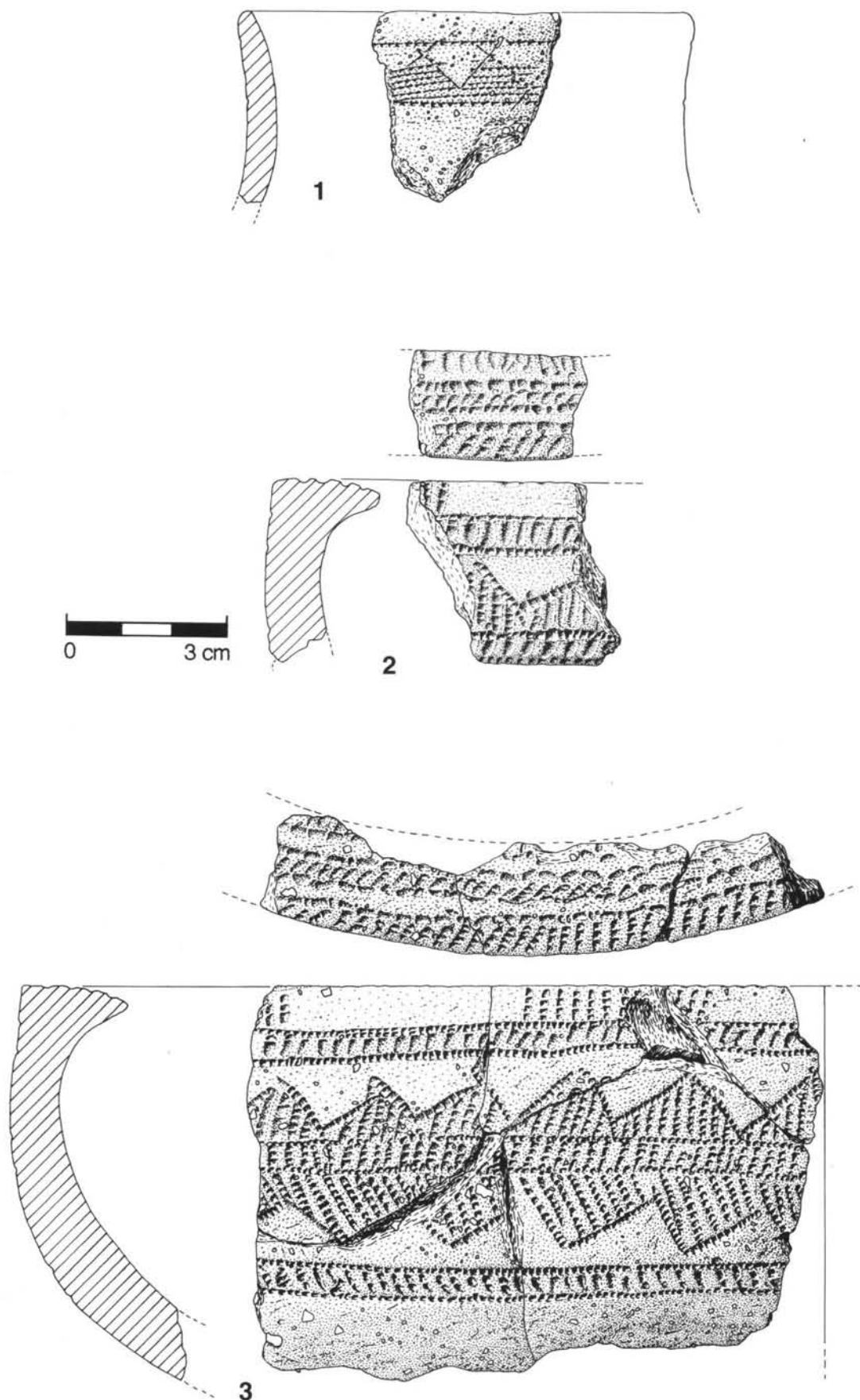


Fig. 17 – Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do interior da fortificação (zona fronteira à *Muralha FN*, a Nordeste do *Bastião EX*).

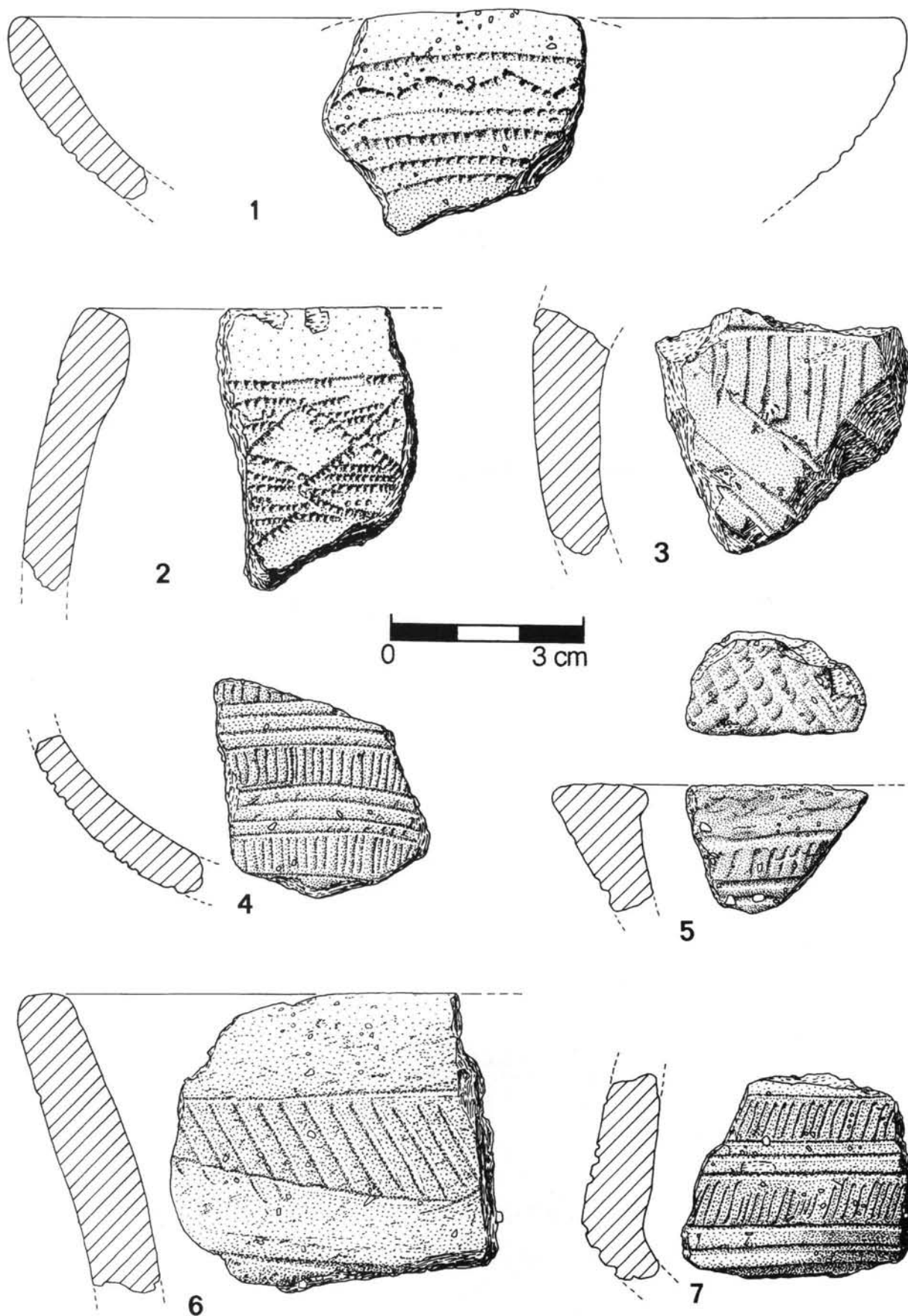


Fig. 18 – Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do interior da fortificação: 1 e 2, *Bastião EX*; 3, *Bastião EO*; 4 e 5, *Bastião EU*; 6 e 7, *Bastião EQ*.

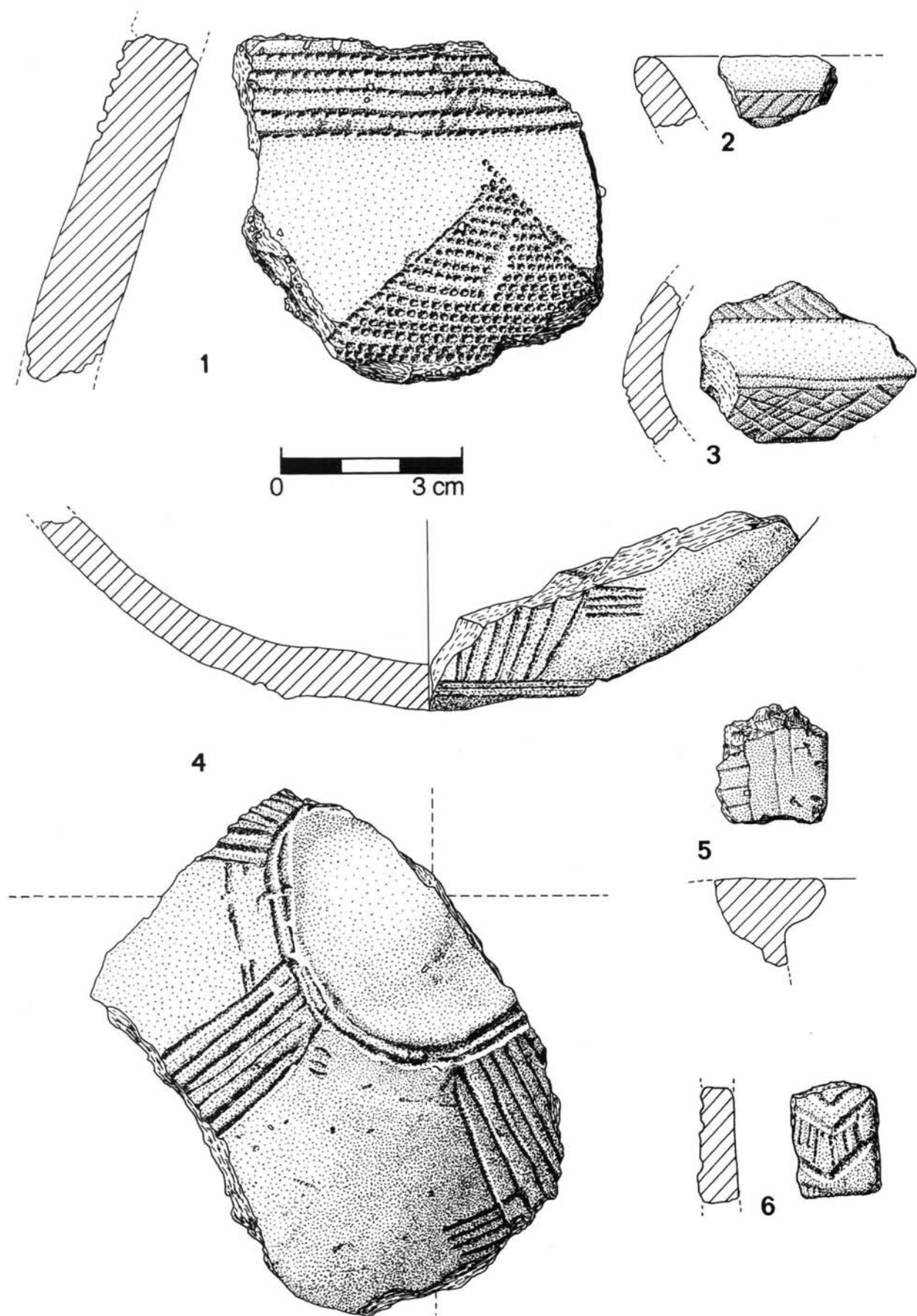


Fig. 19 – Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do exterior da fortificação (área adjacente da *Muralha EH*).

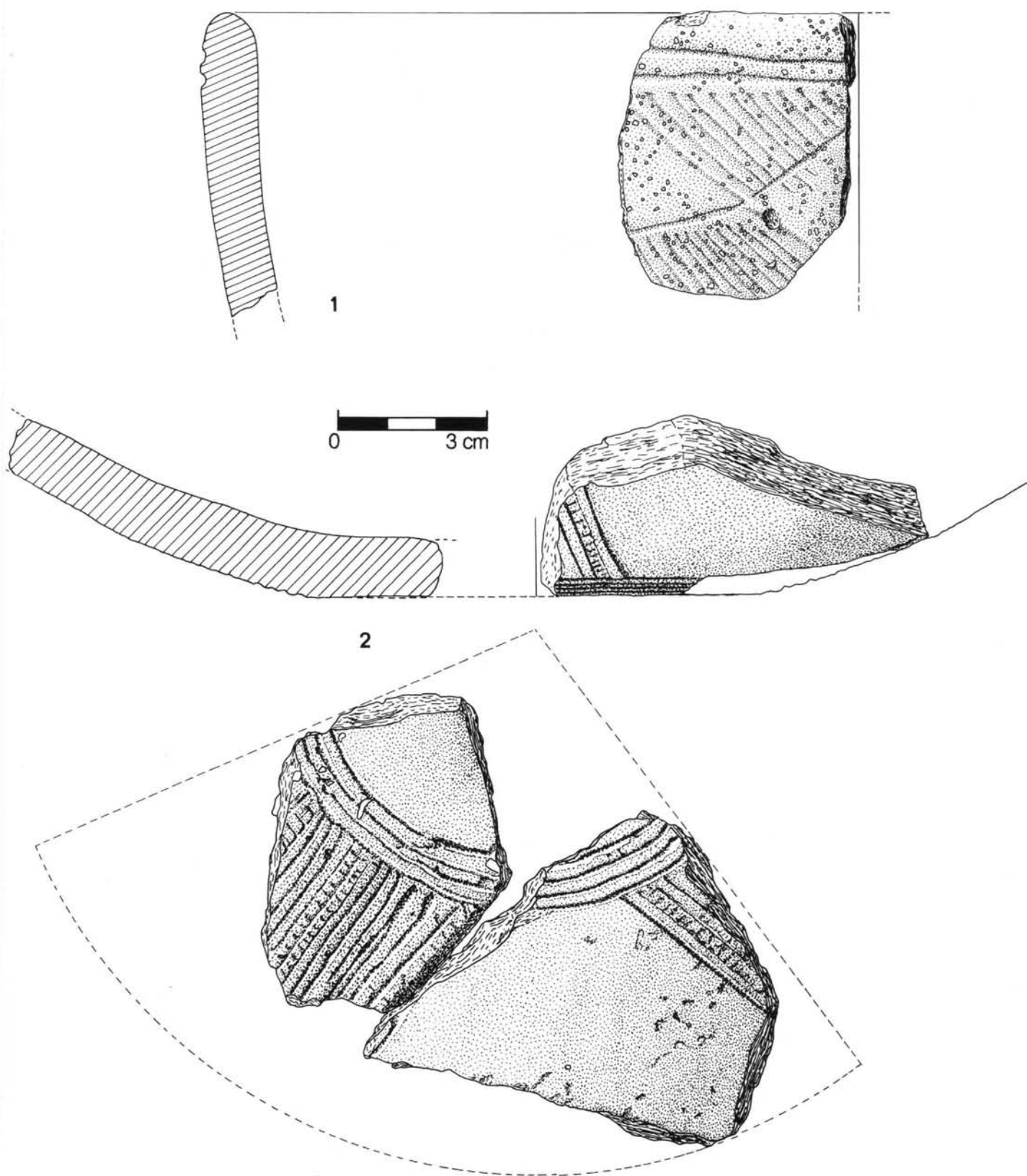


Fig. 20 – Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do exterior da fortificação (área adjacente da *Muralha EH*).

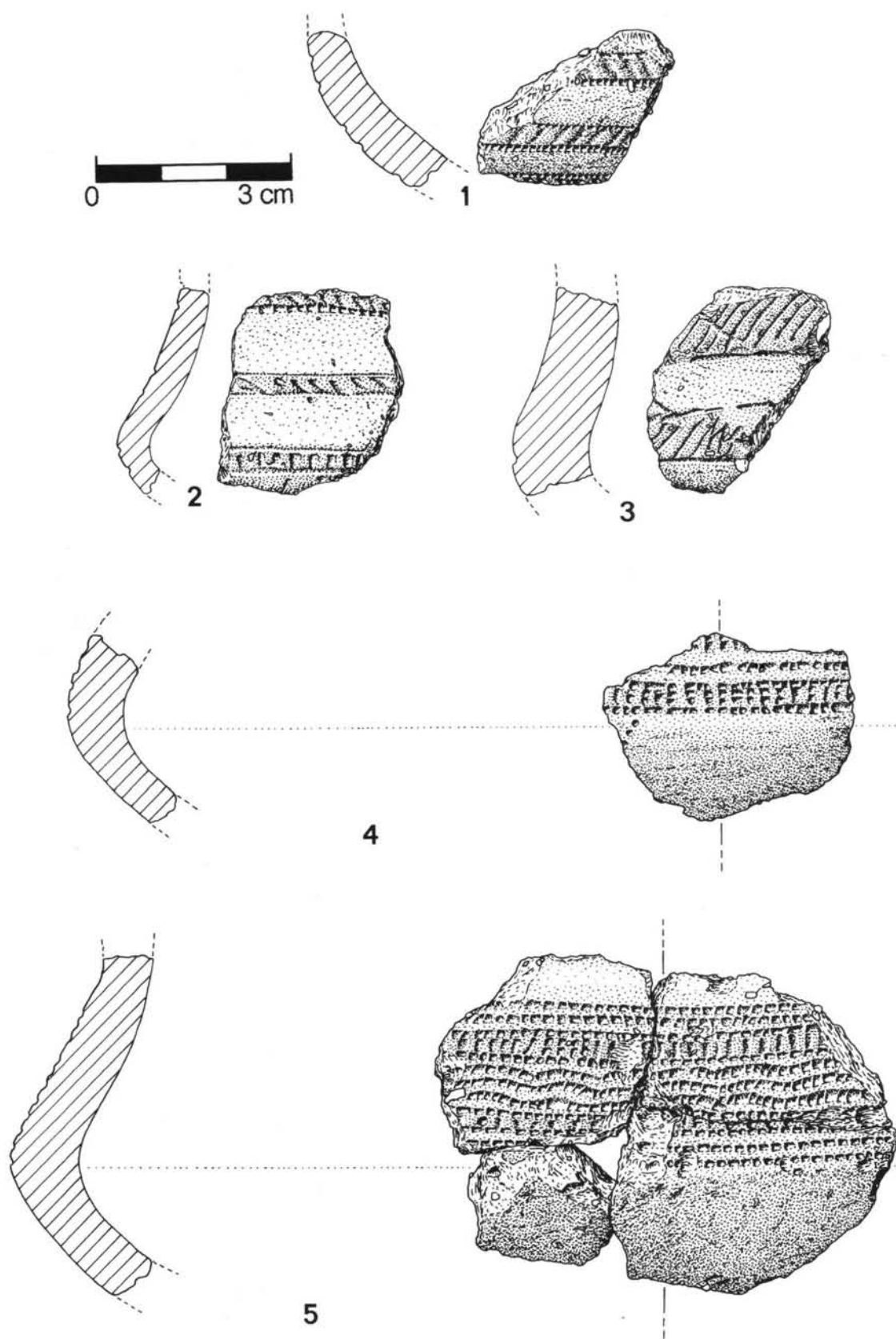


Fig. 21 – Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do exterior e do recinto externo da *Cabana FM*.

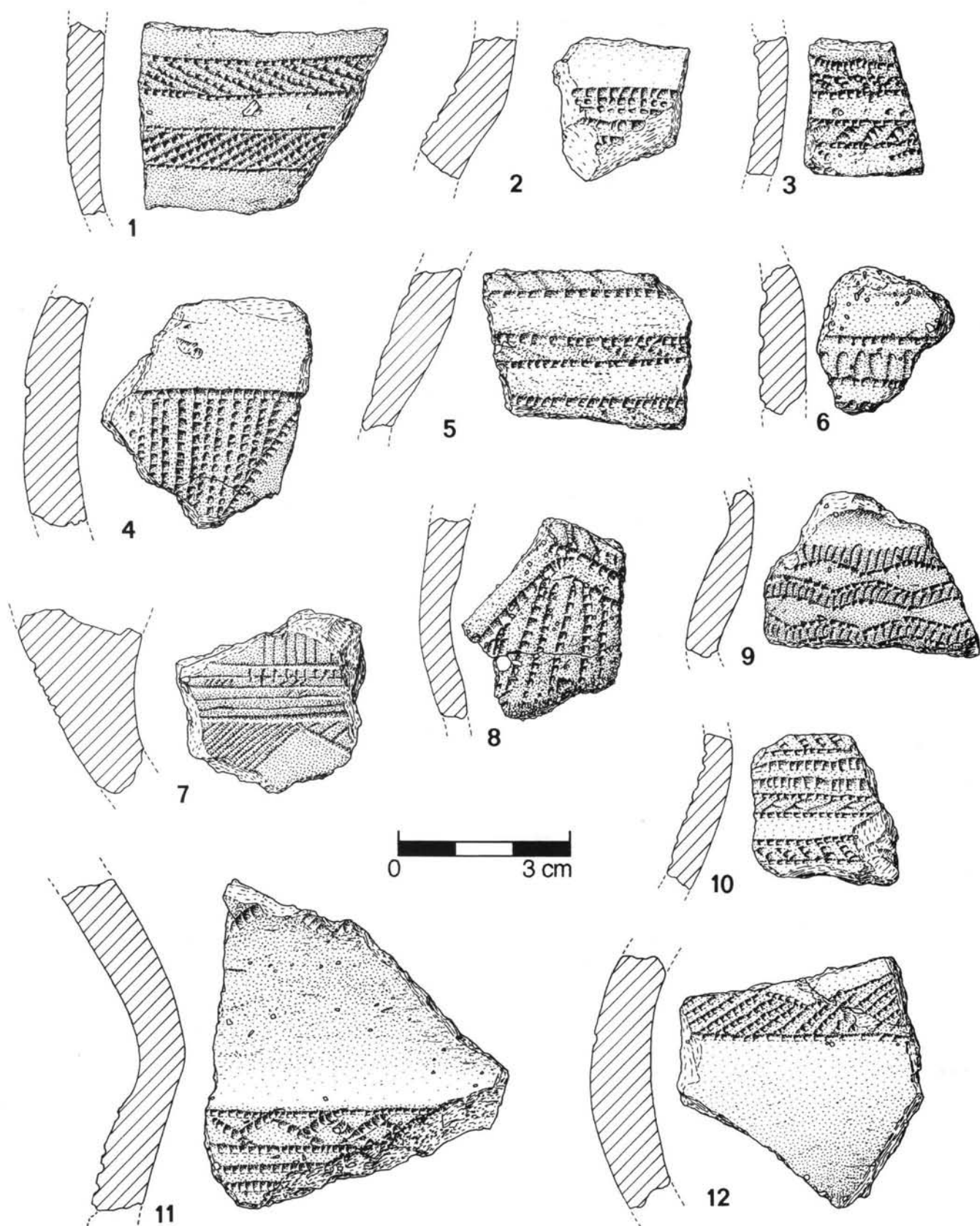


Fig. 22 - Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do exterior e do recinto externo da *Cabana FM*.

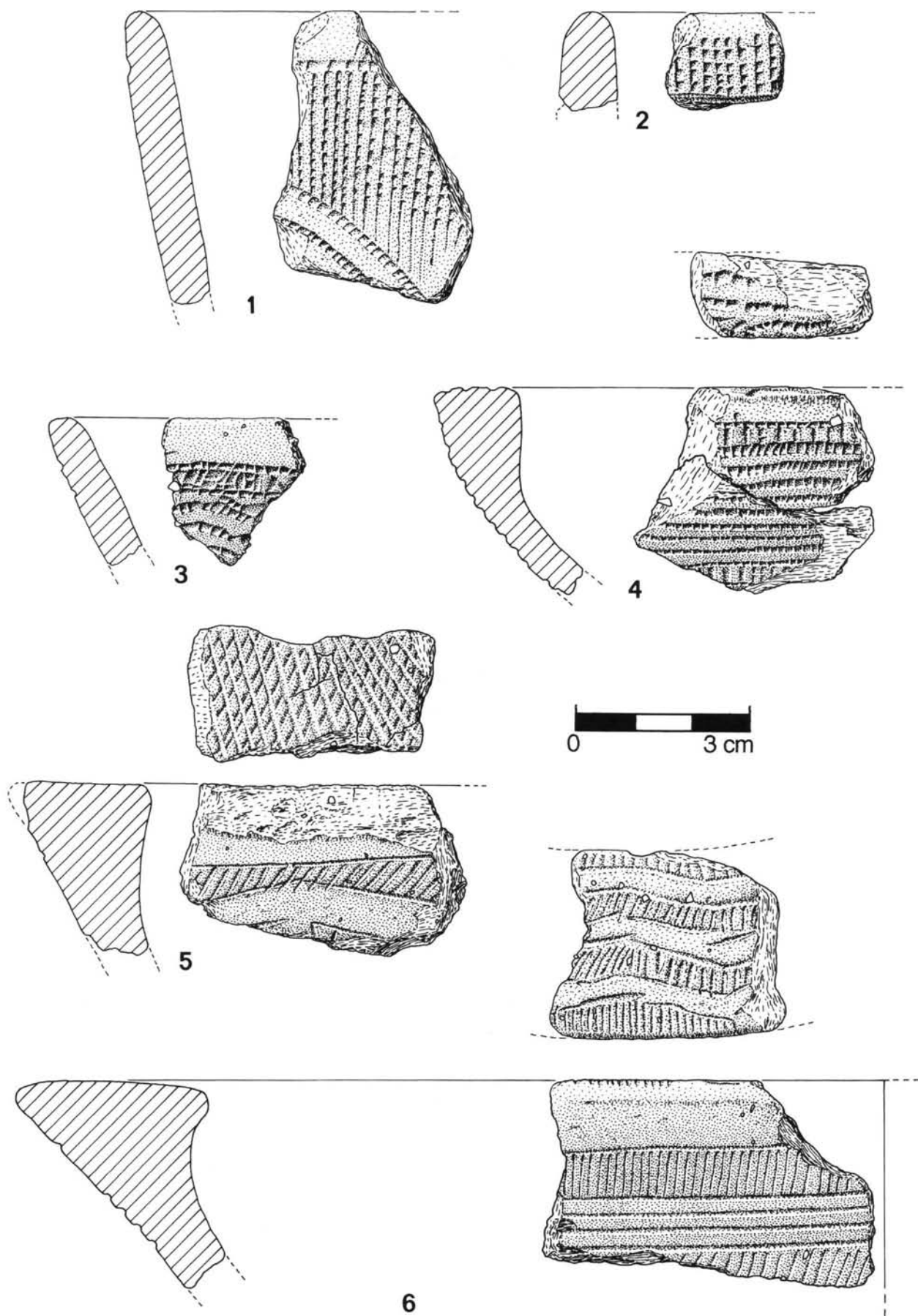


Fig. 23 - Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do exterior e do recinto externo da *Cabana FM*.

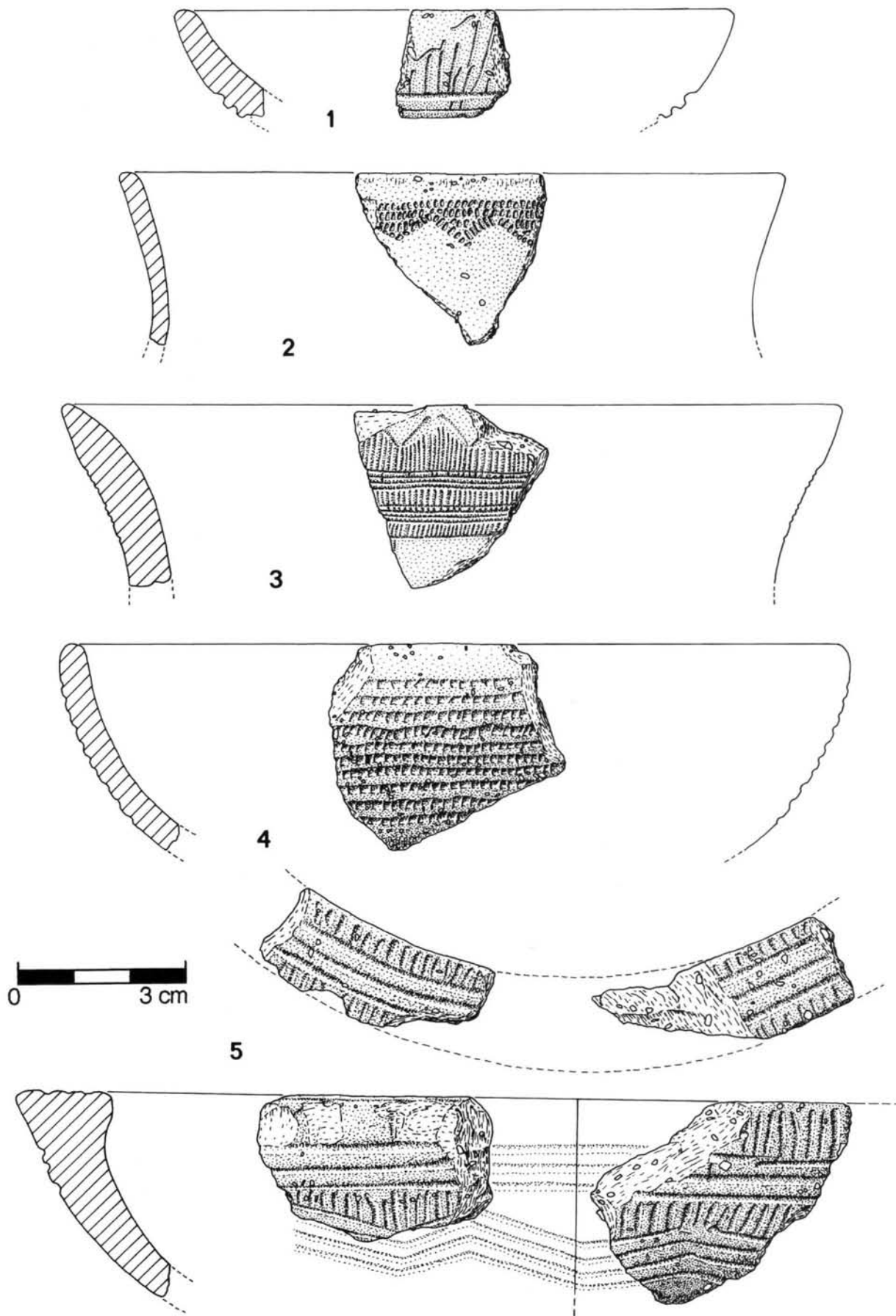


Fig. 24 – Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do exterior e do recinto externo da *Cabana FM*.

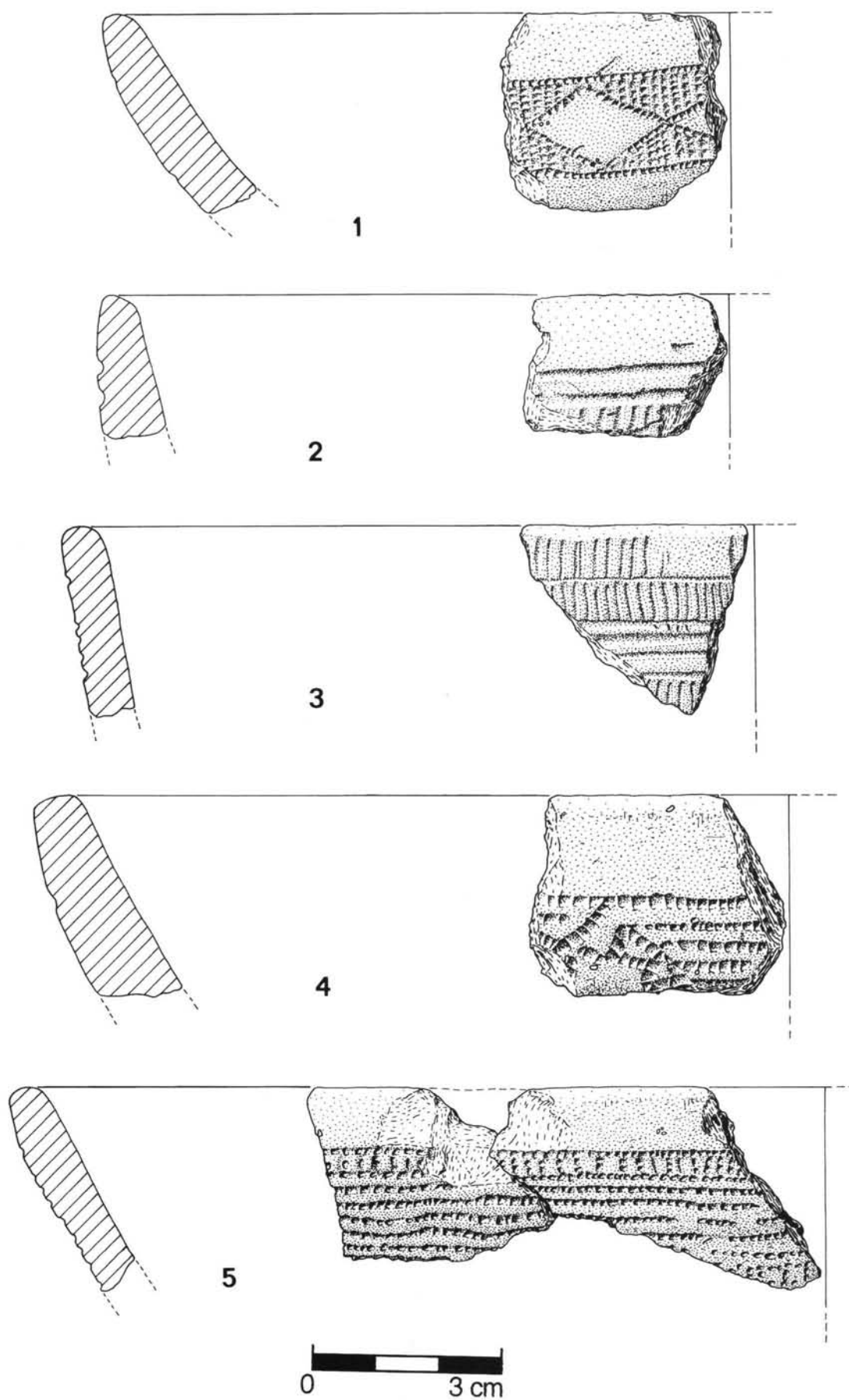


Fig. 25 – Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do exterior e do recinto externo da *Cabana FM*.

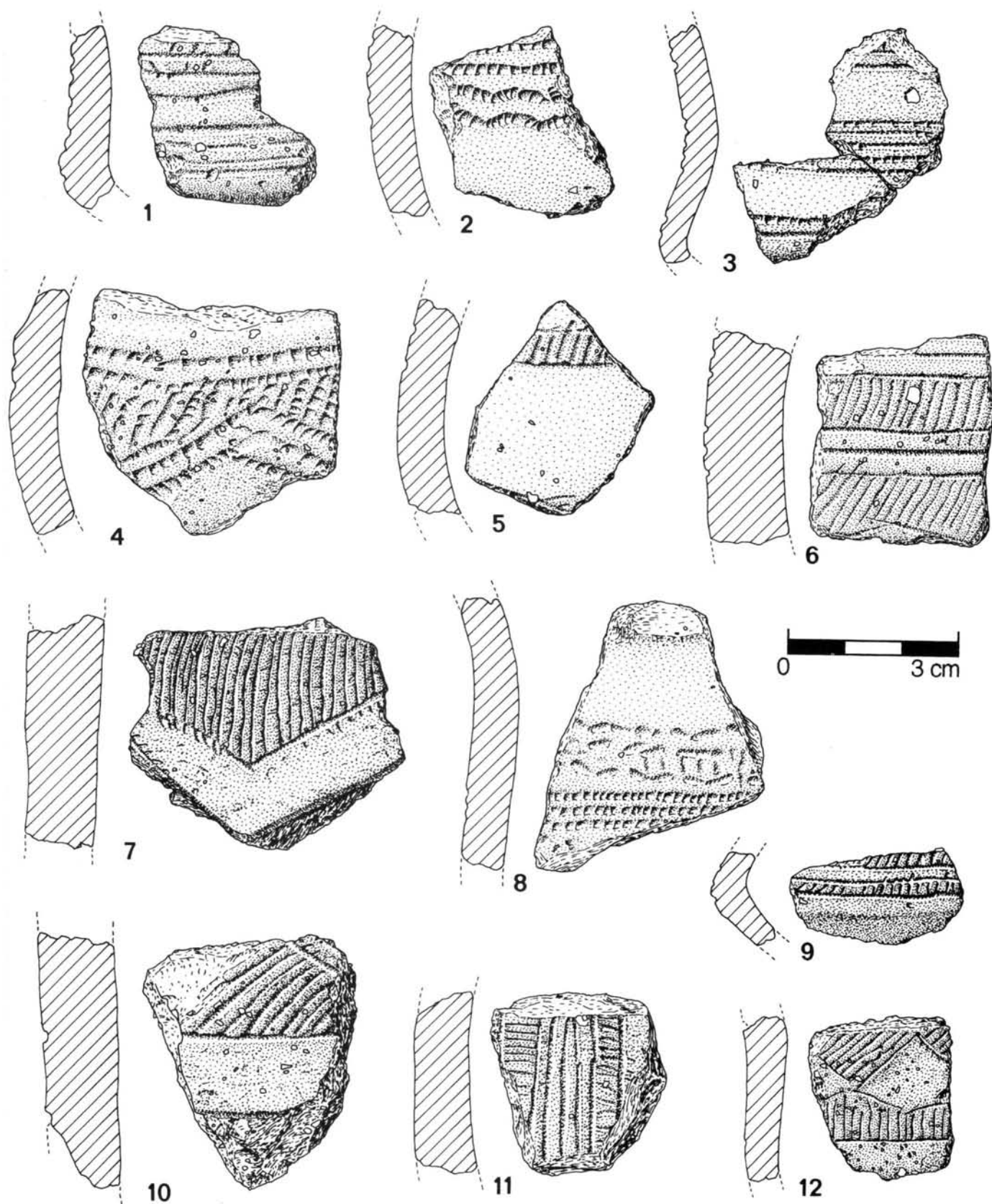


Fig. 26 – Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do exterior e do recinto externo da *Cabana FM*.

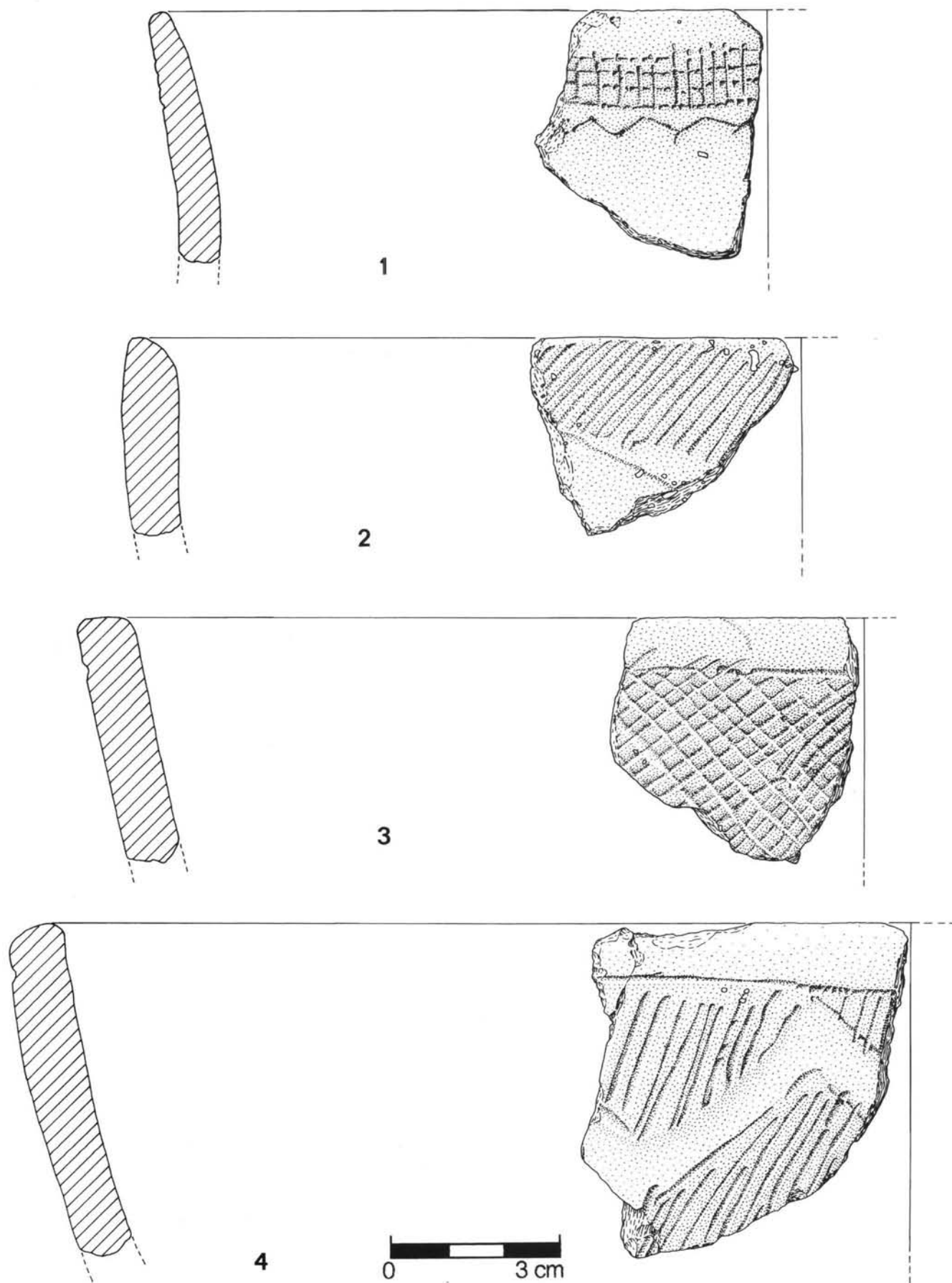


Fig. 27 – Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do exterior e do recinto externo da *Cabana FM*.

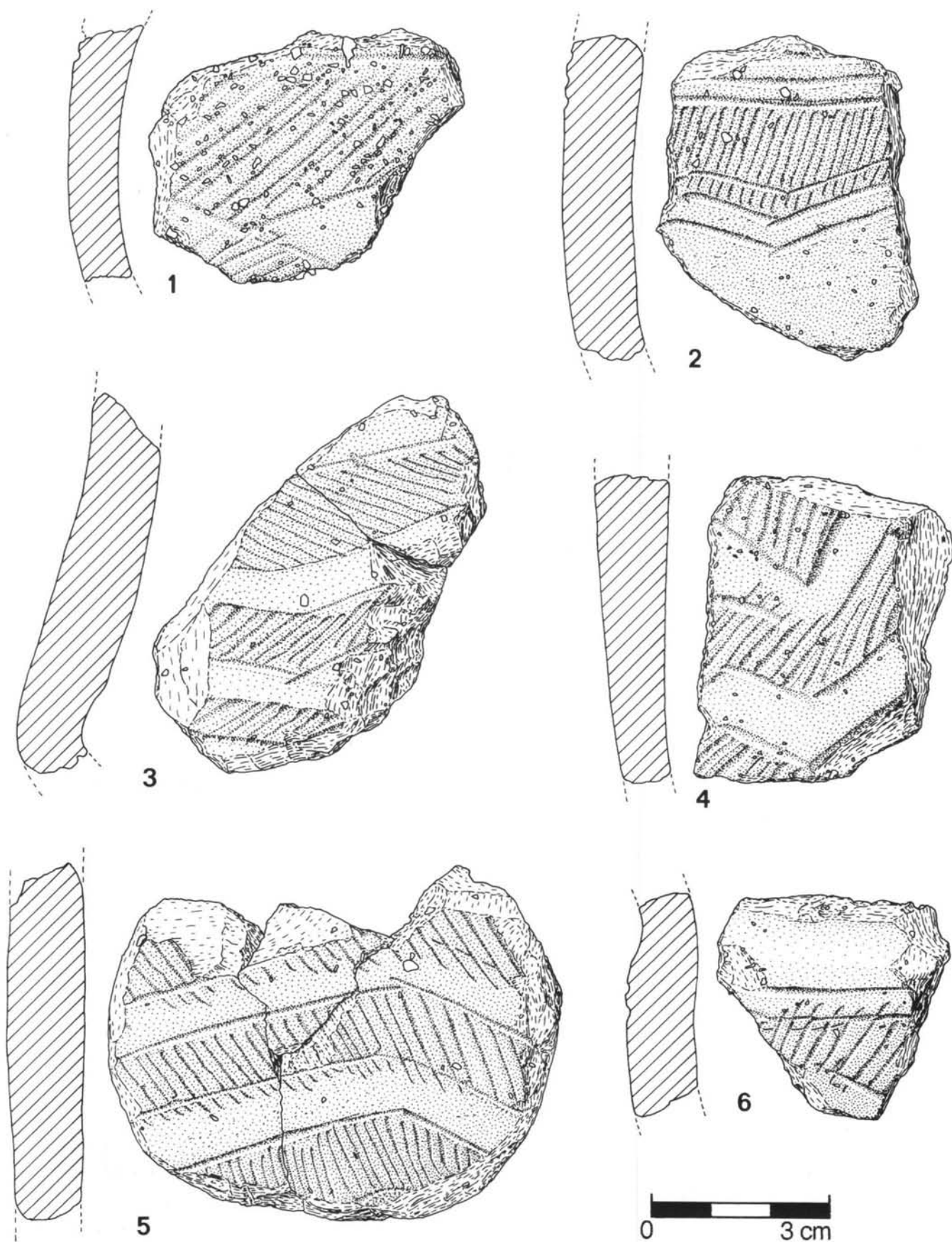


Fig. 28 – Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do exterior e do recinto externo da *Cabana FM*.

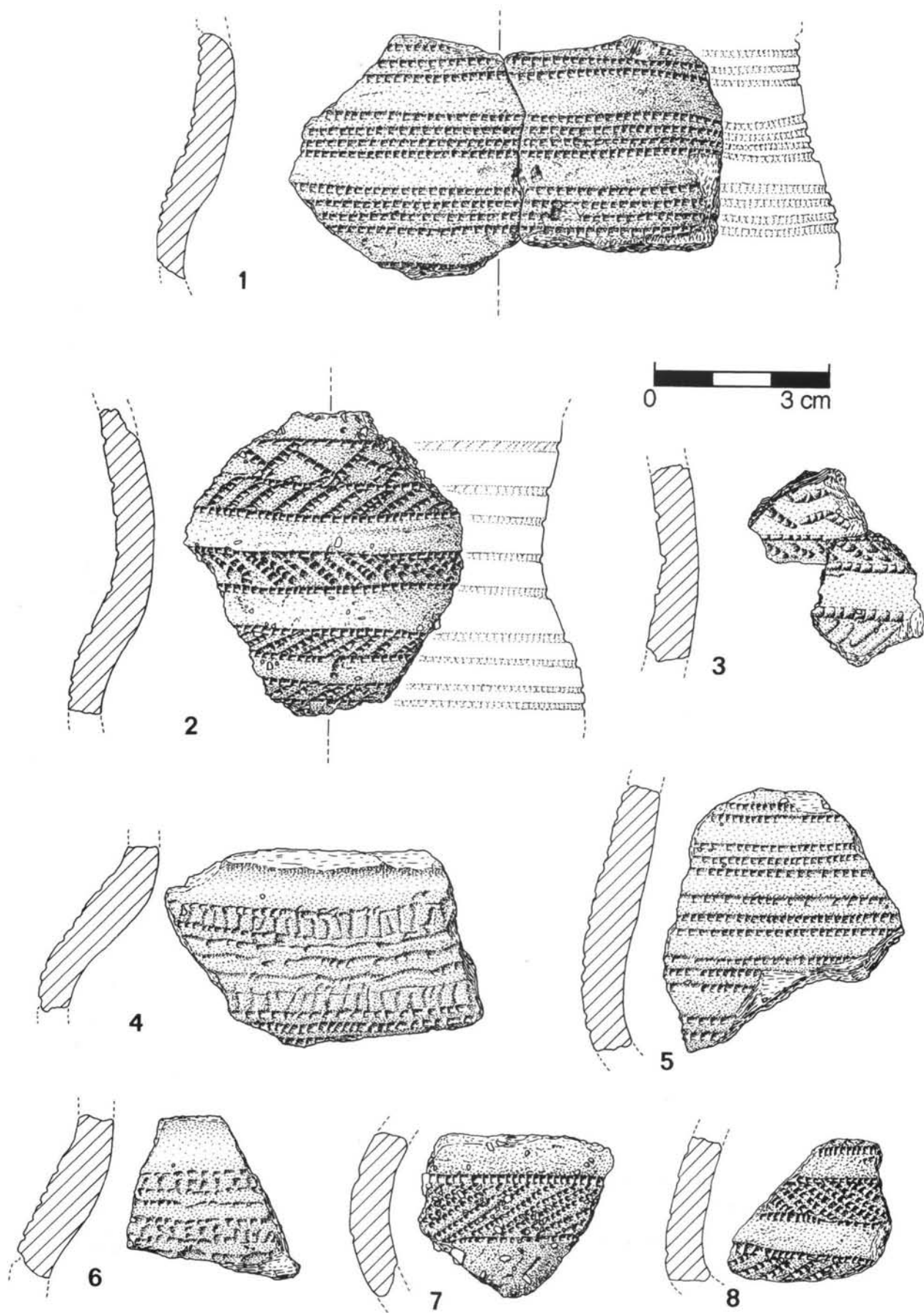


Fig. 29 – Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do interior da *Cabana FM*.

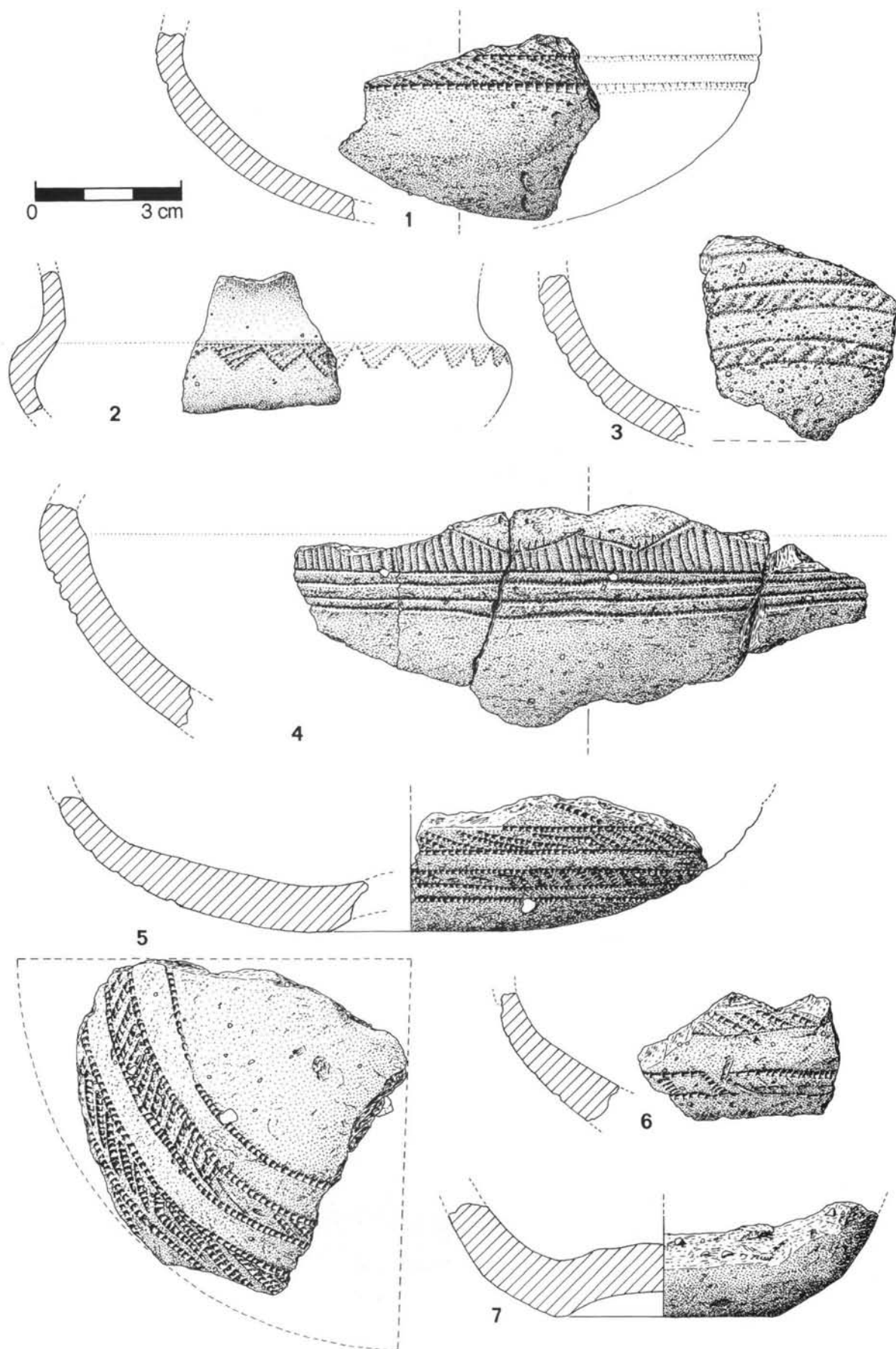


Fig. 30 - Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do interior da *Cabana FM*.

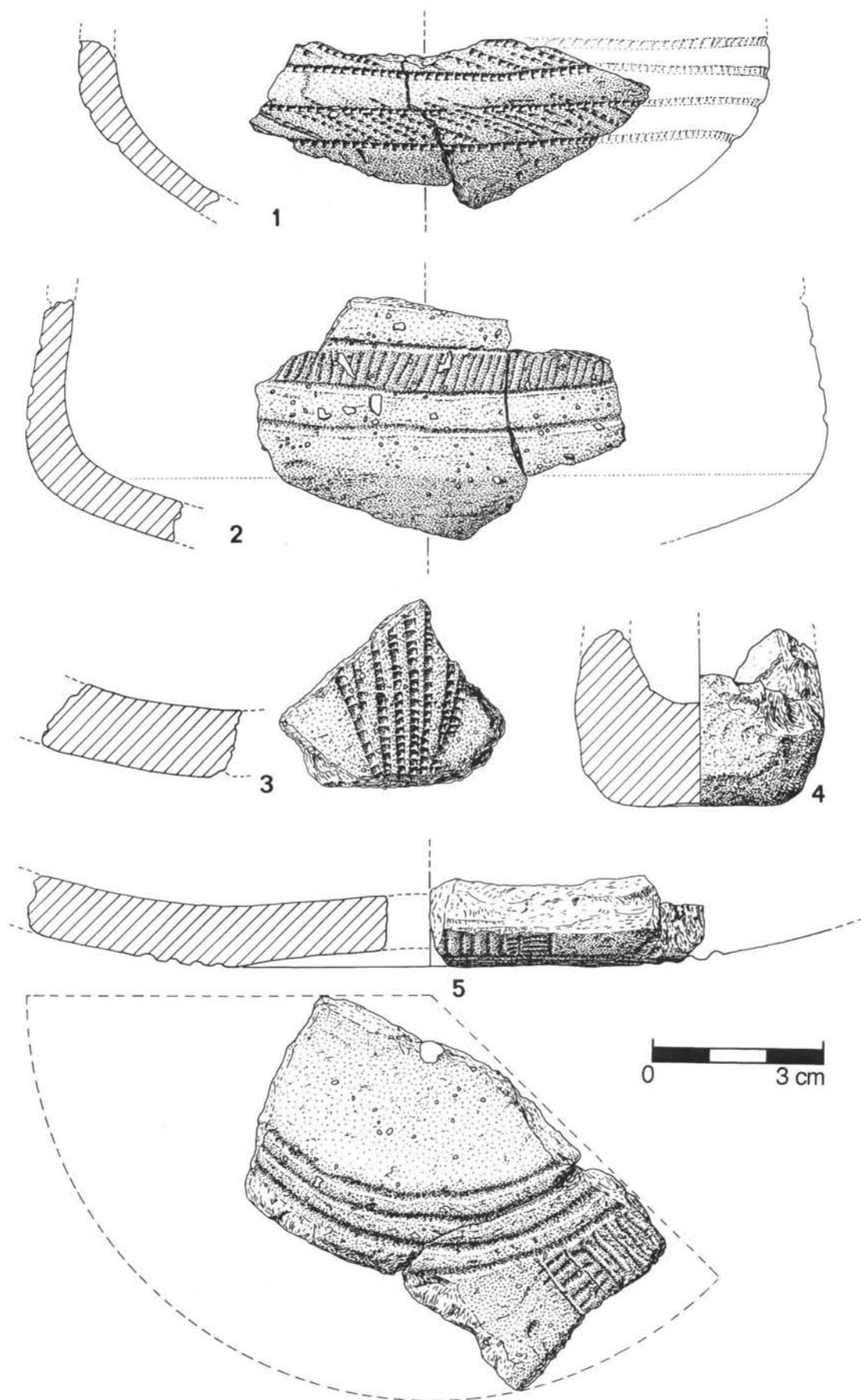


Fig. 31 – Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do interior da *Cabana FM*.

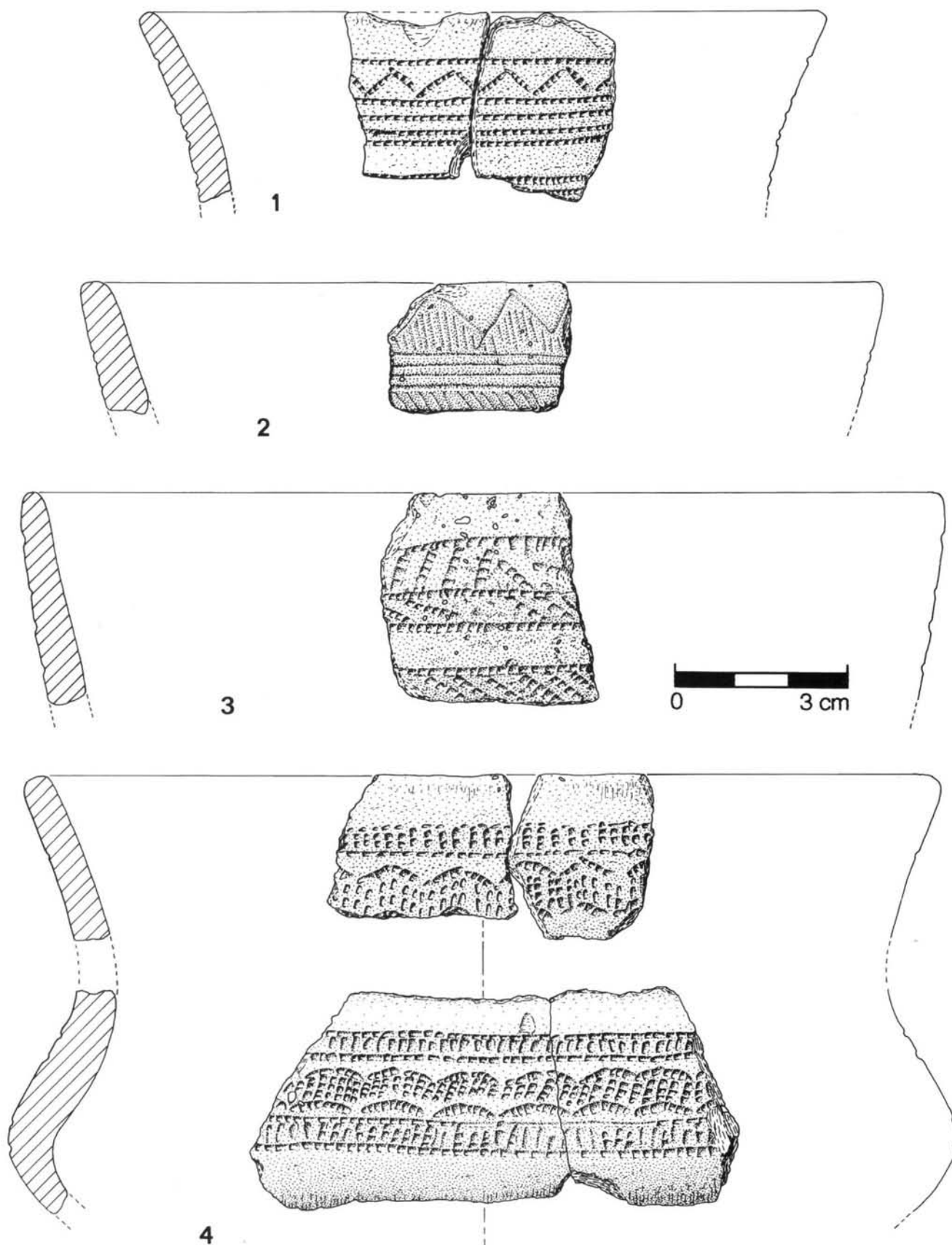


Fig. 32 – Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do interior da *Cabana FM*.

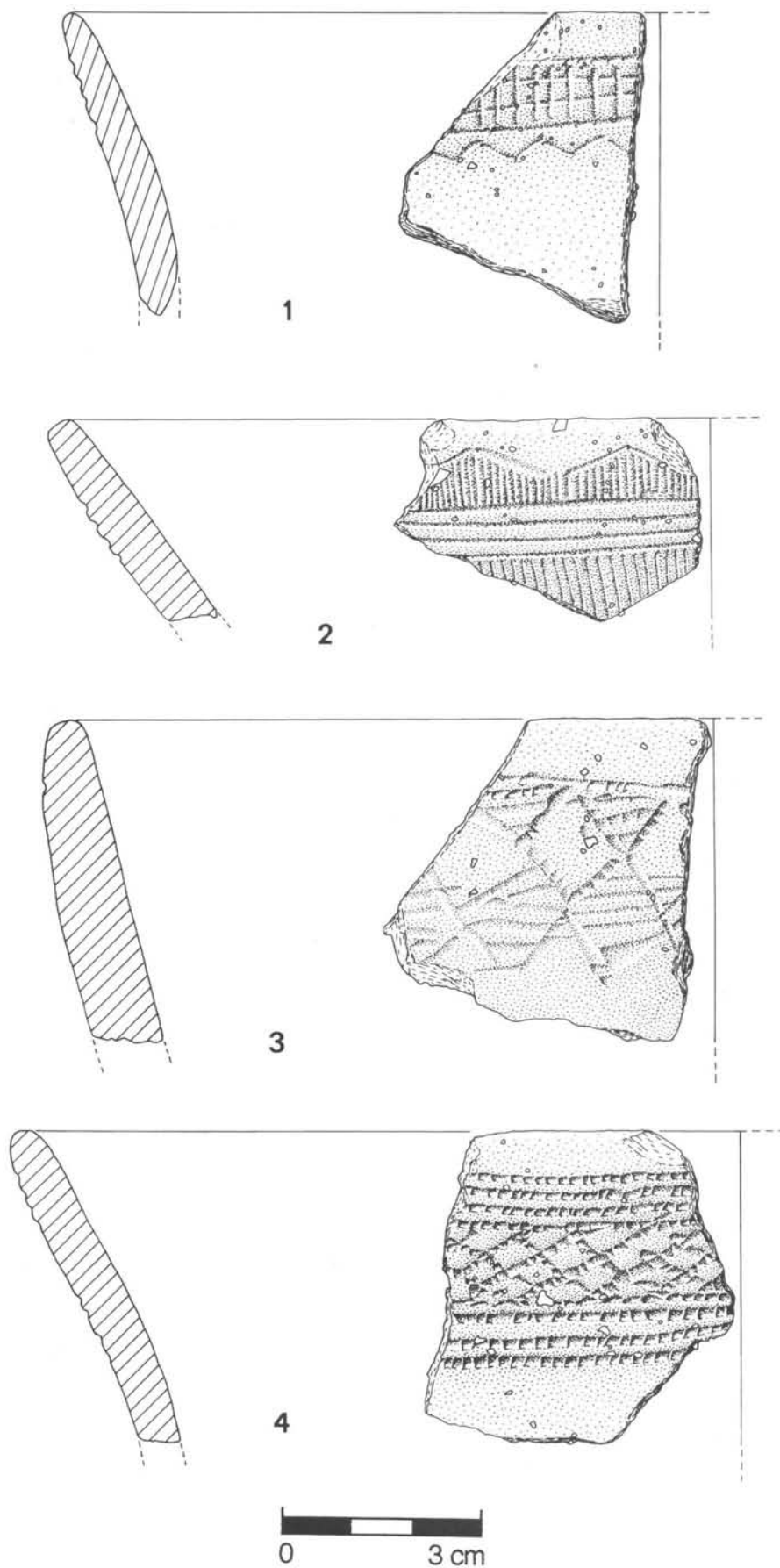


Fig. 33 – Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do interior da *Cabana FM*.

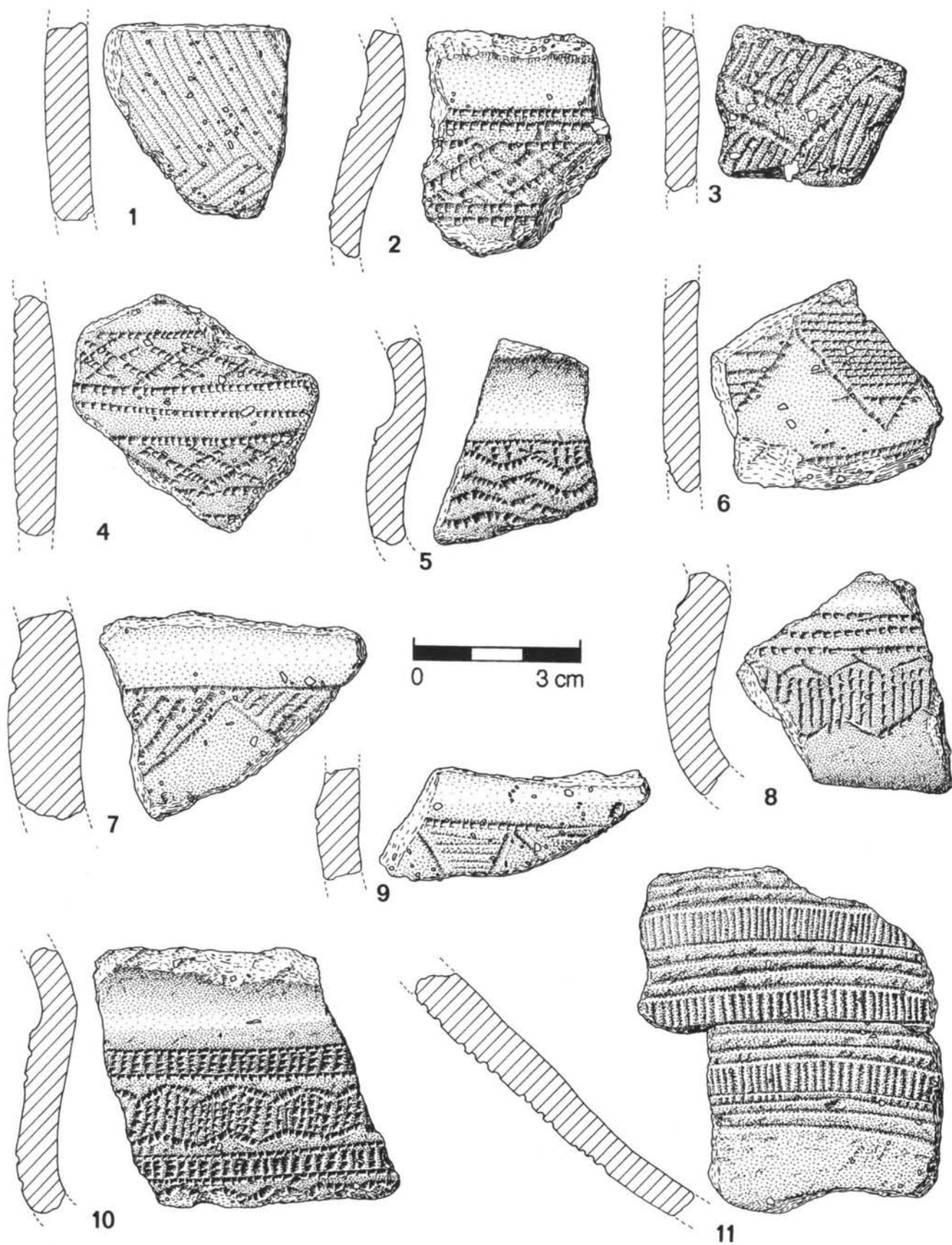


Fig. 34 - Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do interior da Cabana FM.

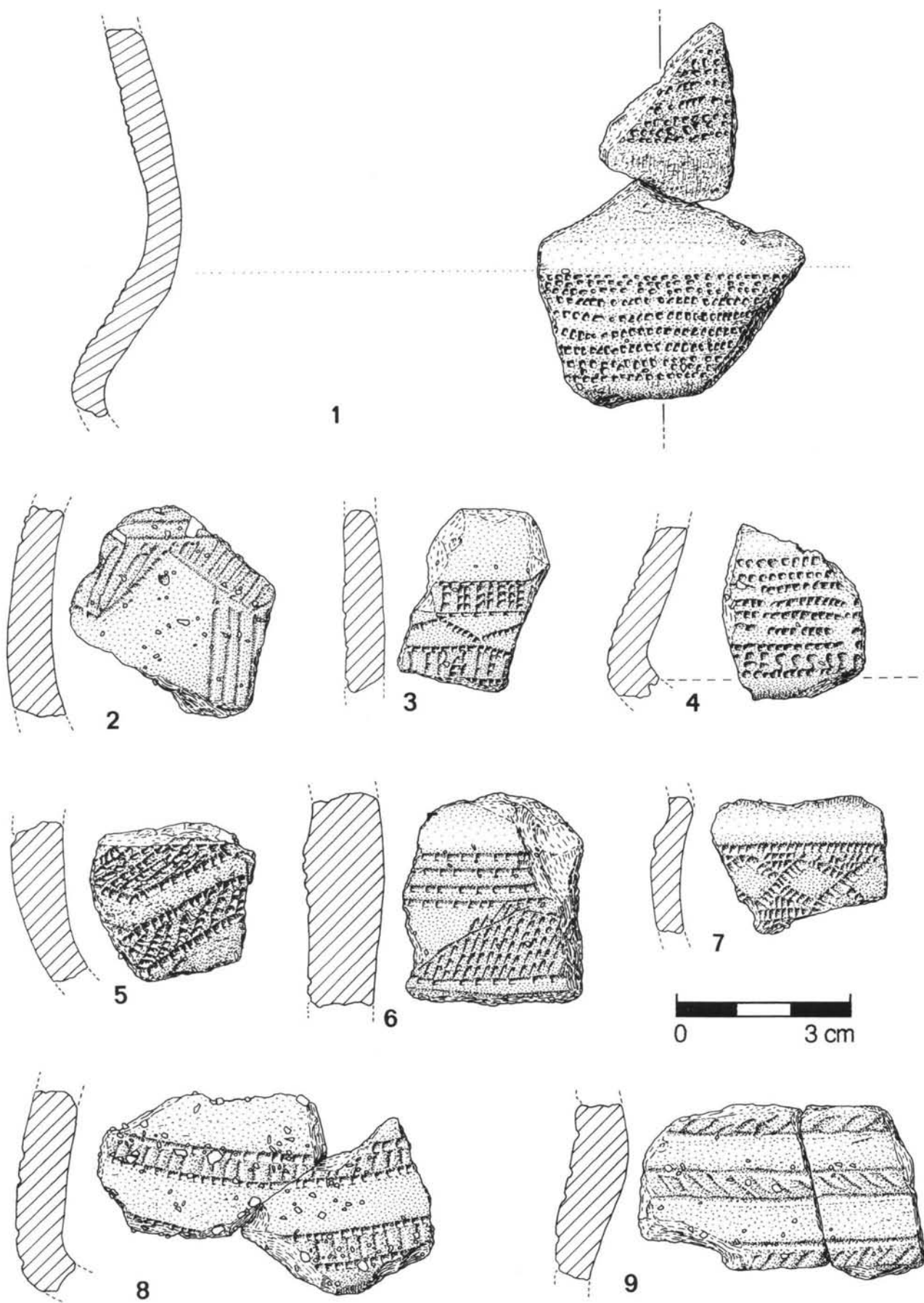


Fig. 35 – Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do interior da Cabana FM.

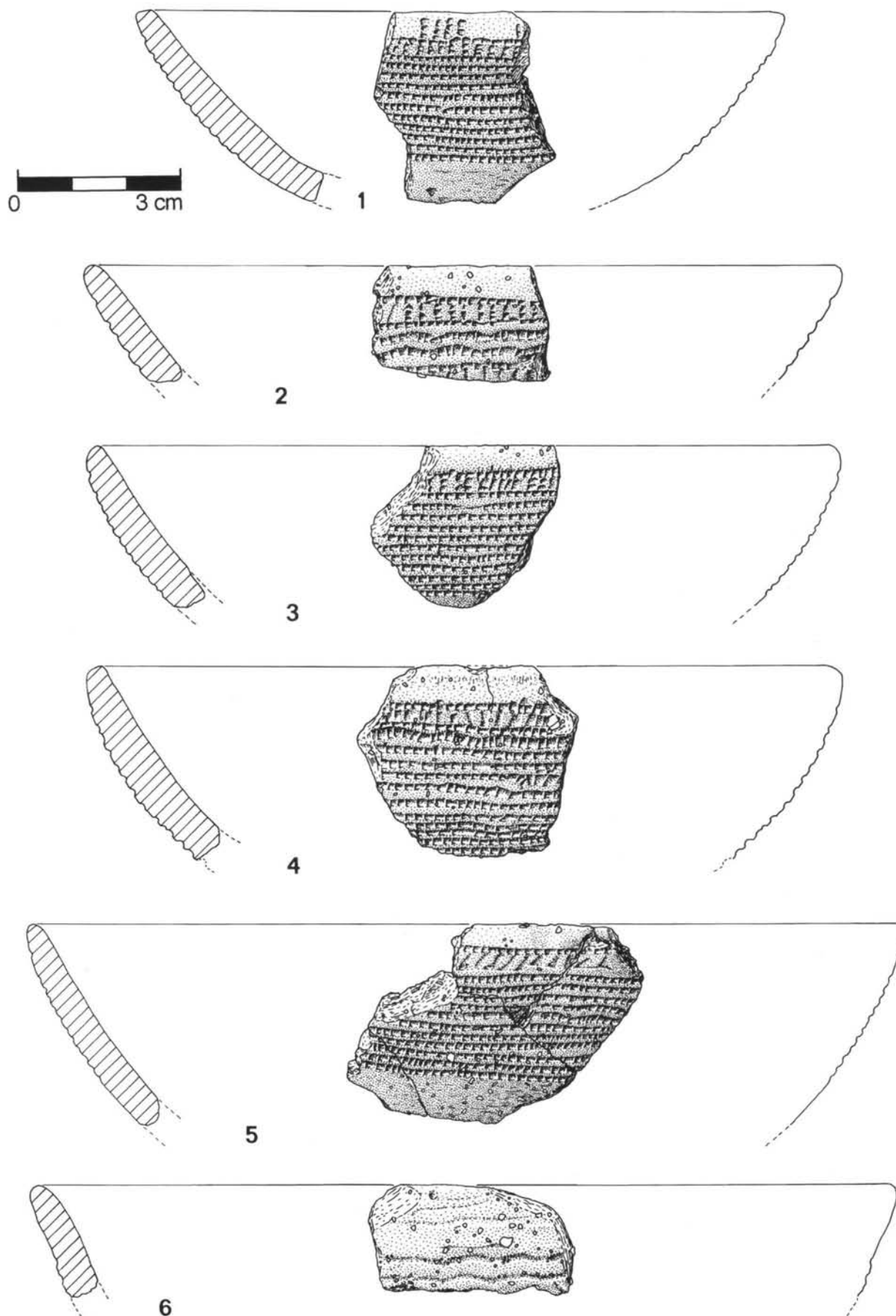


Fig. 36 – Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do interior da *Cabana FM*.

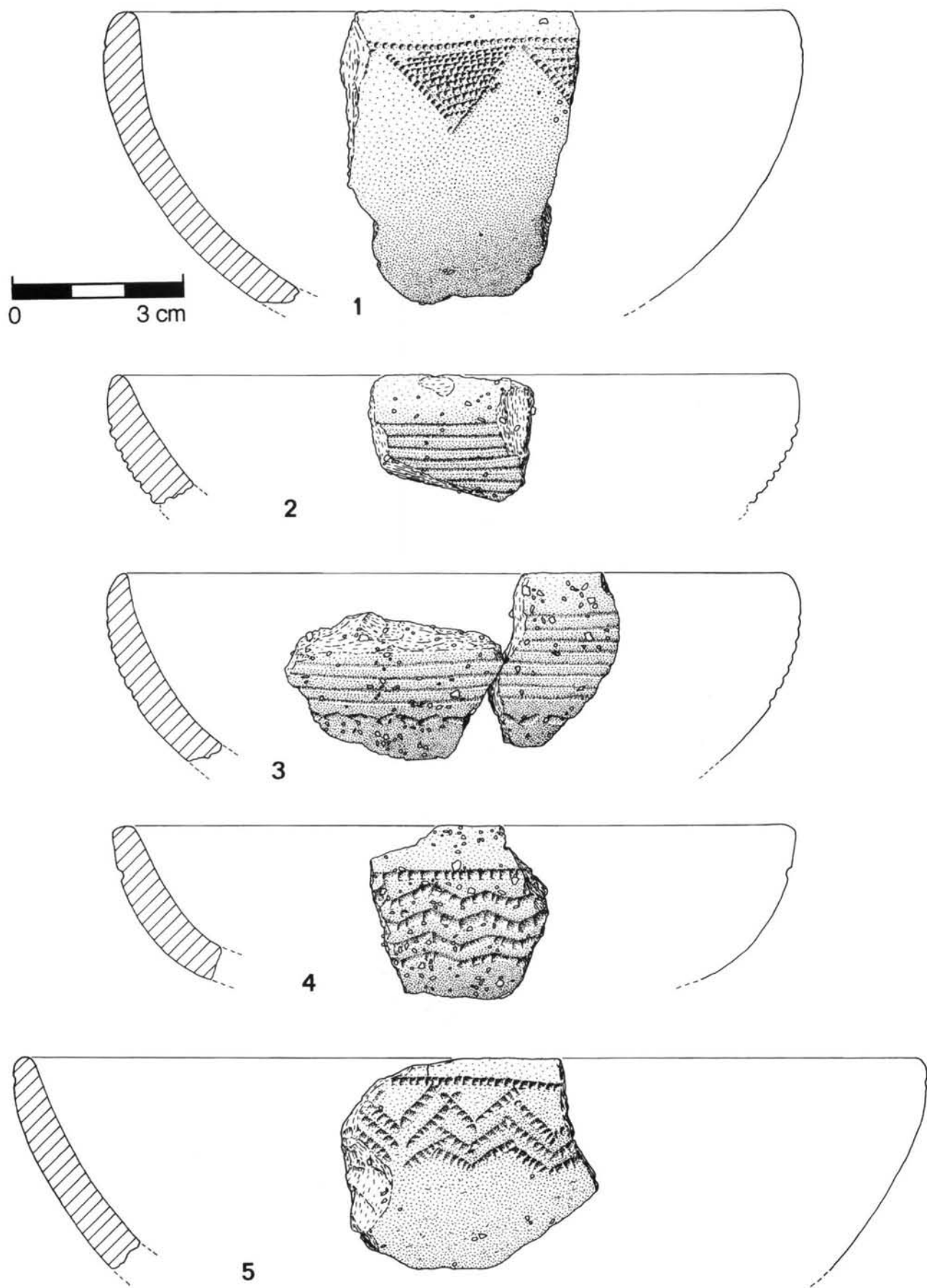


Fig. 37 - Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do interior da *Cabana FM*.

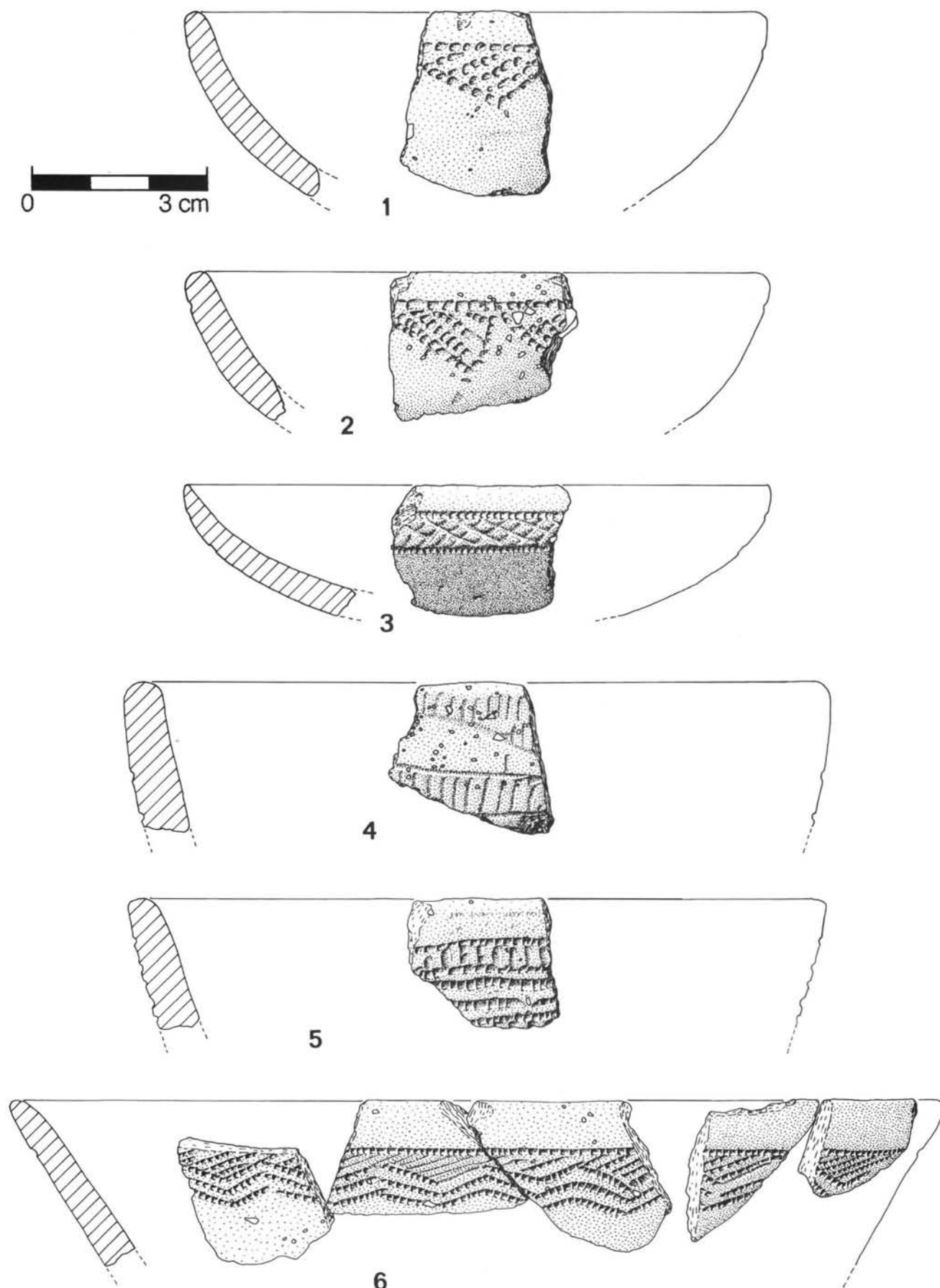


Fig. 38 - Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do interior da *Cabana FM*.

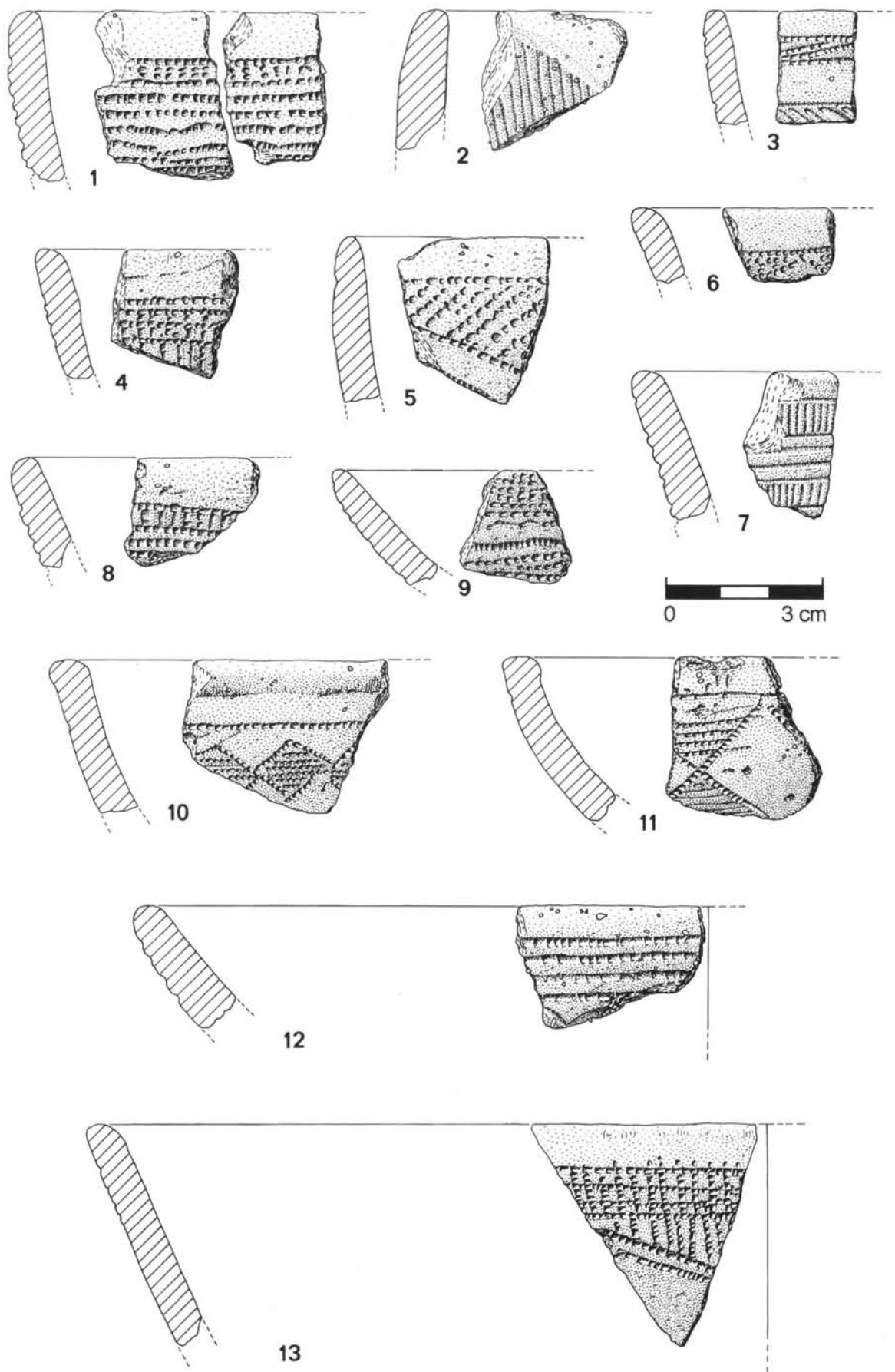


Fig. 39 – Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do interior da *Cabana FM*.

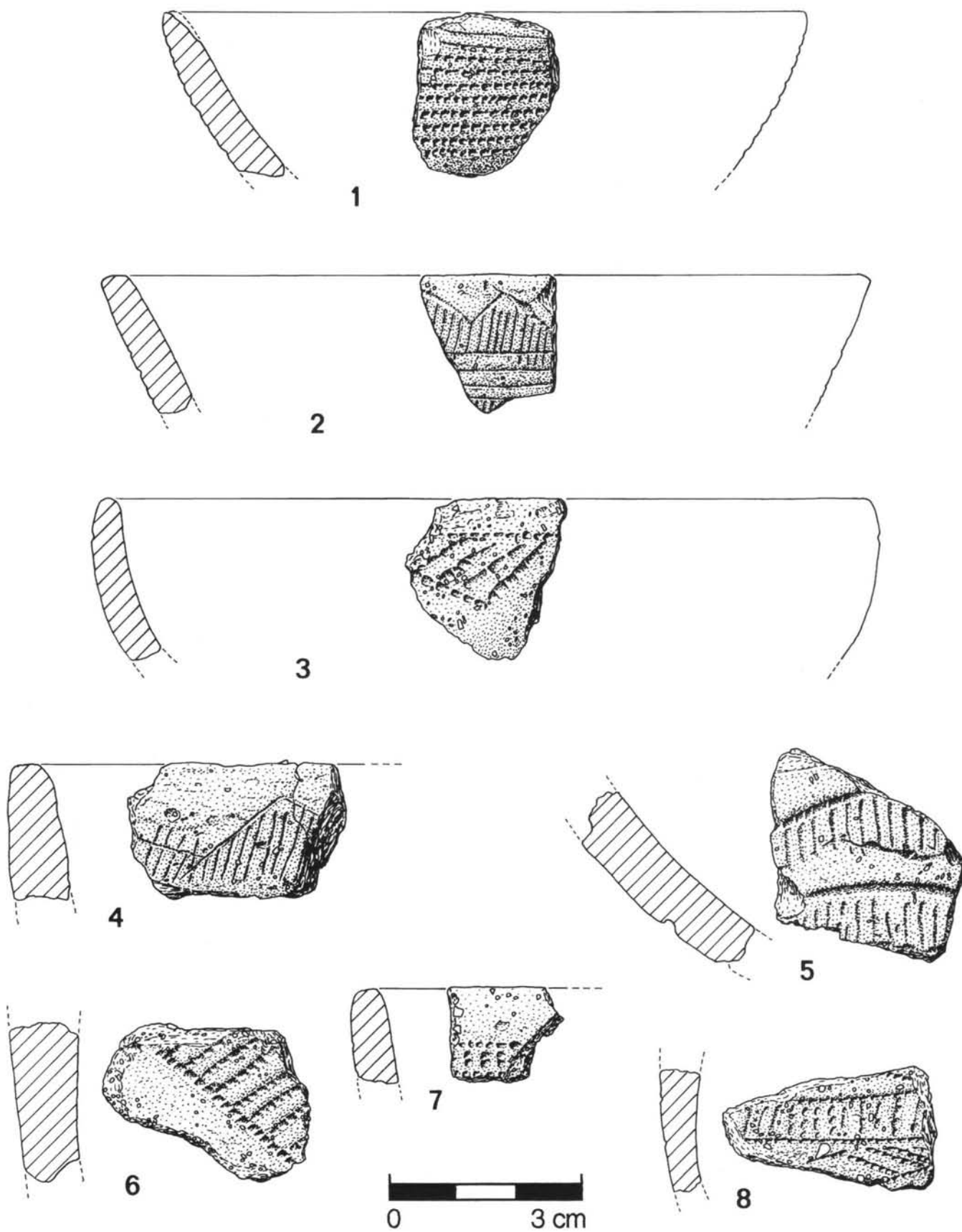


Fig. 40 – Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do interior da *Cabana FM*.

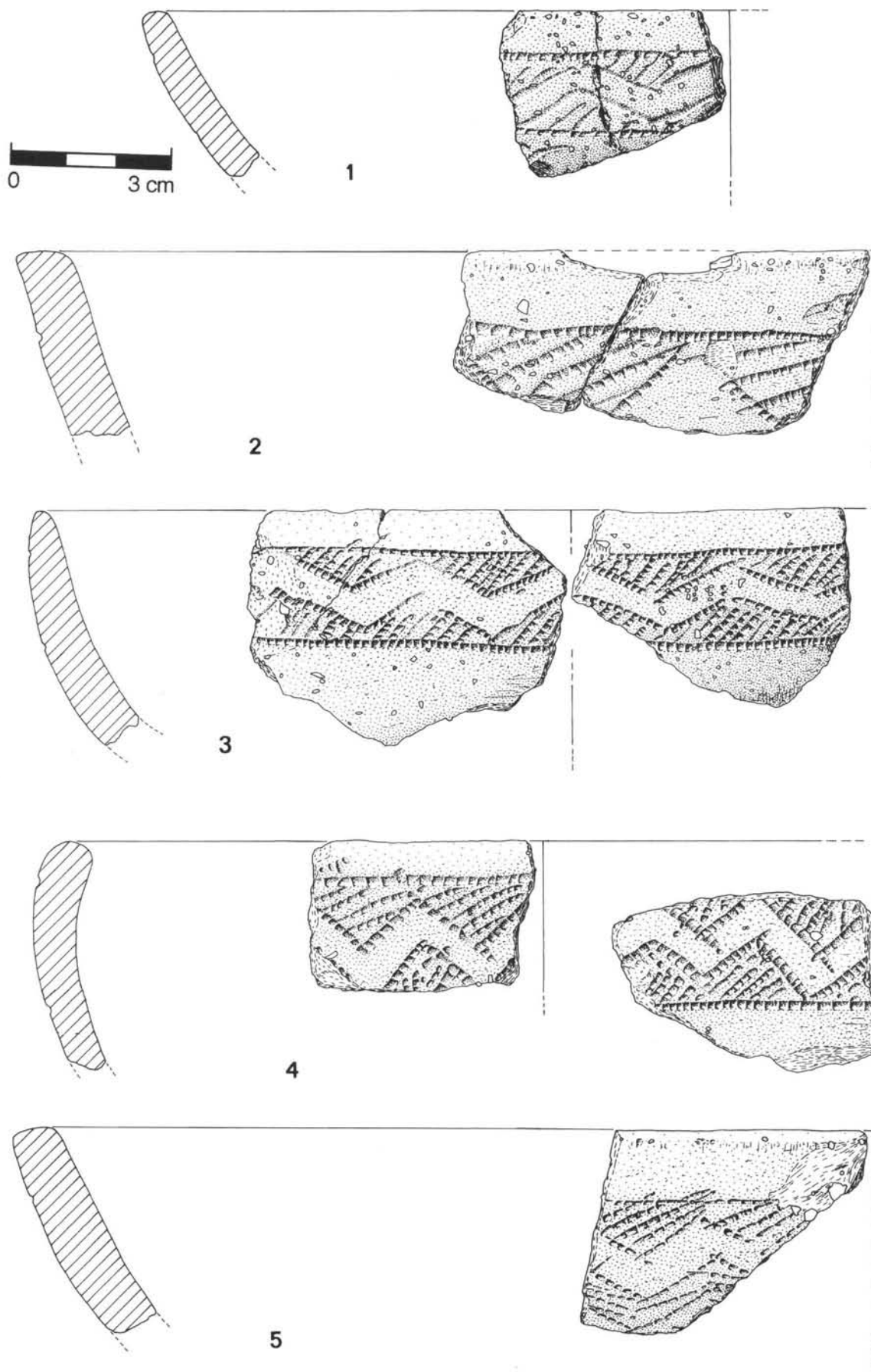


Fig. 41 – Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do interior da *Cabana FM*.

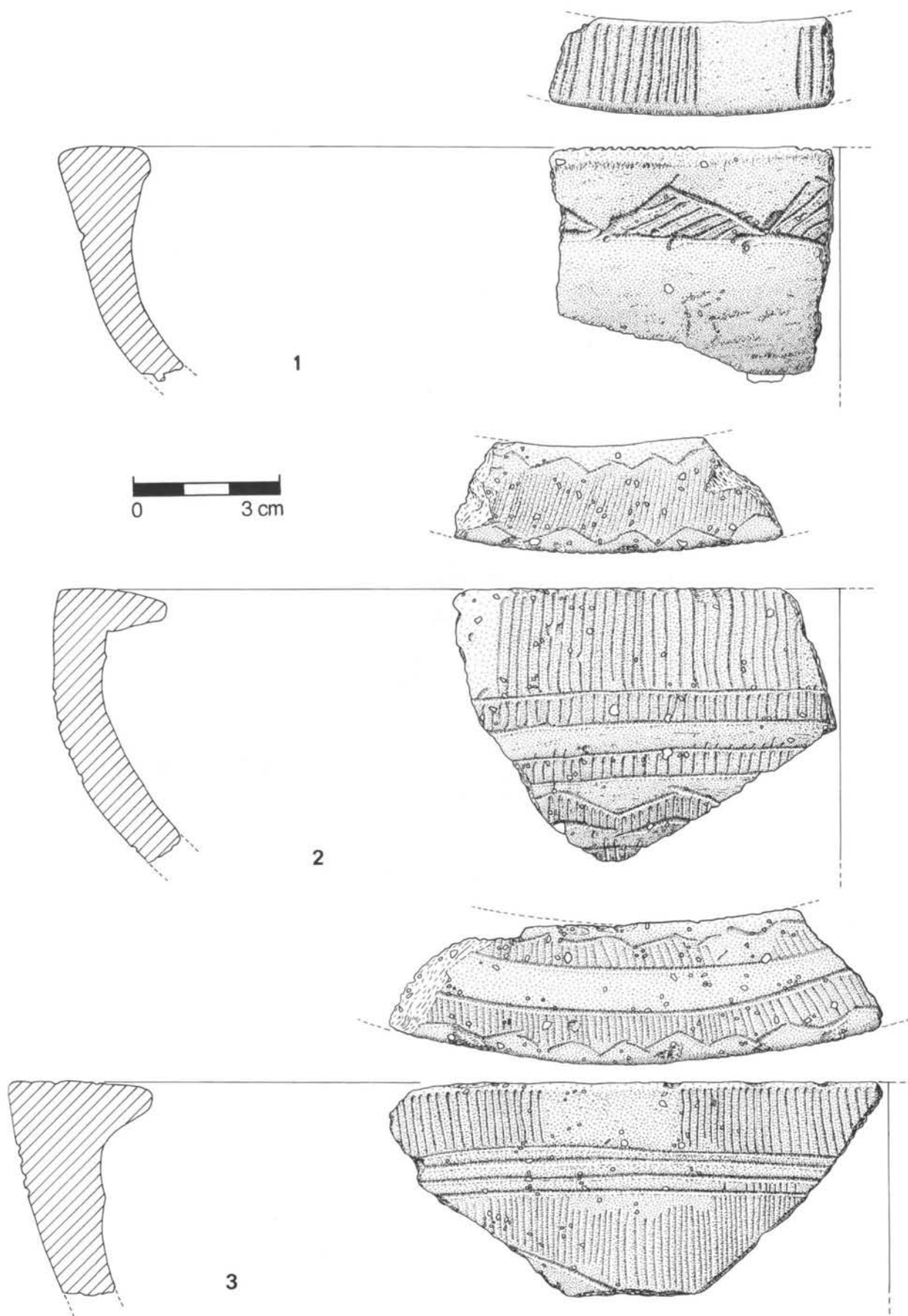


Fig. 42 – Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do interior da *Cabana FM*.

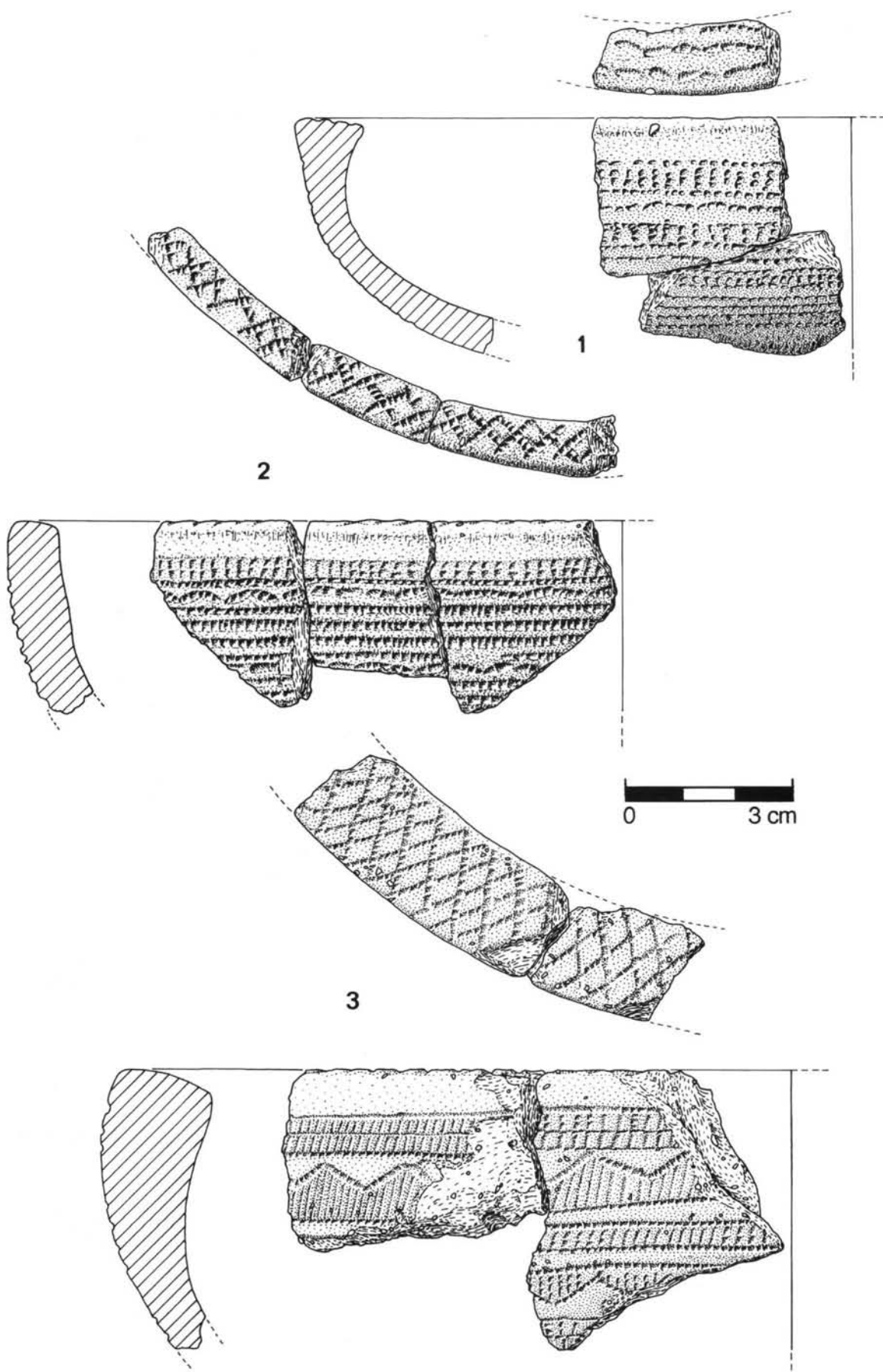


Fig. 43 – Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do interior da *Cabana FM*.

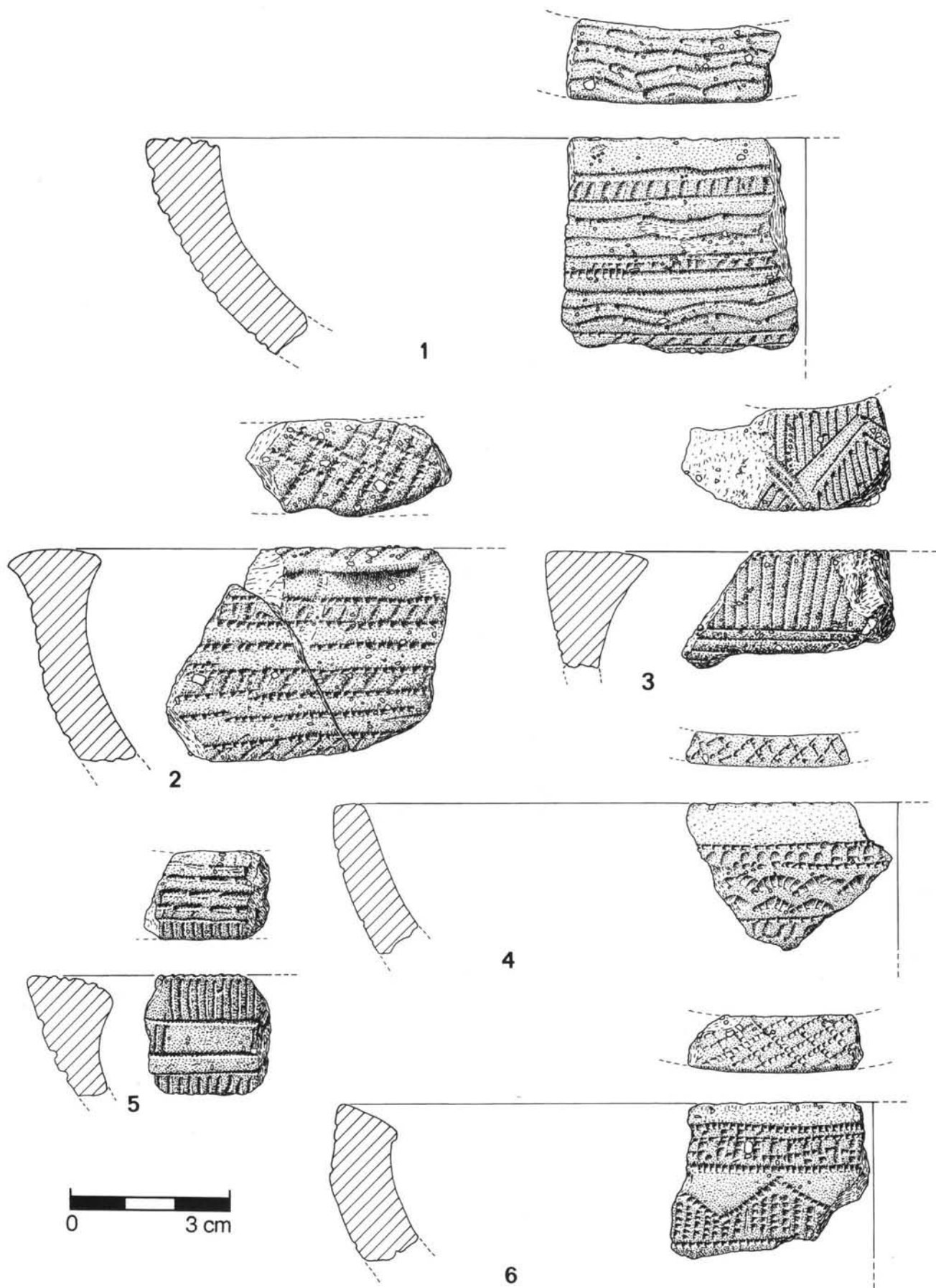


Fig. 44 – Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do interior da *Cabana FM*.

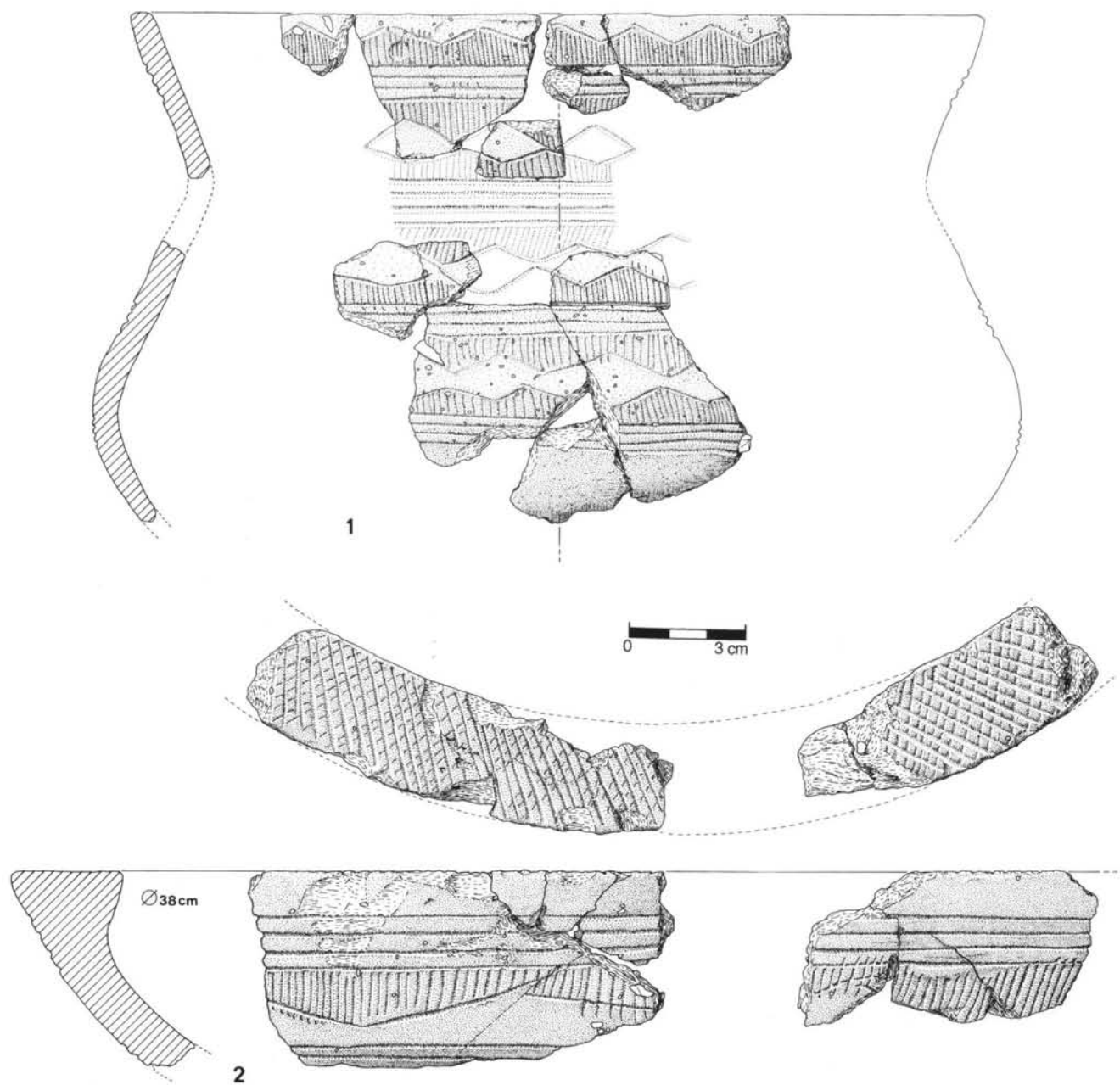


Fig. 45 – Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do interior da *Cabana FM*.

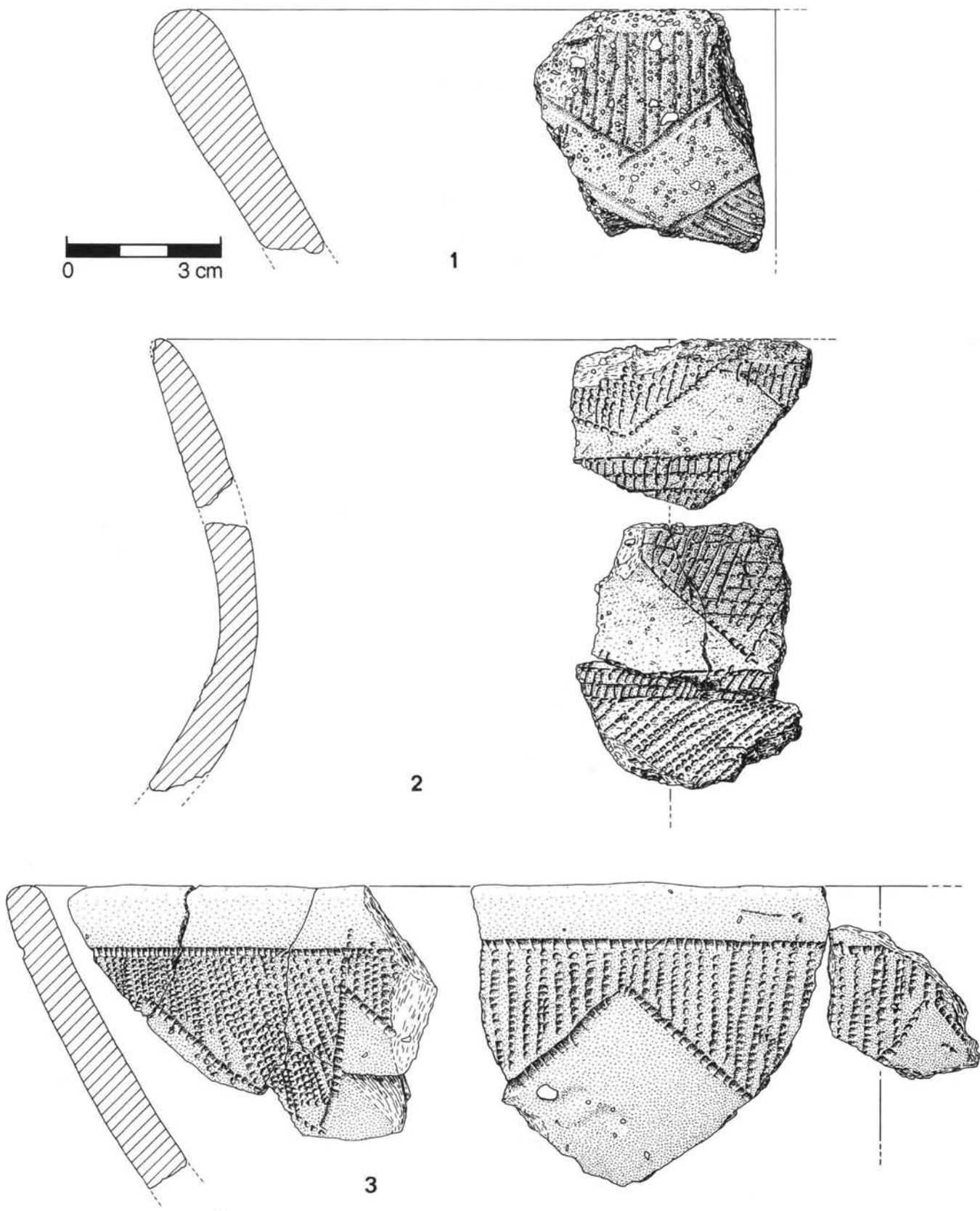


Fig. 46 - Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do interior da *Cabana FM*.

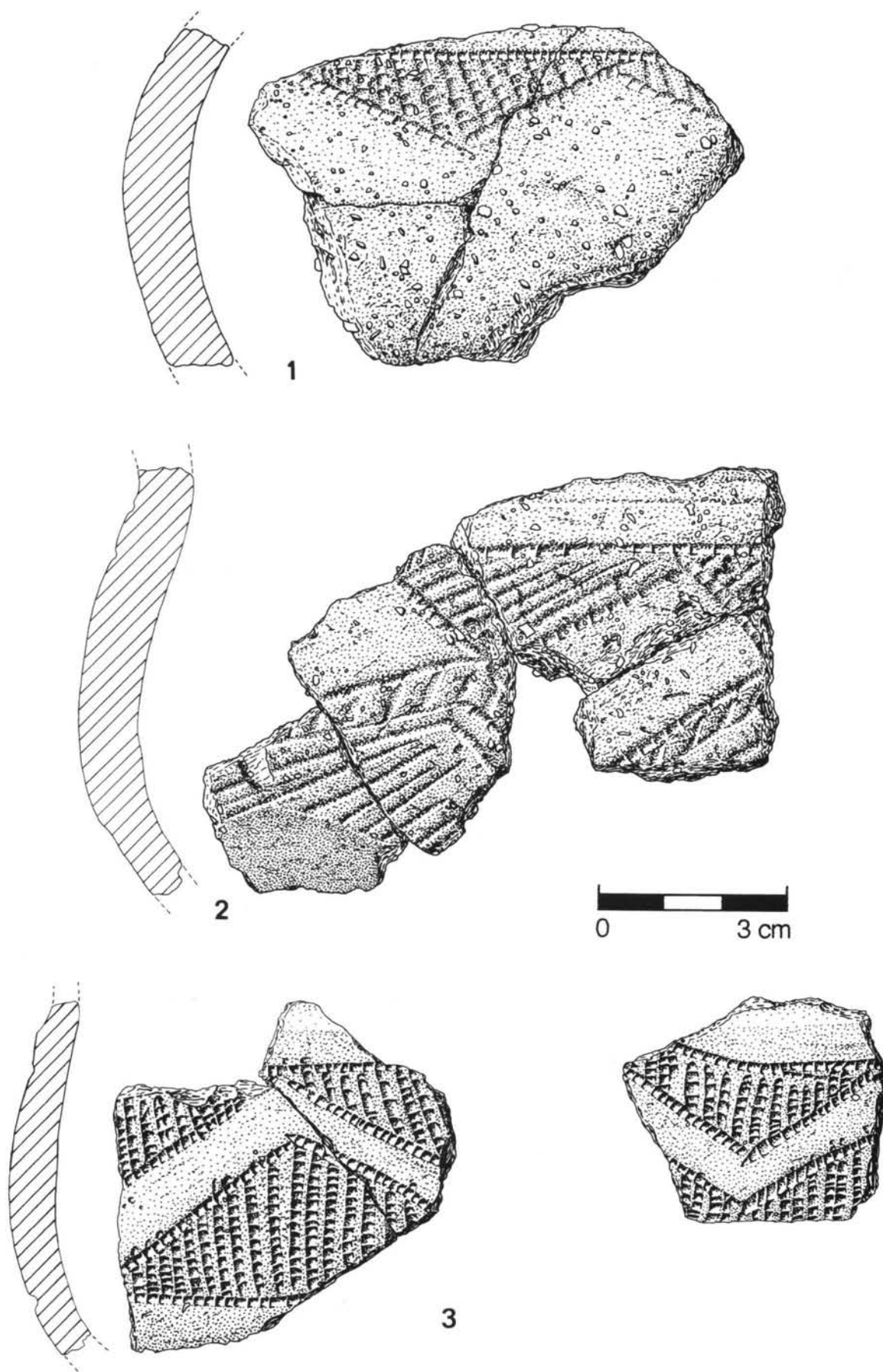


Fig. 47 – Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do interior da *Cabana FM*.

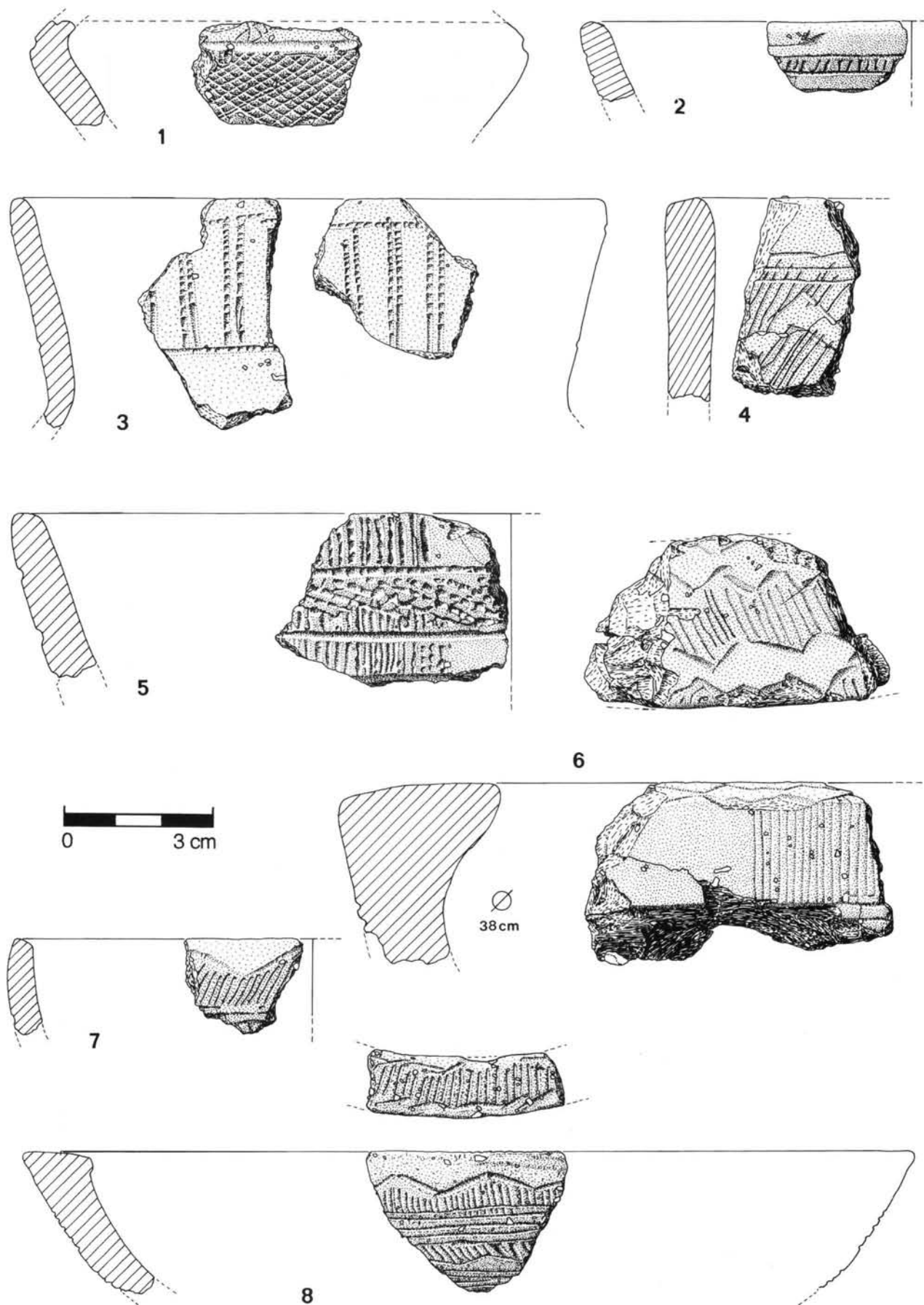


Fig. 48 - Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do interior da *Cabana EN*.

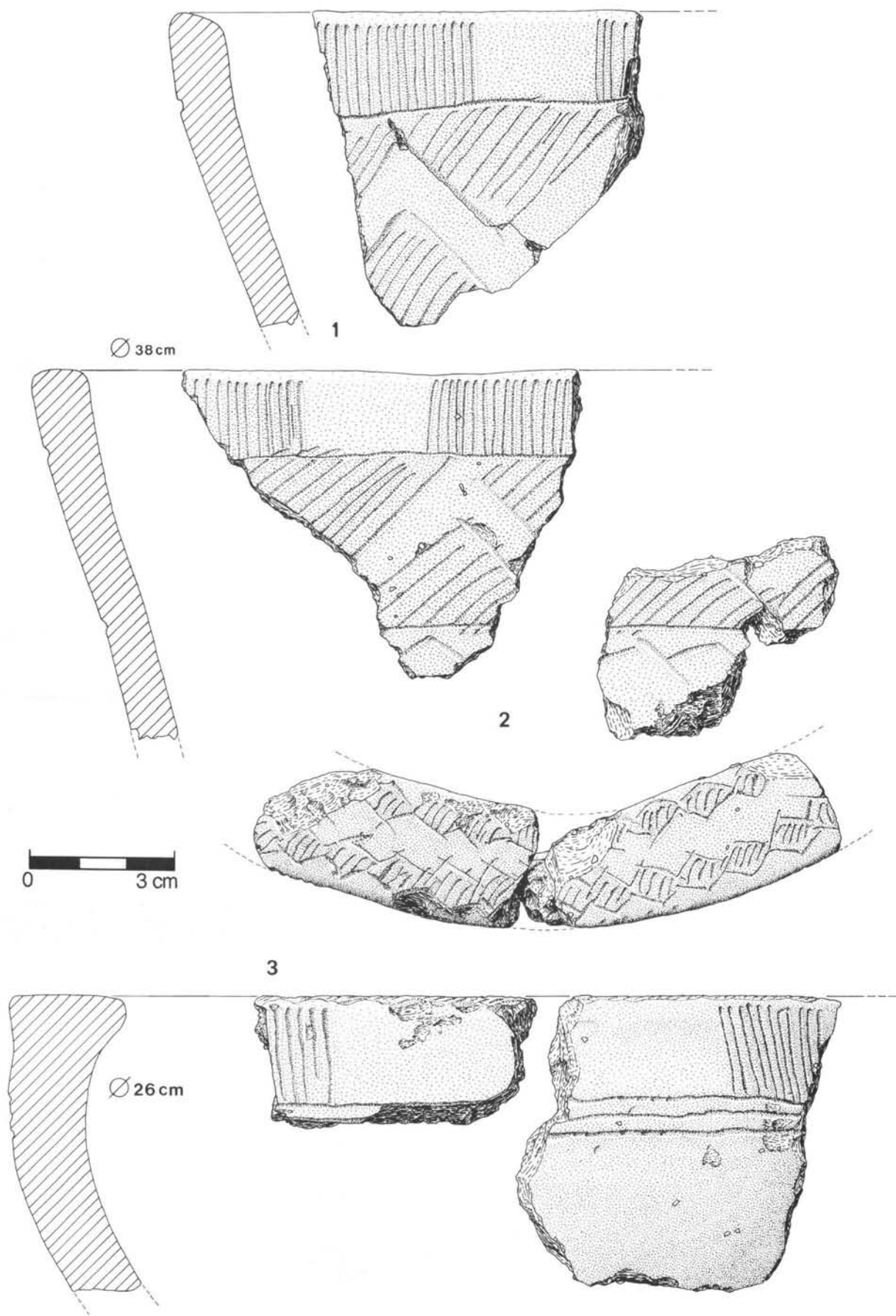


Fig. 49 - Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do interior da *Cabana EN*.

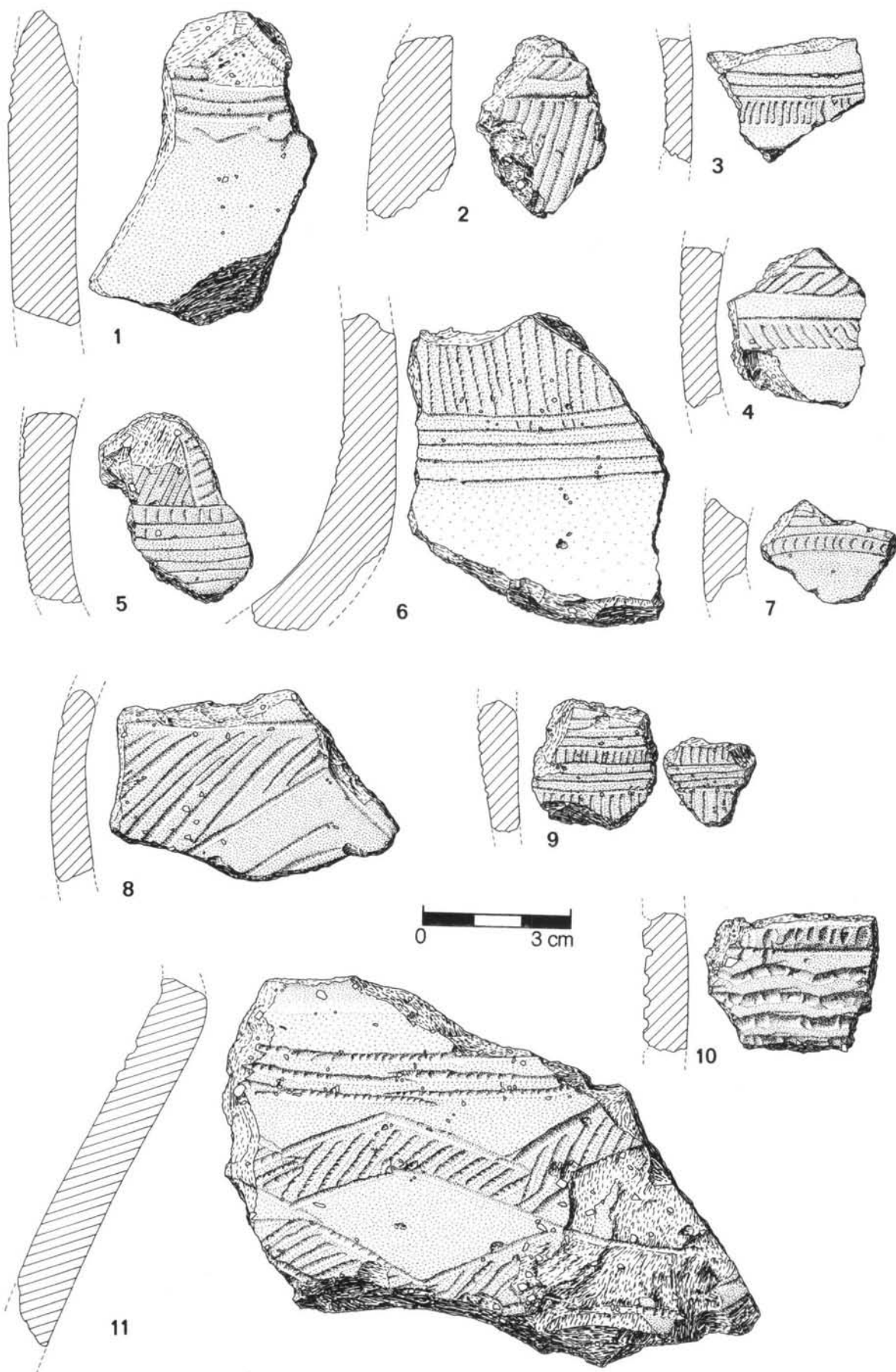


Fig. 50 – Leceia. Cerâmicas campaniformes provenientes do interior da *Cabana EN*.